



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Violência Doméstica contra as mulheres:
Duas histórias de vida narradas no feminino

Maria Leonor Santos Gerardo

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Maria Antónia Carreiras

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Maria Antónia Carreiras

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM Psicologia

Especialidade em Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Maria Antónia Carreiras, apresentada no ISPA – Instituto Universitário
para obtenção de grau de Mestre na especialidade
de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus, por acreditar em mim e estar sempre comigo quando eu mais preciso.

De seguida, tenho de agradecer às minhas entrevistadas, que logo se disponibilizaram tão prontamente, colocando a sua vida a nu, apenas pelo nobre gesto de poder ajudar.

Agradeço à minha filha Francisca que é a minha força diária e razão de sorrir, à minha mãe, que sempre me apoiou nesta pequena grande jornada que tem sido o meu curso e aos meus animais de estimação que amo de paixão, que sempre me acompanham noites a dentro ao computador.

Espero que o meu pai, a minha tia e a minha avó se sintam muito orgulhosos de mim, por ter chegado até aqui. Também sinto o seu apoio e carinho.

À Susana Carlos, às minhas queridas colegas de curso e professores que sempre me têm apoiado, principalmente à minha orientadora de tese, a professora Antónia Carreiras que sempre me deu ideias preciosas para o meu trabalho.

RESUMO

A violência doméstica contra as mulheres é uma problemática universal e ocorre no espaço privado familiar, sendo infligida pelo companheiro com quem partilha a vida, responsabilidades, afeto.

A violência contra as mulheres tem sido apontada não só como uma grande questão da saúde pública tal como um assunto de direitos humanos. Tem igualmente sido estimado pela Organização Mundial de Saúde (World Health Organization - WHO) que 5-20% de anos de vida saudáveis são perdidos em mulheres com idades entre os 15 e os 44 anos, o que pode trazer repercussões negativas na saúde física e mental da mulher, interferindo no seu desempenho familiar, social e profissional.

Utilizou-se um método qualitativo com recurso a duas entrevistas a mulheres que vivenciaram a situação, mas que conseguiram abandonar a relação abusiva.

Os resultados apontam para que a agressividade dos maridos seja um espelho da violência intergeracional sofrida, tal como as consequências de traumas e vivências desfavoráveis das entrevistadas influenciaram a permanência das mesmas nas relações abusivas, formando um quadro relacional complementar e patológico.

Também do lado das entrevistadas existe uma compulsão à repetição dentro das relações afetivas numa tentativa de poder reviver as situações geradoras de conflito e sofrimento para poder sarar a ferida narcísica primária.

Palavras-chave: Violência Doméstica; violência intergeracional; traumas de infância

ABSTRACT

Domestic violence against women is a universal problem and occurs in private family space, being inflicted by the partner with whom to share life, responsibility, affection.

Violence against women has been identified not only as a major public health issue as a matter of human rights. It has also been estimated by the World Health Organization (World Health Organization - WHO) that 5-20% of years of healthy life are lost in women aged 15 to 44 years, which may have negative effects on physical health and mental woman, interfering in their family, social and professional performance.

We used a qualitative approach using interviews with two women who experienced the situation, but managed to leave the abusive relationship.

The results suggest that the aggressiveness of the husbands is a mirror of intergenerational violence suffered, as the consequences of trauma and adverse experiences of respondents influenced their permanence in abusive relationships, forming a complementary and pathological relational framework.

Also on the side of the interviewees there is a compulsion to repeat within intimate relationships in an attempt to revive power-generating situations of conflict and suffering in order to heal the primary narcissistic wound.

Key-words: Domestic Violence; intergenerational violence; childhood trauma

ÍNDICE

Introdução.....	8
1. Enquadramento Teórico.....	10
1.1. Perspetiva histórica das mulheres.....	10
1.2. O Movimento das Sufragistas.....	15
1.3. Papéis de Género	19
1.4. Infância: Feminino vs Masculino.....	21
2. Violência Doméstica contra a mulher em Portugal.....	24
2.1. O Ciclo da violência doméstica.....	27
2.2. Características da mulher vítima de violência doméstica.....	28
2.3. Estratégias de domínio do agressor.....	29
2.4. Modelos teóricos do abandono ou não da relação abusiva.....	30
3. A Violência Doméstica desde a sua origem: uma visão Psicanalista.....	32
3.1. Entrevistas.....	40
3.2. Resumo da primeira entrevista.....	41
3.3. Análise da primeira entrevista.....	42
3.4. Resumo da 2ª entrevista.....	57
3.5. Análise da segunda entrevista.....	58
4. Como os traumas/histórias de vida das entrevistadas influenciaram a sua permanência na relação	76
5. Conclusão.....	87
Referências bibliográficas.....	90
ANEXOS.....	95
A: O Ciclo da violência doméstica.....	96
B: A Roda do poder e controlo.....	97
C: Guião de entrevista	98
D: Transcrição da primeira entrevista.....	99
E: Transcrição da segunda entrevista	124

“La fonction de la violence à la douleur physique chronique qui a pour vocation de protéger le sujet de la douleur psychique et souvent contre les désorganisations somatiques graves” (Papageorgiou cit. par Smadja, 2013, p. 92)

Introdução

A violência doméstica contra as mulheres é uma problemática universal e ocorre no espaço privado familiar, sendo infligida pelo companheiro com quem partilha a vida, responsabilidades, afeto.

Alhabib (2009) refere que a violência contra as mulheres tem sido apontada não só como uma grande questão da saúde pública tal como um assunto de direitos humanos. Tem igualmente sido estimado pela Organização Mundial de Saúde (World Health Organization - WHO) que 5-20% de anos de vida saudáveis são perdidos em mulheres com idades entre os 15 e os 44 anos (p. 381), o que pode trazer repercussões negativas na saúde física e mental da mulher, interferindo no seu desempenho familiar, social e profissional.

Apenas nos anos 70 esta problemática foi trazida a público pelos movimentos feministas crescentes que consideravam de extrema importância levantar o véu dos abusos cometidos dentro de quatro paredes, os quais eram considerados de foro privado.

O desrespeito pelos direitos da mulher enquanto pessoa, a violência a que está sujeita dentro de casa que deveria ser um local seguro e as desigualdades de género, tornaram-se preocupações mundiais. As leis começaram a sofrer alterações que visavam a promoção e a consciencialização dos direitos individuais, sendo a Organização das Nações Unidas e Conselho da Europa entre muitas outras organizações e governos, os principais responsáveis por essas mudanças.

Embora a mulher tenha ganho um papel mais destacado publicamente, as mudanças não se fizeram sentir em termos socio-culturais e políticos. Prova disso são os papéis de género tidos como tradicionais que se continuam a transmitir de geração em geração, tal como cuidar da casa, do marido e dos filhos e no campo profissional os homens continuarem a auferir ordenados mais elevados que as mulheres e a obter assim as melhores oportunidades de carreira.

No fundo, o papel da mulher na sociedade é um pouco clivado. De um lado obtém o reconhecimento dos seus préstimos enquanto mulher, mãe, filha, mas por outro tenta-se a todo o custo mantê-la (apenas) dentro desse seu papel tradicional.

Seguindo esta perspetiva social patriarcal, muitas vezes entra-se na dicotomia feminino/masculino, fraco/forte, submisso/dominador, o que potencia fortemente a violência doméstica, sendo que estes valores estão enraizados na sociedade e nas famílias sendo transmitidos desde a infância.

Alhabib (2009) afirma que todos os tipos de violência têm vindo a aumentar com o passar do tempo, apesar do aumento dos serviços legais para vítimas de violência. A autora alega que existem leis, tal como a lei Internacional da Convenção na Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, mas estas carecem na prática de sanções e assim a sua implementação pode ser facilmente evitada. Dessa forma, “as relações interpessoais tradicionais dentro das sociedades podem continuar a potenciar condições que perpetuam o uso da violência” (Khawaja and Barazi, 2005; Michalski 2004, cit. por Alhabib, 2009)

Os estudos feitos sobre a violência doméstica contra as mulheres, entre 1995 e 2006, mostraram que independentemente do tipo de violência cometido (físico, psicológico ou sexual), esta atinge proporções epidémicas em muitas sociedades, o que sugere que nenhum tipo de grupo racial, étnico, ou socio-económico está imune ao fenómeno.

Assim, na primeira parte do trabalho é essencial percebermos o papel da mulher ao longo dos tempos. Como se inseria na comunidade, no casamento, na sociedade. O que poderia esperar e principalmente o que era esperado dela. Objeto, mulher, trabalhadora, mãe, esposa, todos os papéis lhe podem ser inculcados. Desde Roma Antiga até aos dias de hoje, muitas alterações aconteceram, mas apenas no séc. XX foram conquistadas medidas definitivas a nível de direitos sociais e de igualdade de género, principalmente com o movimento das sufragistas. Porém, é na infância, no seio familiar, através dos primeiros valores que nos são transmitidos, que as diferenças sexuais e os papéis de género começam a ser internalizados.

Importa perceber como a violência acontece, desde a sua origem, a forma como ela é transmitida ainda que por vezes subtilmente, desde o contexto mais alargado como a sociedade, comunidade, cultura, até ao familiar e principalmente o pessoal. O que se entende

por violência doméstica, que tipos de violência doméstica existem, o que os autores consideram sob um ponto de vista psicanalítico. Quando se compartilha a vida com alguém espera-se amor, união, compreensão, proteção, no entanto, o inimigo dorme na mesma cama.

Desta forma a principal questão deste trabalho é perceber a origem da violência e a forma como esta se manifesta no agressor dentro da relação e simultaneamente tentar compreender se nas vítimas a existência de traumas familiares ou situações de vida menos boas influenciaram a sua permanência ou dificuldade em sair da relação abusiva. Tentaremos perceber melhor através de duas entrevistas feitas a mulheres que viveram a situação, quais os motivos da agressividade no marido, como elas reagiam, de que forma o seu historial de vida influenciou ou não a sua posição na relação e finalmente, como elas conseguiram sair da relação, analisando-as com um olhar psicanalítico. Note-se que a escolha das entrevistadas recaiu sobre alguém que já saiu da relação, numa tentativa de mostrar que, embora difícil, é possível fazê-lo.

Torna-se necessário uma pesquisa mais concentrada e culturalmente sensível que nos permitisse uma maior compreensão do âmbito e das causas da violência contra as mulheres que por sua vez nos levariam a esforços preventivos e interventivos mais eficazes.

1. Enquadramento Teórico

Conhecer o papel das mulheres ao longo da história é fundamental para compreendermos a problemática da violência doméstica. A luta pelos seus direitos, como o simples ato de votar é historicamente recente só possível desde os anos 70 do século passado. Viver num mundo patriarcal tem os seus efeitos e consequências.

1.1.Perspetiva histórica do papel das mulheres na sociedade

“Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda-nos a compreender como a relação de dominação, que é uma relação historicamente, culturalmente e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical,

irredutível, universal.” (Duby & Perrot, 1995, p.40)

Desta forma, os papéis e as funções atribuídas ao feminino/masculino estão ligados ao contexto histórico de cada época, tomando como “natural” a diferença biológica entre os diferentes sexos e logo conseqüentemente, a diferença social que assim os determina.

Ao homem têm sido atribuídos os papéis de virilidade, de autoridade, da responsabilidade pelo sustento da sua família enquanto que da mulher espera-se submissão, afetividade e por conseguinte, dependência econômica.

“A forma de constituição da família tem tido ao longo dos tempos e nas diferentes sociedades diferentes objetivos e regras orientadoras. A mulher não foi, ao longo de vários séculos, reconhecida como pessoa com direito a participação social, sendo instrumentalizada com diversos objetivos sociais, políticos e religiosos estabelecidos por uma sociedade de organização patriarcal. Tempos houve em que as famílias se constituíam com o objetivo de preservar a linhagem familiar e de estabelecer alianças familiares e econômicas. Eram os progenitores que decidiam o futuro casamento dos seus filhos.” (Silva cit. por Branco, 2007, p.23)

Na Grécia e Roma antigas, nas Civilizações da há 6000 anos, a mulher não tinha direitos jurídicos e estava submetida ao poder do homem, sendo primeiramente do pai e depois do marido. Eram os pais que decidiam o seu casamento logo na infância ou o combinavam com o homem que pretendesse desposá-la. Este podia inclusive repudia-la ou até matá-la. Já as crianças e os servos também não possuíam quaisquer direitos e estavam sob o domínio absoluto dos seus senhores.

Relativamente à Grécia Antiga, Duby (2009, p. 21), refere “Sem contar que, neste país de cultura essencialmente patriarcal, o homem era, em pleno direito, o senhor absoluto da sua mulher, exatamente como se fosse uma criada, um animal ou um bem.”

Os próprios deuses não escapavam e estes episódios conturbados. “No mito sumério, o deus Enlil espreita a jovem deusa Ninlil, deita-se sobre ela, viola-a e engravida-a, de tal forma que os outros deuses, revoltados com este mau comportamento acabam por o banir – o que não o impede de recomeçar” (Duby, 2009, p. 21)

Assim, as mulheres não tinham direito a heranças, fazendo no entanto parte das mesmas. A principal função da mulher era então a transmissão de heranças, assegurar a descendência e

estabelecer assim novas alianças familiares. Os homens podiam pagar um dote ao pai da mulher que lhes interessasse para lhe garantir a descendência e caso isso não acontecesse o pai da noiva teria de devolver o dote ou então suspender o pagamento até nascer o primeiro filho. Os filhos que nascessem rapazes eram melhor tratados e as meninas podiam ter direito à vida ou não, consoante a vontade do pai.

No entanto a partir do séc. XI, com a conversão do Imperador Constantino ao Cristianismo, as mulheres ganharam alguns direitos que as favoreceram socialmente. As que fossem solteiras e tivessem mais de vinte e cinco anos teriam direito a bens da família, ou seja, começaram a ter direito a heranças, tal como as viúvas. A mulher começou a poder participar em atividades económicas como na produção de géneros alimentares e a ter o papel de educadora tanto a nível familiar como religioso. A Igreja Católica impôs que o casamento fosse celebrado por mútuo consentimento dos noivos, permitindo assim o direito a opinar sobre o mesmo. Caso a mulher não concordasse com o casamento podia recolher-se nos conventos para fugir ao casamento e os seus bens passavam para a Igreja.

Quanto ao casamento, a Igreja Católica deliberou a sua indissolubilidade, para impedir novas uniões e condenou o adultério, não reconhecendo os filhos que nascessem fora do casamento, os ilegítimos. Embora a Igreja tenha valorizado a mulher e o seu papel na família, tal não aconteceu com a sua sexualidade, pois só poderia ter relações sexuais depois do casamento e apenas para reprodução, sem ter direito ao prazer. Enquanto que o homem, como era para assegurar descendência, já podia ter prazer.

Entre os séculos XI e XIV houve um retrocesso nos direitos da mulher. Esta passou a ser isolada nos conventos ou em casa, o que a impossibilitava de exercer atividades comerciais ou de educadora. A educação foi igualmente interdita, passando o Episcopado a monopolizar escolas e universidades, sendo muitas mulheres vítimas por parte da inquisição por contestarem estas ideias. De realçar que a Igreja nesta altura já havia enriquecido bastante o seu património à custa de mulheres que se enclausuravam nos seus conventos e abdicavam dos seus bens. No entanto, “ as praticas materialistas da Igreja começaram a ser reprovadas, originando a diminuição desses proventos, o que contribuiu para o fortalecimento do Estado e das famílias, favorecendo as mudanças sociais que se seguiram.” (Silva cit. por Branco, 2007, p. 23)

Do séc. XVI ao XVIII o Estado começou a ter um papel mais forte socialmente, nomeadamente na alfabetização. A dimensão comunitária desapareceu e a vida familiar começou a ser privatizada, sendo a casa de família um local de auto-subsistência e de produção de bens para troca e simultaneamente um local de mais privacidade onde se construía relações afetivas. Poderiam existir famílias alargadas com elementos que não tivessem laços de sangue mas que participavam na produção familiar. As tarefas eram ensinadas às crianças conforme o género de cada uma: as meninas aprendiam com as mães a tratar da casa e da família, como alimentação e vestuário, enquanto que aos rapazes era ensinado o trabalho fora de casa. Todos os elementos cooperavam nas tarefas e a casa não tinha divisões, sendo um espaço amplo que não permitia grande privacidade. “O homem era o chefe de família e a mulher era subordinada tanto económica como moralmente” (Branco, 2007, p. 24)

Os princípios morais da época não permitiam demonstrações de afeto entre o casal e o homem podia utilizar a força física como um direito. As relações sexuais continuavam a ter como único objetivo a reprodução. O casal só podia contrair matrimónio quando tivesse possibilidades económicas para isso enquanto que os filhos eram considerados apenas força de trabalho. Os rapazes deviam ter terras para cultivar e as raparigas ter dote, o que fez com que os casamentos fossem mais tardios. Toda a família trabalhava em prol do filho mais velho para este ter meios para casar, enquanto que os outros filhos podiam continuar solteiros. “Na vida social as famílias participavam em festas, nas atividades religiosas e no controlo mútuo para a manutenção da moralidade social.” (Silva cit. por Branco, 2007, p. 24) No decurso do séc. XVIII, com o desenvolvimento da Medicina e conhecimentos da Filosofia a criança começou a ser mais valorizada pela família, passando a ser o centro da atenção da mesma. Tal fato valorizou o papel da mulher como educadora e mãe o que levou a que o homem, continuando a ser o chefe de família, começasse a ver a mulher como companheira que educa os filhos.

A Revolução Industrial, que teve início em Inglaterra, levou a grandes movimentações de população nomeadamente do meio rural para as cidades. Este movimento era encabeçado principalmente pelos jovens, que nas cidades começaram a trabalhar nas fábricas enquanto as mulheres ficavam em casa, como domésticas, deixando assim o trabalho rural muito mais pesado. Ainda que sendo mais fácil para o casal conseguir obter dois salários e tornar-se

economicamente independente da família para poder casar, para as mulheres era sempre mais difícil conseguir emprego, podendo estar longos períodos desempregadas. Ainda assim as relações afetivas começaram a decorrer mais livremente apesar das diferenças de género a nível profissional se acentuarem.

Na Revolução Industrial é efusivo o discurso que marca ainda mais estas diferenças sexuais e as legitimam, quer através da economia política, das legislações estatais, das reivindicações sindicais ou das exigências dos patrões que levaram a uma clara diferenciação “entre atividade doméstica e atividade assalariada, entre função reprodutora e trabalho produtivo, entre lar e fábrica” (Duby & Perrot, 1995, p. 41). A consequência foi indubitavelmente a diferença sexual da mão-de-obra no mercado de trabalho que colocava as mulheres sempre na base da hierarquia profissional e lhes proporcionava salários mais mal remunerados que não lhes garantia a subsistência.

Relativamente aos casamentos ao longo da história, podemos constatar que existe uma grande diferença relativamente à idade em que os noivos o efetuavam. Duby refere um estudo de Pierre Chaunu, onde este autor traçou uma ampla síntese desde a Idade Média até aos nossos dias, nomeadamente entre as sociedades da Europa do Noroeste e as restantes sociedades. Constatou que em pequenos grupos ocidentais, o casamento era mais tardio, podendo a idade da noiva rondar os 25 anos, o que contrariava a restante população, onde o casamento acontecia logo após a puberdade, constados principalmente em finais da Idade Média. “O pequeno destacamento dos casamentos tardios se separou da grande massa dos casamentos pós-pubertários” (Duby, 1992, p. 133)

No entanto com a Revolução Industrial, os casamentos começam a ser fruto do amor e não de alianças familiares. A família passou a ser constituída pelo casal e pelos filhos, muitas vezes a viverem noutra área geográfica longe da família de origem. Esta constituição mais pequena da família permite-lhe mover-se mais facilmente e responder melhor às necessidades profissionais.

Embora as famílias tenham sofrido estas modificações, os papéis continuaram a ser atribuídos em função do sexo. “Ao homem cabia desempenhar um papel instrumental, isto é, o elemento ativo a nível económico e responsável pelo sustento material da família, estabelecendo o elo de ligação entre a mesma e a sociedade. À mulher cabia um papel

expressivo, sendo a responsável pela manutenção do lar e pelas crianças, papel reforçado e justificado pela teoria Psicanalítica que considera a mãe o elemento fundamental para o desenvolvimento da afetividade da criança e da relação entre o progenitor e o filho. A aprendizagem destes papéis, socialmente construídos, passou a ser uma função central da família.” (Branco, 2007, p. 27). De seguida, estes valores e normas eram transmitidos às crianças que aprendiam por identificação com os adultos de cada sexo quais as diferenças nos papéis a desempenhar tanto familiar como socialmente com base na diferenciação sexual.

Relativamente ao divórcio este conheceu um longo percurso até conseguir ser estabelecido. Apenas a 20 de setembro de 1792 em Paris na Assembleia Legislativa, o divórcio era oficialmente decretado. “Em menos de uma hora punham em debandada mil anos de tradições” (Duby, 1992, p. 273). O maior inimigo do divórcio sempre foi a Igreja que conseguira, ao longo dos séculos, impor e manter o casamento indissolúvel. Ainda a sua influência sobre os senhores da Europa pós-Romana igualmente ajudaram a vencer o divórcio “O que Deus uniu o Homem não deve separar” (Mateus cit. por Duby, 1992, p. 273). Relativamente à mulher no casamento o mesmo autor refere “ela apenas deve contrapor a paciência aos maus modos do marido e até aos seus maus tratos. Deve considerar isso como coisa que acontece como vontade de Deus e como uma cruz que lhe é enviada por causa dos seus pecados. Isso não deve impedi-la de se antecipar, em todas as circunstâncias, fazendo tudo quanto possa para agradar ao marido e não devendo ela abandoná-lo, a menos que as coisas tenham chegado aos maiores extremos”, afirmação proferida por Pothier, célebre Jurisconsulto do séc. XVIII. (Pothier cit. por Duby p. 274)

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das “mentalidades”, mais atenta ao quotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair desta sombra. E mais ainda o movimento das próprias mulheres e as próprias interrogações que suscitou. “donde vimos? Para onde vamos?”, pensavam elas; e dentro e fora das universidades levaram a cabo investigações para encontrarem os vestígios das suas antepassadas e sobretudo para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo. (Duby & Perrot, 1991, p. 7)

1.2 : Movimento das Sufragistas

A mulher não foi sempre considerada cidadã e teve vedada durante muito tempo a participação na vida pública, quer no acesso ao trabalho remunerado e à educação, quer no direito à opinião e à participação. É verdade que também nem todos os homens tiveram esses direitos durante os diversos períodos da História. Foram direitos durante muito tempo reservados à classe social dominante, mas no que se refere às mulheres, a situação prolongou-se durante muito mais tempo pelo facto de serem do sexo feminino, numa sociedade patriarcal e foram as lutas das mulheres que permitiram a conquista de direitos até então reservados aos homens. (Branco, 2007, p. 34)

Começou por volta do séc. XVIII em França e em Inglaterra o que podemos denominar de movimento feminista. Mulheres que reclamavam o direito de igualdade de género, lutando contra a sociedade patriarcal que defendia a superioridade nas capacidades e no trabalho do homem. Em finais desse século, tanto nos Estados Unidos da América como na França foram reconhecidos todos os indivíduos como cidadãos, com direitos cívicos e políticos, exceto as mulheres. Tal como os homens, elas haviam lutado tanto na Revolução Francesa tal como na colonização da América, porém não viam os seus direitos reconhecidos. Embora nalguns estados americano durante a colonização tivesse sido permitido o voto às mulheres e até a sua participação ativa na sociedade. Em França Olimpe Gouges apresentou a “Declaração dos Direitos da mulher e da Cidadã” no ano de 1791, que nunca chegou a ver publicada e que lhe valeu uma condenação à morte, enquanto que em Inglaterra, Mary Wollstonecraft publicou o primeiro documento escrito feminista denunciando uma sociedade patriarcal, onde os hábitos de socialização impostos, dificultavam a expansão das capacidades femininas e consequentemente as mudanças reivindicadas pelas mulheres que tentavam esbater assim as assimetrias entre homens e mulheres.

Embora os homens não facilitassem, as mulheres nunca desistiram de ver os seus direitos conquistados e equiparados aos dos homens, quer pelo direito ao voto, quer pelo acesso ao ensino, ambos apenas acessíveis aos homens.

Foi então no séc. XIX que os povos começaram a perceber melhor a opressão em relação às mulheres numa sociedade dominada pelos homens. Os grupos de mulheres que lutavam pelos seus direitos à igualdade, tanto profissionalmente, como no acesso ao ensino, na família e no casamento, tal como no divórcio também. Para tal seria necessário poder tomar decisões sobre si próprias e sobre a sua vida e sem esmorecer, utilizavam para a divulgação

da sua luta, os jornais dirigidos por si, conseguindo assim um maior destaque e áreas abrangidas. Em breve, as mulheres viram os primeiros resultados da sua luta. Em 1848, foi declarado através da Convenção dos Direitos da Mulher em Seneca Falls, Nova Iorque, a igualdade de direitos e o direito ao voto.

Apenas em meados do séc. XIX as mulheres tiveram acesso a colégios e escolas exclusivamente femininas, enquanto que o ensino superior só começou a admitir a sua presença em finais desse século.

Entretanto, a 1ª Grande Guerra “surge então como profundamente conservadora, na medida em que, longe das aspirações igualitárias e das questões de identidade, fomenta, mesmo no feminismo, o triunfo de um pensamento dicotómico em matéria sexual” (Duby & Perrot, 1991, p. 13), na medida em que contribuiu mais para travar a mudança do que para a acelerar. As mulheres na política eram vistas pelos seus colegas como intrusas, e por vezes até por elas próprias.

Foi entre os finais do séc. XIX e inícios do séc. XX que o movimento das Sufragistas ficou conhecido como a luta das mulheres pelo direito ao voto e conquista do espaço público até então exclusivamente masculino. Este movimento vinha alterar a ordem social da época, trazia instabilidade e as sufragistas eram consideradas uma ameaça às famílias, pelo que as suas reivindicações só foram sendo concedidas anos mais tarde, sendo a Finlândia o primeiro país europeu a reconhecê-lo formalmente em 1906, seguido da Inglaterra em 1928 e da França só em 1945.

Simultaneamente, em 1917 na Grande Guerra “passada a ilusão de uma contenda rápida, a guerra obriga a recorrer à mão-de-obra feminina.” (Duby & Perrot, 1991, p.37)

O trabalho feminino que era tido como insignificante antes da guerra torna-se indispensável e catapulta as mulheres para o mercado de trabalho. Os mesmos autores referem (p. 36) “servir torna-se, com efeito, a palavra de ordem das Francesas, que se dedicam a reconfortar os soldados nas cantinas de estação, a cuidar dos feridos nos hospitais auxiliares das sociedades das Cruz Vermelha ou a alimentar os que não têm recursos”. Tanto nas fábricas, no comércio, nos escritórios, de forma generalizada, o trabalho feminino preside a um forte crescimento, por vezes até associado a alguma “masculinização”. A guerra constitui uma experiência de liberdade e de responsabilidades sem precedentes, valorizando então o trabalho feminino ao

serviço da pátria e simultaneamente, abrindo novas oportunidades profissionais. As feministas vão ganhando terreno, tendo cada vez mais peso no panorama político-social, que culmina com o direito ao voto.

“Uma das conquistas que o século XX terá tornado possível e cujo alcance é eminentemente político, uma vez que vemos as mulheres passarem para o lado do movimento (sufragista), o que, de resto, traduz a evolução, de 1945 em diante, do voto das mulheres” (Duby & Perrot, 1995, p. 166)

Na segunda metade do séc. XX era já grande o número de mulheres, com ou sem filhos, que participavam no mercado de trabalho e nessa altura o facto não se devia exclusivamente à necessidade de mão-de-obra ou de incremento do orçamento familiar mas sobretudo a uma nova geração de mulheres com um nível de estudos mais elevado. (Branco, 2007, p. 36). Enquanto que até finais do século XIX as mulheres eram excluídas do ensino superior, nos anos 20, representavam quase metade dos estudantes.

Nos anos sessenta, ressurgiu o movimento feminista tendo como grandes impulsionadoras Simone de Beauvoir, que lançou o seu livro “O Segundo Sexo” em 1949 e Betty Friedan nos Estados Unidos, em 1963, com o livro “A Mística da Feminilidade”, que chamaram a atenção, logo após a conquista do direito ao voto, para a diferenciação de papéis sociais baseados unicamente no sexo que continuavam a oprimir a mulher no casamento e na família. Assim as sufragistas, aliaram-se a partidos políticos e recorreram à imprensa para divulgação dos seus ideais, fazendo com que depressa o seu movimento tomasse proporções internacionais, alargando a sua luta geograficamente nos anos 70.

Em muito contribuiu esta luta do movimento feminista pelos direitos das mulheres que facilitou o acesso a métodos de contraceção e a trabalhos com remuneração. Estes novos fatores levaram a um maior orçamento familiar e um número menor de filhos, o que proporcionou por um lado, a facilidade da mulher trabalhar fora de casa e simultaneamente um maior percurso académico aos filhos. A partir daqui as novas gerações já puderam incrementar um novo estilo de vida.

Mudanças ao nível da estrutura e na funcionalidade familiar tornaram-se inevitáveis: a entrada da mulher no mercado de trabalho, a suas habilitações académicas estarem cada vez mais equiparadas às dos homens, o surgimento de uma carreira profissional juntamente com as movimentações políticas e sociais que promoviam os direitos humanos. Tudo caminha no

sentido de uma igualdade de género e de liberdade individual. A mulher passa tanto tempo fora de casa como o homem e ganha um ordenado, o que faz com que se torne economicamente autónoma e assim igualmente provedora das necessidades familiares.

Em Portugal, desde o início do século que algumas mulheres com instrução superior iam manifestando algum mal-estar com a condição feminina. Legalmente o marido tinha poder para castigar a mulher fisicamente, tanto que no Código Penal até 1974 era conferido atenuante para homicídio praticado pelo marido à sua mulher caso existisse um amante. Ao contrário, porém, se fosse a mulher a matar o marido, só teria atenuante se coabitasse com a amante. A mulher estava ainda em posição subalterna em relação ao homem, que detinha o poder de decidir sobre ela, por esta ser considerada incapaz e mera reprodutora de filhos.

Apenas com o 25 de Abril de 1974 é que os poderes do marido foram legalmente abolidos e o direito ao voto sem restrições foi conseguido, trazendo então finalmente a evolução na igualdade de direitos devidamente legislada na Constituição de 1976.

“ Em suma, no século XX, as mulheres conquistaram a liberdade, a dignidade, mas não a igualdade, e daí todo o grande interesse de reflexão desenvolvida ... em torno dos problemas da educação e do emprego”. (Duby & Perrot, 1995, p. 166)

Embora se verifiquem cada vez mais níveis de igualdade nas habilitações formais, continua a existir desigualdade nas perspetivas profissionais e nos salários. As mulheres continuam a ser orientadas para carreiras tradicionais como costura, secretariado, cuidados de beleza, áreas de literatura no ensino secundário enquanto que os rapazes são orientados para as áreas técnicas e de ciências.

1.3. Papéis de Género

“ O papel consiste num conjunto de condutas específicas e esperadas de cada indivíduo, na família e na sociedade, determinadas pelo sexo biológico. O papel de cada indivíduo tem uma estreita ligação com a sua condição (status), já que é a partir do cumprimento dos diversos papéis que cada indivíduo desempenha que é construída a identidade social como homem ou como mulher.” (Segalen cit. por Branco, 2007, p. 29)

Os aspetos biológicos do sexo e da procriação estiveram na base da diferenciação entre homens e mulheres à escala universal, sendo assim efetuada a construção social. Nesta

construção foram necessárias estabelecer regras fundamentais para o seu funcionamento, tais como a proibição do incesto, a forma de união entre os sexos e a divisão do trabalho segundo o sexo, sendo estas permitidas através da diferenciação corporal entre homens e mulheres e que são (Heritier cit. por Branco, 2007, p. 28) “ pilares fundadores da sociedade”.

Nas últimas décadas, apesar das muitas mudanças no sentido de mais igualdade entre homens e mulheres, ainda permanecem nas mentalidades, no ambiente cultural e familiar muitas dificuldades em dissociar as pessoas do seu papel reprodutivo. A difusão de novos valores, de diferentes comportamentos e as leis que decretam a igualdade, não alteraram ainda a realidade vivida, já que esta não revela completamente essa tomada de consciência (Silva cit. por Branco, 2007, p. 31)

O trabalho feminino é reconhecido desde sempre. Embora as mulheres, ao longo da história, tenham tido tarefas diferentes dos homens, tanto nas aldeias como nas cidades, estas embora distintas, coexistiam. No entanto, o trabalho doméstico não era partilhado.

“As mulheres eram as responsáveis pela dimensão do espaço da casa, alimentação, roupas, os cuidados aos filhos e aos mais velhos. Os homens desenvolviam somente o trabalho fora do mesmo. O espaço masculino de encontro e lazer era o café, fora do espaço feminino que era a casa”. (Segalen cit. por Branco, 2007, p. 31)

Podemos afirmar que houve evolução social, nomeadamente na igualdade da mulher, com maior facilidade em aceder à educação, à formação e a profissões tradicionalmente masculinas. O mesmo não podemos afirmar relativamente à evolução no terreno familiar que parece resistir quanto à partilha de responsabilidades e tarefas no espaço do lar. Alguns autores consideram que a rede de apoio exterior ao casal, tal como os amigos, familiares ou vizinhos são um fator não só determinante para a hierarquização entre marido e mulher tal como para a divisão de tarefas por género. Essa rede de apoio poderá exercer uma pressão social do reconhecimento e cumprimento das normas patriarcais pré-estabelecidas tal como incentivar a procura de apoio de cada um dos cônjuges no exterior e não um no outro.

A evolução dos papéis de género tem vários fatores implicados tais como culturais, sociais, contextos económicos, condições de trabalho, estando em constante interação e levando a que as mudanças trazidas favoreçam a igualdade no casal.

Branco apresenta três fatores que segundo Segalen (p. 32) que seguramente favorecem uma partilha de papéis mais igualitária. O primeiro surge com a transformação da arquitetura do

interior da casa. A casa passou a ser dividida com partes para fins específicos que até então não existiam. A casa era essencialmente um espaço feminino que fazia com que o homem procurasse no café um espaço masculino. Agora ganhava-se mais privacidade, com o aparecimento da eletricidade e das novas tecnologias, o casal já podia usufruir da rádio e da televisão junto com os filhos, passando a casa de um local de refeições e dormitório a ser um local de convívio e lazer. Agora o homem já podia passar mais tempo com a família e começou a investir mais no espaço doméstico através de melhorias, eletrodomésticos, o que subiu a qualidade de vida da família.

Outro fator foi, por volta de 1962, o regresso da mulher ao mercado de trabalho. Embora o fenómeno tenha tido início por volta desse ano, tal tomou proporções massivas entre 1968 e 1975. Simultaneamente os meios anticoncepcionais eram mais eficazes e a mulher já podia controlar melhor o número de filhos que queria ter e poder assim trabalhar fora de casa. A mulher começou a ser vista não só como alguém que cuida dos filhos mas também como alguém que contribui economicamente para o grupo familiar, melhorando substancialmente a educação e formação dos filhos.

Como último fator surge a alteração da mentalidade relativamente ao trabalho feminino até então confinado ao papel de mãe e de dona de casa. Embora tenha havido evolução no papel feminino este manteve-se sempre no modelo assimétrico relativamente às oportunidades profissionais concedidas ao homem, tal como na sociedade e na família.

Segundo Branco (2007, p. 34) “ a sociedade Portuguesa viveu durante muitos anos, até poucas décadas atrás, imersa na diferenciação (hierarquização) entre homens e mulheres e, foi nesse contexto social que muitos adultos de hoje foram socializados, os quais por sua vez socializaram os mais novos que, um dia no futuro próximo, socializarão outros, num ciclo ininterrupto, em que as ideias não se traduzem completamente na prática da vida real. A igualdade entre homens e mulheres se bem que atenuada e pretendida ainda não é paritária nas diversas dimensões da vida social”.

1.4. Infância: Feminino versus masculino

“ Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, económico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização

que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (Beauvoir, 1949, p. 13)

Na infância a criança não apreende a diferenciação sexual. Apenas o outro é capaz de a fazer sentir-se como alguém. A primeira apreensão do mundo é conseguida através do corpo, quer seja no masculino ou no feminino, uma leitura feita através dos olhos, das mãos e não através dos órgãos sexuais. As angústias iniciais são sentidas tanto pela menina como pelo menino da mesma forma. A sucção é sem dúvida a fonte de maior prazer seguida pelas funções excretórias, que trazem o alívio associado ao prazer. Ambos exploram o corpo com curiosidade e indiferença e enquanto a sensibilidade se desenvolve voltam-se para o cuidador primário, muitas vezes representado pela mãe. É através dela que os desejos sexuais ganham forma, com o toque na sua pele macia, beijando-a, acariciando-a e sentindo ciúmes quando outro irmão nasce. Aqui as demonstrações do desafeto também são idênticas com cólera, amuos, distúrbios urinários, tudo serve para tentar captar a atenção dos adultos.

No entanto, o bebê começa a aperceber-se de que os objetos são distintos de si. O todo onde se julgava parte complementar afinal tem vida própria e os objetos vão e vêm consecutivamente. A separação pode causar angústias difíceis de suportar. Porém não só os outros são distintos de si como ele também se distingue deles. Dessa forma, as crianças por volta dos seis meses aprendem a manifestar as suas mímicas, tornando-se mais tarde em grandes performances com o intuito de seduzir o outro. Começam a experienciar o drama que é a relação com o outro. A angústia do sentir-se abandonado, nunca querendo “abolir o Eu separado: pelo menos deseja atingir a solidez do em-si, ser petrificado na coisa; é singularmente, quando imobilizado pelo olhar de outrem que se revela a si mesmo como um ser”. (Beauvoir, 1949, p. 14).

Quando se é bem sucedido na sedução, a recompensa surge sob a forma de carícias, beijos, prazeres carnavais que sustentam o Ego e confirmam o valor próprio. Até aos quatro anos não existem diferenças nas meninas ou nos meninos, ambos seguem condutas de sedução e de expectativa, o desejo de agradar, provocar reação no outro como sorrisos e assim, ser admirado e novamente envolto nos braços do outro voltando por momentos ao todo.

Muitas crianças desesperam quando os pais deixam de as sentar ao colo, é uma crueldade

para si, uma frustração física, o ser rejeitado e no fundo, o medo de ser abandonado novamente. Os carinhos da mãe são cada vez mais escassos, ainda que as raparigas sejam mais privilegiadas. Sempre se penteiam com cuidado, as suas pequenas vaidades e manias provocam sorrisos, sentam-se no colo do papá “contatos carnis e olhares complacentes protegem-nas da angústia da solidão” (Beauvoir, 1949, p. 16). Porém com os rapazes estas carícias começam a ser mais recusadas. As suas manobras de sedução começam a ser repudiadas e até a sua vaidade repreendida “um homem não pede beijos..., um homem não se vê ao espelho..., um homem não chora” (Beauvoir, 1949, p. 16) minam por completo as suas iniciativas, tentando fazer com que ele seja um “homenzinho”.

Se o rapaz é tratado de forma mais rude que as irmãs, é porque está destinado a maiores feitos. Querem fazer crer à criança que pelo fato dele ser rapaz tem superioridade em relação às raparigas, daí exigirem tanto dele. É-lhes inculcado desde cedo que os meninos não urinam sentados como as meninas, mas sim de pé, como fazem os homens. O pênis é tido como símbolo da virilidade, superioridade, ainda que seja um fato difícil de suportar aquando da sua independência forçada, vai ser motivo de orgulho e de soberania mais tarde.

Em relação às raparigas já é totalmente diferente. Não existe um órgão sexual que se possa pegar, que chame a atenção e embora elas se possam sentir plenas com o corpo que têm, o seu papel no mundo é diferente e podem existir um conjunto de fatores que as levem a ver essa diferença como inferioridade. Tal como os psicanalistas definem de “complexo de castração”. O fato de urinar sentada, de ter de se agachar, despir e esconder pode ser interpretada como uma servidão vergonhosa e incómoda. O jato da urina do rapaz é totalmente comandado por ele, estabelecendo um desafio à gravidade e simultaneamente uma vitória sobre as leis naturais. “A masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser.” (Almeida, 1995, p.17)

“ Assim a passividade, que caracterizará, essencialmente, a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto pelos educadores e pela sociedade.” (Beauvoir, 1949, p. 26)

2. Violência Doméstica contra a mulher em Portugal

Em Portugal na primeira metade do séc. XIX, era permitido, por lei, ao marido bater na mulher e, até ao final do mesmo século, o *Código Penal* considerava que o adultério, praticado pela mulher, era condição atenuante para o homicídio conjugal praticado pelo homem, sem que o inverso estivesse legalmente regulamentado (Silva cit. por Branco, 2007, p. 69).

As agressões entre o casal durante longas gerações, eram tidas como forma do marido tentar manter a ordem no lar, sendo-lhe conferida uma posição hierárquica superior no seio da família, aprovada socialmente e incentivada culturalmente. “Ele, marido, era o guardião da conduta da esposa e dos filhos e tinha a obrigação de a manter nos limites do social e moralmente desejado por uma sociedade patriarcal e se fosse necessário poderia punir qualquer desvio, corrigindo-o (Silva cit. por Branco, 2007, p. 70). Esta mesma sociedade que legitimava estas agressões à mulher e aos filhos, considerava as mesmas, uma forma de demonstração de preocupação e atenção por parte do marido.

Importante será salientar a transmissão destes valores de geração em geração, permitindo assim a sua continuidade ao longo do tempo, “a socialização dos sexos em Portugal e a família de tradição patriarcal fazem com que ao nível da família se constitua uma hierarquia na qual o marido ocupa uma posição superior (AI, 2006) e a ameaça a essa posição superior pode ser punida com castigo corporal, culturalmente transmitida, aceite entre pais e filhos com o objetivo de “educar”, e que entre marido e mulher o objetivo é que pelo castigo, ela se lembre quem manda (Silva cit. por Branco, 2007, p. 73).

Habitualmente este elemento (o agressor) considera o poder como um bem próprio que o legitima à sua utilização abusiva, sendo a mesma reforçada e legitimada pela auto-perceção da inexistência de sanções sobre ele próprio. Esta impunidade aprendida vai perpetuar o recurso a comportamentos de agressão sempre que considerar o seu poder ameaçado, provocando uma fratura nas relações familiares que se tornam desiguais, conflituosas e comprometem o bem-estar familiar (Gelles & Straus, 1988; Fischer, 1992 cit. por Branco, p. 68).

Porém este tipo de direitos dos maridos, não eram exclusivos de Portugal, pois tanto nos Estados Unidos da América como em Inglaterra também existiram leis onde esses existiam, traduzindo uma cultura de inferioridade da mulher em relação ao marido e o direito de a castigar. Nos EUA, o sociólogo Gillespie, referido por Gelles & Straus (1988) revelou que antes da Guerra Civil Americana “*as esposas americanas tinham muitos deveres e poucos direitos*” e que os maridos eram considerados superiores e senhores. As mulheres não podiam ter propriedades próprias e todas as decisões familiares se centravam na pessoa do marido, até mesmo a decisão do divórcio (p. 32). (Branco, 2007, p. 70)

Já em Inglaterra no séc. XVIII, até chegou a existir uma lei conhecida como a lei ou regra do polegar, que consistia não só em permitir que o marido batesse na esposa como determinava a forma como o fazer, sendo que o marido não poderia usar nada na agressão que fosse mais grosso que o seu polegar. (Gelles & Straus, 1988; Silva, 1995 cit por Branco, 2007, p. 70)

Segundo o manual Alcipe, existente no site da APAV “hoje homens e mulheres são iguais perante a Lei, as mulheres prosseguem as mesmas atividades que os homens, nada os diferenciando, em princípio, sob o ponto de vista legal. Em teoria usufruem da mesma proteção legal, contudo, essa legalidade nem sempre é reconhecida como legítima, continuando a violência contra as mulheres fortemente enraizada nas tradições culturais dos povos.” (Manual Alcipe, 1998, p. 17)

A maior visibilidade do fenómeno deve-se em muito à redefinição social do papel das mulheres que nas últimas décadas conquistaram um conjunto de direitos que lhes eram vedados, obtendo uma nova integração social, muito mais participativa e igualmente às mudanças ao nível dos costumes, onde se começou a repudiar atos considerados normais dentro das famílias, passando estes a ser preocupação pública e crime público também.

Existe porém as mulheres que se mantêm neste tipo de relação por se sentirem pressionadas socialmente, até pela família ou amigos que as encorajam a manter a família unida e continuar subjugada ao marido em detrimento da sua dignidade pessoal e direitos.

Segundo o mesmo manual (p. 19) “Não podemos também esquecer a perspetiva que coloca a violência conjugal como uma resposta às perturbações sociais que as famílias não conseguem resolver, como por exemplo os problemas do stress, da frustração, das dificuldades financeiras e outras tensões socialmente acumuladas, colocando a violência familiar como uma resposta à violência social.” Já as teorias feministas defendem que “a base

do problema reside na subalternidade das mulheres em relação aos homens, ou seja, na forma como a sociedade as coloca, quer seja em termos salariais, na educação dos filhos ou até em termos sexuais, o que tem levado a opinião social e o sistema de justiça a tolerar este tipo de situações. Desta forma a violência conjugal, surge “nas estruturas sociais que encorajam e perpetuam a dominação dos homens sobre as mulheres como causa primeira de violência conjugal”. (Manual Alcipe, 1998, p. 19).

Embora as agressões sexuais contra as mulheres se verifiquem mais na rua do que em casa, existem autores que afirmam que a casa ainda é o local mais perigoso das sociedades modernas, visto qualquer mulher de qualquer idade poder ser atacada em casa mais facilmente do que em qualquer outro lugar. Até há cerca de 40 anos era do senso comum e difundido pelos especialistas em crime que o risco de violência se encontrava no espaço público e que o espaço privado da casa era seguro, a menos que fosse violado por alguém proveniente do espaço público com intuito malfeitor. Só depois da crescente revelação dos atos de violência provocados por pessoas afetivamente próximas da vítima, no espaço supostamente seguro da casa, é que a consciência do risco inerente ao espaço familiar se foi construindo (Machado & Gonçalves cit. por Branco, 2007, p. 67).

No ano de 1999 a ONU dedicou o ano a elaborar um relatório para apurar quais as medidas efetuadas pelos Estados-membros na proteção dos direitos das mulheres e à sensibilização para efetivação desses direitos. Concluiu-se igualmente que as mulheres batidas têm quatro a cinco vezes maior necessidade de tratamento psíquico tal como o risco de suicídio é igualmente superior na mesma proporção relativamente às outras mulheres. (Manual Alcipe, 1989, p. 21)

Apesar de em Portugal, as mulheres terem o direito à igualdade legalmente salvaguardado há já algumas décadas, a tradição ainda impera na interação familiar, com uma lenta mudança de comportamentos que se desejam mais consentâneos com a ideologia de igualdade entre os sexos na família e assim mais coerentes com aquela que se defende socialmente, mas que no privado não se subscreeve. (Silva cit. por Branco, 2007, p. 70)

Segundo dados da APAV (Associação Portuguesa de apoio à Vítima), em 2013, tal como nos anos anteriores, o crime com maior incidência sobre as vítimas que contactaram a APAV

continua a ser o de Violência Doméstica, representando mais de 80% dos crimes registrados pela APAV. (Relatório Estatísticas 2013 APAV)

2.1. O Ciclo da Violência Doméstica

O ciclo da violência doméstica é circular, onde as dinâmicas da relação do casal acontecem por fases que se sucedem com um padrão repetitivo. Para melhor visualização do ciclo, utilizou-se imagem existente no site Turning Point, agência de Violência Doméstica do estado de Illinois, Estados Unidos da América. (ANEXO A) Revelador como no centro da roda está a negação, logo sempre presente, o que denota a dificuldade em lidar com a realidade tal como ela se apresenta. Complementada pelas diversas respostas da mulher vítima.

Desta forma a violência doméstica tem as seguintes fases:

a) Fase do Aumento da Tensão

Esta fase é caracterizada pelo acumular das tensões por parte do agressor. Este não sabe resolver estas questões sem recurso à violência e culpabiliza a mulher pelas tensões, o que origina um ambiente de grande tensão e perigo para mulher- vítima. O agressor acumula as tensões para depois as expulsar na vítima, aproveitando pretextos do foro familiar, como “a loiça estava mal lavada”, “não fez o jantar que eu queria”, ou “ela tem amantes”. Muitas vezes o agressor utiliza o álcool ou drogas, o que potencia a violência.

b) Fase do Ataque Violento

Esta fase conforme o nome indica, é caracterizada pelo ataque do agressor, podendo este ser físico ou verbal, ou os dois em simultâneo, onde a vítima apenas se tenta defender, acontecendo muitas vezes a vítima necessitar de assistência médica, a qual o agressor nem sempre permite ou facilita.

c) Fase do Apaziguamento ou da Lua-de-mel

Nesta fase, o agressor demonstra estar arrependido e promete não voltar a ser violento. Desculpa-se na esperança que a vítima lhe perdoe, podendo apresentar motivos como “naquele dia estava aborrecido por causa do trabalho”, ou “tinha bebido muito e não sabia o que fazia”, reforçando com uma mudança de atitude, tornando-se muito atencioso, podendo dar presentes e tentando seduzir novamente a mulher.

No entanto, o ciclo de violência dificulta muito as tomadas de decisão da mulher, pois embora existam as fases mais dramáticas, existe também a gratificação, na fase de apaziguamento, e a mulher volta a acreditar que é possível ser feliz outra vez e que o projeto de vida conjugal ainda se mantém. O ciclo da violência perpetua-se no tempo, podendo sofrer alterações como encurtar as fases do aumento de tensão e de apaziguamento e aumentar o grau de violência na fase do ataque violento, podendo resultar em homicídio conjugal.

2.2. Sintomas da mulher vítima de violência doméstica

Embora as reações das mulheres vítimas de violência doméstica poderem diferir, pois cada pessoa tem uma personalidade diferente da outra, histórias de vida e experiências diferentes, o apoio que tem (ou a falta dele), o grau de violência, e sobretudo o significado que ela atribui a toda a situação, surge um conjunto de características comuns a todas elas.

A primeira são distúrbios cognitivos e de memória. A mulher vítima pode apresentar disfunções cognitivas sob a forma de flashbacks, pesadelos, dificuldades de atenção e concentração, confusão mental, crenças erróneas sobre si própria e sobre as outras pessoas, memórias frequentes dos acontecimentos traumáticos (dos espancamentos, coações, etc.). Estas reações levam ao desenvolvimento de dificuldades, sobretudo ao nível das tomadas de decisão; (Manual Alcipe, 1998, p. 26)

A segunda são comportamentos depressivos ou de grande evitamento. A mulher vítima desenvolve um estilo cognitivo pessimista, associado à depressão, tem vergonha de revelar o seu problema a outrem, encontra-se muito confusa e emocionalmente fragilizada, culpa-se a si própria do problema que está a viver, isola-se, não tem muitos relacionamentos sociais,

desvaloriza-se enquanto pessoa, tem uma baixa auto-estima, manifesta ceticismo em relação à Lei, perde a confiança no futuro, deixa de confiar nas outras pessoas; (Manual Alcipe, 1998, p. 26)

A terceira e última são distúrbios de ansiedade. A mulher vítima fica desorganizada, torna-se hiper vigilante em relação a pistas de perigo, tem fobias e ataques de ansiedade, tem sintomas psicofisiológicos, associados ao stress e à ansiedade. (Manual Alcipe, 1998, p. 27)

2.3. Estratégias de domínio do agressor

A mulher quando chega a uma situação de rotura e pede ajuda, geralmente acontece por três motivos, sendo estes, quando os episódios violentos ainda estão muito no início, quando a violência atinge um patamar de intensificação ou gravidade que já não consegue gerir ou quando a situação está completamente insuportável, podendo existir maus-tratos físicos e/ou sexuais aos filhos e/ou ter sido vítima de tentativa de homicídio.

No entanto, o agressor vai utilizar diversas estratégias para tentar impedir que a mulher saia da relação e impor o seu poder e controlo sobre ela. Todo o ciclo da violência doméstica acontece sobretudo pelas estratégias que o agressor utiliza para tentar “prender” a sua vítima na teia violenta. Estas são tudo o que caracteriza a violência doméstica e podem ser utilizadas isoladamente ou em conjunto e são: (segundo o Manual Alcipe da APAV)

Utiliza-se imagem do Site Turning Point que tão bem ilustra esta tentativa de domínio por parte do agressor conhecida como Roda do Poder e Controlo (ANEXO B)

- a) Exercer violência física sobre a mulher. Consiste em todo o tipo de agressões físicas como agredi-la com sovas, bater-lhe com a cabeça contra a parede ou outros sítios semelhantes, puxar-lhe o cabelo violentamente, apertar-lhe o pescoço, empurra-la pelas escadas abaixo, dar-lhe cabeçadas, dar-lhe pontapés na barriga (inclusive quando está grávida), pode também sequestrá-la, não a assistir depois de a atacar ou quando está doente e tentar matá-la.
- b) Exercer violência psicológica sobre a mulher. Este tipo de violência consiste em atos como gritar-lhe para a aterrorizar, humilha-la quer seja com palavras ou com comportamentos, compara-la negativamente com outras pessoas, persegui-la na rua e/ou no emprego, referir-se a tudo o que ela faça sempre de forma negativa, quebrar o

mobiliário ou objetos, atirar com comida, acordá-la durante a noite para a atemorizar, chantageá-la e insultá-la como dando-lhe o exercício da prostituição entre outros.

- c) Exercer violência sexual sobre a mulher. Neste tipo de violência o agressor obriga a mulher a ter relações sexuais com ele e por vezes com outras pessoas, de forma violenta. Muitas vezes as vítimas nem sabem que estão perante atos criminosos, julgando tratar-se do seu “dever” enquanto esposa. Pode igualmente torturá-la sexualmente, amarrá-la, queimá-la (com pontas de cigarros, por exemplo), mordê-la, entre outras.
- d) Isolamento relacional. Este tipo de estratégia consiste em afastar o máximo possível a mulher das outras pessoas no intuito de a dominar melhor. Pode proibi-la de trabalhar, de sair com as amigas, de falar frequentemente com os familiares, que por sua vez, geralmente se afastam para não trazer mais problemas à vítima ou por medo do agressor. A mulher evita também relacionar-se com outras pessoas para não enfurecer mais o agressor e temer outro ataque, transformando o casamento num casamento-ghetto (praticamente sequestrada na própria casa).
- e) Intimidação. Neste tipo de estratégia o agressor tenta manter sempre a mulher com medo do que possa vir a acontecer, não só com ela mas também com os filhos ou familiares, por vezes até com os animais de estimação. Viver numa atmosfera de terror que se mantém através de gritos, alguns olhares e expressões faciais, mexer em alguns objetos como numa faca, limpar uma arma, e quando tem uma estatura superior à mulher, muitas vezes aproximar-se de uma forma ameaçadora.
- f) Domínio económico. Utilizada muitas vezes esta estratégia, onde o agressor não permite que a mulher tenha acesso às contas bancárias, nem para pagar as despesas da casa, por exemplo, não a deixa ter acesso ou usufruir dos bens do casal, não lhe dá dinheiro para as necessidades básica como alimentação, não a deixa trabalhar ou deixa mas fica com o ordenado dela.

2.4. Modelos Teóricos do abandono ou não da relação abusiva

Devido a todas estas estratégias utilizadas pelo agressor juntamente com as características da vítima, segundo o Manual Alcipe (2010, p. 28), existem quatro modelos explicativos para a decisão de abandonar ou não a relação violenta:

1º Impedimentos Psicológicos: a vítima permanece na relação devido a handicaps individuais;

2º Abandono aprendido: a vítima interioriza uma atitude de passividade e culpabiliza-se;

3º Teoria da Troca: a vítima encontra-se num dilema entre continuar a relação e o desconhecido, o medo de uma educação monoparental feminina, as dificuldades económicas, sem apoios pessoais e comunitários;

4º Teoria do Comportamento Planeado: a vítima refere que interioriza uma atitude passiva, culpa-se a si própria e acomoda-se ao comportamento do parceiro. Algumas vítimas reconhecem o perigo em que vivem, mas são otimistas, esperando que o comportamento do agressor se altere.

3. A violência doméstica desde a sua origem: uma visão psicanalista

Os estudos relativos às questões de gênero, desde seus primórdios quando do surgimento do movimento feminista nas décadas 60-70, sempre ficaram a cargo dos sociólogos e antropólogos, mais especificamente dos diversos grupos feministas. Com raríssimas exceções (Kernerg, 1995; Carvalho, 2003), não encontramos na literatura psicanalítica um interesse pelo tema. Ampliando um pouco o escopo para o plano da violência em geral, encontramos ainda poucos autores do campo psicanalítico, dedicados à compreensão destes fenômenos, no que se refere à sua expressão no âmbito social. (Muzskat, 2006, p. 161)

Os estudos e a prática psicanalítica, posteriores a Freud, incidiram mais sobre a clínica, privilegiando o trabalho terapêutico individual, cujo principal objetivo era tornar consciente o inconsciente, trabalhando principalmente com pacientes histéricas com sintomas conversivos, manifestados somaticamente. Freud dava primazia então a neuroses.

No entanto, as questões sociais nunca foram esquecidas, sendo abordadas por autores psicanalistas como Freud, Winnicot, Klein e Lacan.

Freud, em algumas obras, tais como *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na Civilização* (1930), *Porque a Guerra* (1933), *Novas conferências Introdutórias* (1933), tenta formular modos de organização e funcionamento social, ou seja, “descreve a possibilidade de formação da civilização com base em exigências da cultura sobre as forças pulsionais do indivíduo.” (Muzskat, p. 161), o que comprovava que se os seus estudos não se restringiam ao mundo intra-psíquico do indivíduo, mas também ao ambiente cultural e social onde este se inseria.

Procurando entender as origens da violência, Muzskat (p. 162), usa concepções que considera “imperativos como o desamparo, violência, narcisismo ou ideal de ego ou super-ego”. Neste

seu estudo avança com a hipótese de que “a violência pode ser uma forma de proteção contra a ameaça do desamparo decorrente da perda de traços e marcas identitárias da masculinidade.”

Assim sendo, tentou entender a relação entre violência e desamparo, nomeadamente dentro das relações de género. Já a Teoria das pulsões servirá, com o seu carácter dualista, para nos auxiliar na compreensão e questionamento do dualismo com carácter valorativo, como bom/mau ou certo/errado encontrado na cultura, que aprisiona as pessoas em organizações mentais rígidas.

Originários de famílias tradicionais e com várias problemáticas, os maridos das entrevistadas podem se equiparar aos grupos de estudo da autora. Muzskat trabalhou durante quatro semanas com grupos de 3 a 15 homens pertencentes a um extrato social baixo que se encontram envolvidos nalguma espécie de conflito, seja com as atuais ou ex-companheiras, seja com seus filhos ou seus pais, ou com a Justiça no âmbito de Direito de Família. Procuram portanto, apoio psicossocial, quer psicológico, como jurídico.

Muzskat dá o exemplo de um homem que teve de sair de casa por ordem judicial após ter agredido a filha. Aqui denota-se a confusão quanto à sua própria identidade. A sua esposa começou a trabalhar fora de casa, o que veio alterar o padrão tradicional de género da divisão sexual do trabalho que lhe proporcionava uma âncora quanto à sua noção de identidade masculina. Acredita que agora com a mulher a trabalhar fora, que esta ficou como seu lugar de “chefe de família”, o que, não possuindo mais recursos, impossibilitou a manutenção da noção de si mesmo.

A construção da identidade como aquilo que dá ao ser humano o sentido de sua continuidade no tempo e no espaço, que faz com que se reconheça como sujeito singular é um bem precioso do indivíduo em sua luta permanente contra o desamparo fundamental que marca o ser humano, sendo a identificação, processo pelo qual se dá a construção da identidade, segundo Freud (1921), a mais remota expressão de laço ou vínculo emocional com outra pessoa. (Muzskat, p. 164)

Assim sendo é na relação de intersubjetividade, na relação com o outro, que se constrói a identidade do sujeito, sendo que se não houvesse relação com o outro, não haveria sujeito. A

fundação do psiquismo humano é algo possível somente na relação com o desejo do outro, onde a linguagem é o veículo de transmissão do desejo, impregnada pela cultura.

A luta contra a ameaça do desamparo e de vivências de fragilidade e impotência surgem na tentativa de manter uma integridade narcísica. Muzskat cita Green acerca de uma resistência encontrada na clínica psicanalítica (p. 165) “uma das principais razões desta oposição tenaz, quando a análise recai sobre o Eu, é o narcisismo. O cimento que mantém a unidade constituída do Eu reuniu seus componentes para adquirir uma identidade tão preciosa ao sentimento de sua existência quando o sentido pelo qual ele se apreende como ser. Deste modo, o narcisismo opõe uma das mais ferrenhas resistências à análise.

Tal comparação pode ser aplicada aos homens que, ao temerem a perda do sentido de existência ou de identidade, ficam atrelados a determinados padrões de ideal de masculinidade, evitando assim o abalo narcísico. *A violência ou a prática de atos violentos, tem então, como finalidade principal, a preservação narcísica do ego, sendo a destruição do outro uma consequência e não e não um objetivo.*

Importante salientar que os estímulos internos dos homens sentidos como desagradáveis, tais como sentimentos de impotência ou frustração, levava-os a atribuir à mulheres essa sua vivência desprazerosa, utilizando assim o mecanismo de defesa de projeção, fazendo com que a parte desagradável fosse do exterior e não deles.

Para com as duas classes de instintos (de vida e de morte), a atitude do ego não é imparcial. Mediante o seu trabalho de identificação e sublimação, ele ajuda os instintos de morte do id a obter controle sobre a libido, mas, assim procedendo, corre o risco de tornar-se objeto dos instintos de morte e de ele próprio perecer. A fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; tornar-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado. (Freud cit. por Muzskat, p. 71)

O que Freud quer demonstrar é que toda a gente tem o desejo de ser valorizado e amado. Desta forma o ego presta submissão às demandas do id e simultaneamente à exigência do super-ego que está ao serviço do ideal do ego e dos valores da cultura, numa dança entre mundo interno e externo.

Interessante como Klein expõe o devir da nossa existência. “As manifestações afetivas têm duas fontes fundamentais; são os dois grandes instintos primitivos do homem: a fome e o amor; ou dito de outra forma, o instinto de conservação e o sexual”. (Klein, 1975, p. 9) A autora afirma que na vida temos um duplo objetivo: assegurar o nosso meio de subsistência e simultaneamente, tirar prazer da nossa existência.

A interação do instinto de conservação, do prazer, do amor e do ódio equivalem a descrever e a explicar todas as manifestações da vida humana. Enquanto que o ódio é uma força de destruição, desintegração, que vai na direção da privação e da morte, o amor é uma força de harmonização e de unificação, que vai na direção do prazer. *A agressividade está intimamente ligada ao ódio, tendo como objetivo a destruição ou a dor, enquanto que o amor, sendo força de vida, está associado ao prazer, podendo no entanto ser agressivo e até mesmo destrutivo nas suas manifestações.*

As pulsões agressivas constituem um elemento primitivo e fundamental, presente no homem, tal como nos restantes animais, que delas necessitam para se defenderem.

“Já não estamos sem saber que as pulsões agressivas, cruéis e egoístas, estão intimamente associadas aos sentimentos de prazer e de satisfação e que uma certa fascinação e uma excitação possam acompanhar a gratificação dessas pulsões. Este prazer, que pode estar associado intimamente às emoções agressivas, explica de uma certa forma, o porquê dessas emoções serem tão imperiosas e difíceis de controlar.” (Klein, 1975, p. 12)

Como surgem então os primeiros sinais agressivos? A autora explica que quando a atenção e os desejos do bebe não são atendidos. Até certo ponto o bebe tem consciência da sua dependência e descobre que não pode ter todos os seus desejos satisfeitos, aí chora e grita e fica agressivo. “Explode” automaticamente, de ódio, com um desejo irresistível de agressão. *Desta forma, o ódio e a agressividade, a inveja, o desejo de possuir, todos estes sentimentos que os adultos sentem e experimentam, são todos derivados (extremamente complexos em geral), dessas experiências primitivas e da necessidade de a controlar se quisermos sobreviver e obter algum prazer da vida.* (Klein, 1975, p. 19)

No entanto, a autora afirma que (p. 13) “O instinto de conservação e o instinto do «amor», se devem obter satisfação, nós precisamos de uma certa dose de agressividade, ou seja, que o elemento agressivo é uma parte essencial dos dois instintos que operam na realidade.”

Desta forma, a nossa relação com o outro tem uma dupla função: “necessitamos do outro por duas razões: para obtermos dele a satisfação e assim preencher a nossa necessidade de conservação e de prazer e simultaneamente, para podermos expulsar o ódio para fora de nós e poder assim descarregar sobre ele o que é mau e perigoso em nós”. (Klein, 1975, p. 59)

Klein afirma (1975, p. 76) para estudar a interação de todas as diferentes forças que intervêm na formação do amor, o mais complexo de todos os sentimentos humanos, torna-se igualmente necessário retornar à vida psíquica do bebê.

Se a mãe é o objeto mais amado é também o mais odiado. Conforme as suas necessidades mais primitivas são ou não atendidas. Se ele está com fome e o seu desejo é atendido, sente o prazer sensual da boca a ser estimulada pela sucção do seio. Esta satisfação é um elemento fundamental na sexualidade da criança. No entanto quando o seu desejo não é prontamente satisfeito, o bebê experimenta uma dor psíquica e uma inquietude e a situação muda bruscamente. *Agora o bebê é dominado pela agressividade e pelo ódio. Quer destruir a mesma pessoa que é objeto de todo o seu desejo.* As sensações que o bebê experimenta são tão dolorosas como a sufocação e outras que querem destruir o seu próprio corpo, aumentando assim a agressividade, a dor e o medo. A esta fase do desenvolvimento Klein denominou de posição esquizo-paranoide, onde o bebê percebe tudo o que lhe dá prazer como bons objetos e o que percebe como aterrorizador, frustrante, que o faça sofrer, como maus objetos, dando também origem ao mecanismo de defesa clivagem que separa os objetos em bom e mau e conseqüentemente, à projeção do mau.

No seu inconsciente reside o medo de serem incapazes de amar suficientemente ou verdadeiramente os outros e, em particular, na sua incapacidade de controlar as suas pulsões agressivas em relação aos outros: têm medo de ser um perigo para a pessoa amada. “O combate entre o amor e o ódio, em todos os conflitos desde o nosso nascimento, e suas origens, tal como tento demonstrar aqui, **acontecem todos na nossa primeira infância e operam durante toda a vida.**” (Klein, 1975, p. 83)

No entanto, estes conflitos fundamentais influenciam profundamente o curso da vida afetiva dos adultos, assim como a intensidade dos seus sentimentos” (Klein, 1975, p- 81), sendo que

o papel que os pais têm na vida do bebe vai influenciar a forma desse adulto se relacionar com os outros durante toda a sua vida.

O amor encontra então a sua primeira expressão fundamental na ligação do bebe com o seio de sua mãe, ligação essa que se transforma em amor por ela enquanto pessoa. Quanto maiores forem os conflitos entre o amor e o ódio no espírito do bebe, mais se tornam ativos, nomeadamente no medo de perder a pessoa amada e conseqüente desenvolvimento nesse registo. Neste caso, os sentimentos de culpabilidade e de angústia aparecem como um novo elemento nas emoções amorosas, tornando-se assim parte inerente do amor, influenciando profundamente tanto a sua quantidade como qualidade. “No inconsciente da criança e do adulto, perto das pulsões destrutivas, existe uma necessidade profunda de se sacrificar a fim de socorrer e reparar as pessoas amadas, às quais fizemos mal ou destruimos em fantasma.” (Klein, 1975, p. 86), *sendo que, quando sabemos que possuímos pulsões de ódio e as dirigimos às pessoas que amamos, é natural que sintamos inquietudes e culpabilidade.*

A autora refere a identificação como principal mecanismo saudável das nossas relações interpessoais. “Ser verdadeiramente benevolente implica em nos colocarmos no lugar dos outros, que nos possamos «identificar» a eles.” (Klein, 1975, p. 86) Esta capacidade de se identificar a uma outra pessoa é um elemento dos mais importantes nas relações humanas em geral, tal como uma condição para poder amar livremente e intensamente. Daqui surge igualmente a vontade de reparação, quando magoamos alguém a quem amamos. **Aqui podemos compreender a fase da Lua-de-mel no ciclo da violência.**

Na relação com a sua mulher, a atitude afetiva do homem (tal como da mulher) e da sua sexualidade, são então, influenciadas pelo passado. Enquanto criança, a frustração dos seus desejos genitais para com a sua mãe despertou os fantasmas de que o seu pénis se tornou um instrumento capaz de a fazer sofrer ou poder fazer-lhe mal. Simultaneamente, os ciúmes e o ódio dirigidos ao seu pai, rival do amor da mãe, fazem com que apareçam os fantasmas de natureza sádica contra o pai. Desta forma, uma relação amorosa feliz com a parceira, não só implica uma vida sexual satisfatória, obtendo a prova de que o seu pénis é bom e que faz a parceira feliz com existência de ternura, como transmite sentimentos de gratidão e de segurança à relação.

Segundo o Kernberg (p.82), “através da identificação projetiva, cada parceiro tende a induzir no outro as características dos seus objetos edipianos ou pré-edipianos com quem ele ou ela tenha experienciado conflitos.” Caso estes conflitos tenham sido muito severos, mais primitivos serão as imagens mãe-pai, podendo ser uma reencenação fantástica, trazendo muito poucas semelhanças às características dos objetos parentais atuais.

António Coimbra de Matos defende que o ódio e a hostilidade são produtos da injustiça, na medida em que como seres humanos que somos, temos a grande capacidade de analisar e avaliar os sentimentos e intencionalidade próprios (insights) e simultaneamente do outro, através da empatia ou identificação projetiva para fins de conhecimento, sendo que esta capacidade se denomina de *teoria da mente*, que não é mais que a construção nossa e do outro, da continuidade da relação. **Como tem início em bebe por volta dos 5/6 meses nos é tão familiar odiarmos quando somos maltratados como amamos quando somos bem tratados.**

Somos extremamente sensíveis à qualidade e adequação de resposta afetiva do outro, “a emoção está para o conhecimento das pessoas como a lógica para o conhecimento das coisas – o afeto é mais importante na relação com o mundo humano; o pensamento, na relação com o mundo material.” (Matos, 2011, p. 21)

“O medo gera violência, assim como o acolhimento desperta o amor – di-lo a intuição do comum dos mortais; é um dado da etologia, da psicologia do desenvolvimento e da sociologia, que a neurociência confirma.” (Matos, 2011, p. 47)

No entanto, necessitamos do outro por duas razões: para obtermos dele a satisfação e assim preencher a nossa necessidade de conservação e de prazer e simultaneamente, para podermos expulsar o ódio para fora de nós e poder assim descarregar sobre ele o que é mau e perigoso em nós. (Klein, 1975, p. 59)

O despertador do nascimento psicológico do bebe é o olhar maravilhado da mãe, o que lhe configura ter um lugar afetivo dentro do outro, um «útero mental», onde pode crescer para a vida da relação. Qualquer ameaça a esta constância no interior da mãe e mais tarde do amante, é sentida com grande ansiedade.

Desta forma, a violência explícita ou implícita dos objetos, cria um clima aterrorizante, desencadeando reações de ataque/fuga, a evitação do olhar ou a luta mais ou menos

desordenada face à adversidade do meio. “A perseguição vivida ou prevista – e o sistema nervoso e a sua função mental é original e primazmente um aparelho de previsão – é o *primum movens* de todo o processo disfuncional ou patológico de agressão, isto é, da agressividade destrutiva.” (Matos, 2001, p. 50)

A violência do meio, sobretudo na micro-sociedade familiar, seja de que tipo for, intimidação, opressão, indiferença, rejeição, imprevisibilidade, frustração, privação, totalitarismo é sempre maligna, porque viola direitos, realizações, expectativas, e frustra a incontornável necessidade humana de segurança, afeto, apreço e consideração.

Tais crimes acabam por colocar sob várias situações de risco as pessoas que convivem no contexto intrafamiliar, incapacitando-as para o trabalho, o estudo e a vida em sociedade, podendo inclusive levá-las à morte. A violência representa, assim, um risco maior para a realização do processo vital humano: ameaça a vida, altera a saúde, produz enfermidade e provoca a morte como realidade ou como possibilidade próxima (AGUDELO, 1990; MINAYO, 1994). As mulheres são, nesse contexto, atingidas tanto pela violência física, quanto pela violência psicológica, sofrendo graves danos psíquicos. Nele, o cenário social se converte em cenário familiar, onde o amor, o ódio, a rivalidade, a culpa e a dependência se endereçam às figuras edípicas ou pré-edípicas (BARUS-MICHEL, 2004). O ódio não permite sair desse círculo vicioso (SARTRE, 1997). Jubilatória ou dolorosa, entusiasta ou melancólica, extática ou colérica, toda paixão é desejo posto em tensão e emoções intensificadas (Kaufmann, 1996). Isso conduz a refletir que a paixão é uma pulsão desmedida, que vive em busca do objeto do seu desejo e o aprecia mais do que a própria vida. (Santiago & Coelho, 1996, p. 3)

“Sob circunstancias extremas, agressão excessiva é refletida em auto-destruição primitiva” (Kernberg, 1995, p. 130). O autor defende que doenças precoces severas com dor, física ou agressão sexual e relações abusivas e caóticas crônicas com o objeto parental, podem ser refletidas em destrutividade severa e auto-destrutividade produzindo o síndrome de narcisismo maligno. Este síndrome é caracterizado pela fusão de um self grandioso com o objeto sádico, que pode ser descrita como “estou só no meu medo, raiva e dor. Ao me transformar num só com o meu torturador, eu posso proteger-me, destruindo-me a mim mesmo e a minha auto-consciência. Agora já não preciso sentir medo ou morte, porque ao

infligi-los a mim mesmo ou a outros, eu torno-me superior a todos aqueles que induzem ou temem estas calamidades.” (Kernberg, 1995, p. 130)

Desta forma, Winnicott (1985) e Bion (1962) enfatizaram o papel vital de mediação que os pais desempenham para tornar produtivo na criança o desenvolvimento da imagem corporal, do senso de identidade e do pensamento simbólico. **Oriundos de famílias disfuncionais, os maridos das entrevistadas inserem-se num ambiente que não se ajusta adequadamente à urgente sensação de um recém-nato pertencer a uma dinâmica familiar, que não propicia discriminar fatos de fantasias, contribui para o desenvolvimento de indivíduos que sofrem de constantes ameaças de desintegração do ego.** Desenvolve-se então um sistema de defesas altamente organizado e vigorosamente mantido, onde predominam a repressão, a negação e a recusa, com o objetivo de proteger o ego da ansiedade excessiva produzida pelo contato com uma experiência que não pode ser assimilada. Para proteger o ego da ansiedade excessiva, o indivíduo distorce seu contato com a realidade, obstruindo o acesso consciência e eliminando os conteúdos mentais afetivos e ideativos.

Está assim estruturado um campo fértil para a proliferação da violência. Entendo aqui violência, como a expressão física tanto do amor como do ódio, desvinculados do interesse pela vida e pela verdade (Bion, 1992a) e, portanto, apresentando-se em estado selvagem e apavorante. (Adamo, p. 154)

3.1. Entrevistas

Foi elaborado um guião de entrevista (ANEXO C) que tentasse envolver toda a problemática da violência doméstica, desde o início da relação abusiva, todo o seu percurso evolutivo e como finalizou. Importante conhecer o historial de cada envolvido para melhor compreender quais as motivações e particularidades de cada um e principalmente, o que os levou a experienciar uma relação amorosa que em princípio, parecia ter tudo para ser feliz, mas que acabou de forma violenta e triste.

Efetuarão-se entrevistas em profundidade a 2 mulheres vítimas de violência doméstica, que no entanto, já conseguiram sair da relação abusiva. Estas mulheres não foram escolhidas ao acaso, uma vez que se pretende mostrar que embora muito difícil, é possível abandonar a relação. O primeiro contacto com elas aconteceu aquando do meu estágio curricular como

Psicóloga Clínica na APAV, mais dirigido a Técnico de Apoio à Vítima.

Elas ligaram para a APAV a pedir orientações sobre o que fazer face à sua situação violenta e eu atendi-as telefonicamente. Ambas se encontravam no seu limite. Já não estavam a conseguir gerir mais a situação, sendo a sua principal vontade, sair daquela relação.

Depois de uma vida inteira (entre os vinte e os quarenta anos) de vida em conjugal pautada de insultos, ofensas, humilhações e agressões físicas, as entrevistadas decidiram acabar com o que há muito já não tinha vida. Pelo menos a vida saudável idealizada em comum com tantos sonhos e projetos compartilhados no início da relação, que cada vez se tornavam mais numa miragem distante, ruindo como um castelo de cartas. A vida estava muito distante daquilo que haviam imaginado.

Depois de contactadas por mim, apenas estas 2 entrevistadas concordaram em conceder esta entrevista, sendo que outras não quiseram, alegando razões como não querer falar mais sobre um assunto que ainda as magoava, ou alegando que iriam pensar e não mais responderam.

É importante notar que, de imensos processos que acompanhei, foi difícil encontrar pessoas que já tivessem saído da relação, pois a maior parte ainda continua na relação. Podem até ter tentado sair, mas acabaram por voltar.

3.2. Resumo da 1ª entrevista

P. tem 67 anos e está casada há 47. Embora tenha tido alguns trabalhos pontuais em casa como costureira, sempre foi doméstica e viveu para tomar conta do marido e dos filhos. Nunca teve aspirações de uma carreira profissional e para ela cuidar da família era tudo o que queria. Tem valores familiares muito acentuados e esse fato teve um peso muito grande na longevidade do seu casamento.

Como principais aspetos da sua entrevista temos de salientar as razões que apontou como causa da agressividade do marido e desestabilizadoras do seu casamento. Em primeiro lugar, os **ciúmes**, que desde cedo apareceram como principal característica negativa dele. De seguida, as **traições** perpetradas por ele, que tanto magoaram P. e que estão intimamente

ligadas ao ciúmes, na medida em que, ao trair a mulher, projetava nela os ciúmes daquilo que ele fazia.

Outro fator muito importante é a **violência intergeracional**, que aparece na vida de ambos. Os dois elementos do casal viveram experiências traumatizantes em criança, onde imperava a violência inter-parental, a falta de afeto e bens materiais e, no caso de P., o **abandono paterno** que deixou a família quando ela tinha apenas 11 anos. Tal fato, pesou bastante para o casamento ter durado tanto tempo, pois tudo o que P. mais temia era ser abandonada novamente pelo homem da sua vida e não ter a referência paterna junto aos filhos, podendo levá-la a sentir ansiedade de separação.

Até que chegou o momento em que a violência atingiu um patamar incontrolável e P. **temeu pela própria vida**. O marido destruiu praticamente tudo lá em casa e tinha uma arma de fogo. P. finalmente pede ajuda para sair da situação e graças à boa resposta social que obteve, em termos profissionais, familiares e de amigos, ganhou coragem e disse “chega!”.

Uma característica que surgiu em P. foi a **raiva**, ódio pelo marido. Como é que ele pode destruir desta forma o casamento tão desejado e idealizado por P.? Uma ferida narcísica impossível de ser sarada sem que P. consiga concretizar o divórcio com direito a pensão. Esta raiva tem sido a sua força propulsora.

Como consequência da relação abusiva, P. apresenta um quadro de **Ansiedade Generalizada**, onde o medo se instaurou no seu dia-a-dia, receando encontrar o marido na rua e trocando percursos, horários e locais para o evitar. À noite também se manifesta com as insónias e pensamentos de preocupação e impotência.

3.3. Análise da primeira entrevista (ANEXO G)

P. assim que foi contactada, prontamente se disponibilizou em conceder a entrevista, convidando-me para ir até à sua casa. A principal característica da entrevistada é a sua força de vontade. A tomada de decisão de abandonar a relação abusiva está bem vincada, tendo contribuído para isso, a preciosa ajuda dos técnicos de apoio à vítima que a atenderam (eu e uma colega minha da APAV) que lhe deram as indicações certas que a entrevistada seguiu e

risca, tal já era a sua vontade de abandonar a relação. O que ficou claro foi que a resposta ao pedido de ajuda da vítima é extremamente importante, crucial até para a tomada de decisão de se libertar da relação, para que esta seja feita de forma estruturada e possa proporcionar o sentimento de proteção, compreensão e motivação.

A entrevistada esteve num casamento 47 anos, é doméstica, casou aos 20 e nunca teve outro homem até hoje. O marido foi afastado de casa judicialmente, através de uma ordem de afastamento, decretada pelo Ministério Público e não pode aproximar-se nem de casa nem da entrevistada.

Na sua relação conjugal esteve sempre presente a violência psicológica por parte do marido, que lhe atribuía amantes desde o início da relação. A violência ao longo do tempo subiu sempre de tom, comprovando que a violência nunca diminui mas sim demonstra a sua tendência a aumentar. O que no início da relação parecia ser um pequeno *ciúme* infundado, depressa se tornou num clima de terror psicológico, com acusações de infidelidade constantes, ofensas, humilhações e agressões.

“Ele arranja coisas onde não existem... que eu que andava com o vizinho do prédio aqui ao lado, que já nem mora aqui... que eu que lhe ficava com o filho e ele é que me pagava a mim... coisas que não tem nexo.” (ANEXOS, p. 121)

O ciúme, a paixão, o amor, o desejo de acesso exclusivo sempre presentes na espécie humana tornam-se assim difíceis de controlar. Zacchias (1584-1659), fundador da medicina legal assinala o amor sob a forma de melancolia: delitos e crimes de amor justificam a irresponsabilidade. Esquirol fala-nos das erotomanias. Morel descreve a “loucura por amor”, enquanto que Freud fala do instinto sexual como “*primum movens*” do ser humano como manifestações conscientes ou inconscientes muitas vezes recalcadas ou sublimadas da vida sexual.

“A palavra ciúme tem origem no latim zelumen, que, por sua vez, vem do grego zelus. Na aceção original, significaria zelo, cuidado”. (Santos cit. por Souza & Oliveira, p.3).

O ciúme, sendo das principais razões apontada pelas vítimas de violência doméstica, pode manifestar-se de várias formas, consoante o grau de severidade.

Almeida refere Greef (2005), no processo de enamoramento e apaixonamento há uma idealização em que se desvaloriza tudo o que não corresponde aos desejos. Aparece então o *ciúme-emoção* (o sujeito aparece sob uma forma de valor superior ao que efetivamente tem) não lhe interessa o dinheiro que gasta, o orgulho é posto de lado, o instinto de posse está adormecido. No entanto, conforme a mulher ganha mais independência, é cada vez mais revalorizada e quando os objetivos do sujeito se tornam desesperantes e causa de sofrimento, a situação pode ficar fora de controle.

“De repente um furor indivisível se apoderou do meu ser e, em lugar de combater essa raiva, eu aticava-a, feliz de a sentir ferver em mim; o que é terrível é que eu me concedia um direito indiscutível sobre o seu corpo, como se ela fosse carne da minha carne” (Pozdnichev, Tolstoi, cit. por Almeida, 2005)

Quando em casos mais graves, o aparecimento do *ciúme patológico* pode ser despoletado ou incentivado por complexo de inferioridade, podendo gerar mais desconfiança sobre o comportamento de outrem, pode ser consequência de uma insuficiência corporal, fisiológica ou psíquica que determine uma ferida narcísica, geralmente tende-se a dramatizar pequenas aparências de infidelidade e de menor atenção ao sujeito ou até ligado a uma evolução desigual, como diferença de idade, ideia de que o outro é alguém mais interessante/ bonito, diferença de escala social gerando uma ideia de impotência, de inatividade forçada levando a sentimentos de diminuição de si, morte, causadoras de ansiedade.

Também pode acontecer *a mulher ser vista como um objeto*, algo ou coisa. Para este tipo de sujeitos, o seu narcisismo é extremo, pois querem existir no outro mas o outro não existe neles, ou seja, dependem do que são para o outro e o outro não tem delegação no seu próprio eu. Geralmente estes sujeitos caracterizam-se pela brutalidade, preocupando-se pouco pelo que a mulher pensa deles, usando muitas vezes ofensas verbais e/ou corporais. No fundo são incapazes de amar e conceber o amor, sendo que a mulher é muito mais inferior que um objeto ou uma propriedade, é uma coisa à mercê deles para o que lhes convém.

Uma outra característica muitas vezes presente é a *revalorização do eu* que se confunde com a necessidade de reafirmação do eu. Tudo o que tenha a ver com as virtudes como a palavra dada, a honra, os bons costumes, a justiça, o direito, são aspetos que povoam a alma do

agressor, pois tomam esses aspetos como máximas a seguir. Todo o processo acaba muitas vezes na *agressão*, surgindo como uma descarga afetiva que frequentemente dilui o ressentimento e o ódio.

“Inseguro e infeliz, supersensível e irritadiço, minunciosamente observador até o desespero, sempre alerta e detetivesco, amargo e sarcástico, superior quando na realidade se sente inferiorizado, o indivíduo ciumento é, para si e para os outros, uma pesada carga que termina por afugentar todo o mundo de seu convívio. (Mielnik [1920] cit. por Souza & Oliveira, p. 4)

Segundo Freud, o ciúme se classifica em três graus, o primeiro é competitivo ou normal, o segundo projetado e o terceiro delirante. (Souza & Oliveira, p. 4)

O ciúme normal tem origem na perda de um objeto amado, no sentimento hostil contra o rival bem sucedido e na dor causada por não ter mais tal objeto, no caso, o parceiro(a). Este ciúme não é totalmente racional, pois não percebe somente a realidade, não há o controle do ego consciente, mas sim está enraizado no inconsciente, nas vivências passadas que a criança teve, de modo que se origina do Complexo de Édipo do primeiro período sexual.

Já o ciúme projetivo, como acontece no caso do marido de P., é derivado de impulsos próprios de infidelidade, ou desejo deste, os quais foram reprimidos. Quando o sujeito ciumento mostra o que sente, é como se fosse uma forma de alívio de colocar para fora algo inconsciente.

A terceira forma de ciúme, o delirante, também está ligada à repressão. O que os distingue, é o objeto do mesmo sexo que ele é direcionado. “O ciúme delirante é o sobranço de um homossexualismo que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas da paranoia.” É uma maneira de negar fortes impulsos homossexuais, no homem pode ser explicado na maneira inconsciente de pensar: “eu não o amo; é ela que o ama”. (FREUD, [1920] cit. por Souza & Oliveira, p.4).

Os mesmos autores citam Freud (p.4) que postula que é no Complexo de Édipo, com a escolha do primeiro objeto que o ciúme começa a ser observado. Nesta fase a criança irá escolher entre o pai e a mãe para que possa direcionar sua libido. No caso do menino, este terá preferência pela mãe, tentando ocupar o lugar do pai. A menina terá preferência pelo pai,

querendo ocupar o lugar da mãe. Os sentimentos travados dentro desta fase não são puramente positivos, mas sim hostis em relação ao sexo oposto. O menino terá ciúme do pai e a menina da mãe. Assim, podemos dizer que na infância a criança internaliza um modelo parental de escolha do objeto e quando adulto este modelo a influenciará em uma nova escolha, na qual direcionará sua libido.

“A situação típica dos ciúmes é naturalmente a da rivalidade no amor” (Klein, 1975, p. 57) Todos os ciúmes provêm da primeira experiência de rivalidade sexual da infância, ou seja, do complexo de Édipo. A perda de confiança em si mesmo nem sempre é um sentimento consciente da pessoa ciumenta. O ciumento sente-se inevitavelmente humilhado e inferior, desprezado, deprimido e culpado. A explicação para o ciúme encontra-se no fato do ciumento sentir que não é amado porque não pode ser amado. Porque ele é odioso, o ódio habita nele, o problema está nele. Como ele não é bom para a pessoa o poder amar, é por isso que o abandonaram ou esqueceram. Este pensamento habita nele e um sentimento de estar exposto a um perigo sem poder se defender que se tornam insuportáveis. Da infância ressurge a idade da dependência com todos os seus perigos e o círculo recomeça a formar-se como anteriormente. A projeção entra em ação imediatamente. O rival é visto como o detentor do mal e da destrutividade e descarrega-se sobre ele todo o ódio sem o mínimo de remorsos.

Quando sentimentos como a ira e a vingança são reprimidos, Rinne (2007) coloca que há uma possibilidade do ciumento se tornar depressivo, porém, em casos onde não há a elaboração desta dor da rejeição, existe o risco de morte e agressão do parceiro(a) por ideais de vingança. (Souza & Oliveira, p. 6) inerente ao ciúme vem a inveja do companheiro ser mais simpático e cativante e por vezes, até da sua beleza.

Outra razão apontada por P. para os desentendimentos do casal foram as inúmeras **traições** do marido. Começou pela amante que era prostituta em Moçambique, relação que só acabou com a vinda para Portugal e continuou cá com as “meninas” para quem ele telefonava para marcar encontros através dos anúncios de jornal que lia na garagem.

“e depois de engravidar da minha filha, descobri que ele que me traía... e daí para cá foi sempre um vida atribulada. Estes 48 anos de casada.” (ANEXOS, P. 100)

“Com a intimidade sexual vem também a intimidade emocional e com esta, a ambivalência inevitável das relações edipianas e pré-edipianas” (Kernberg, 1995, p. 81). Conforme a excitante ou frustrante mãe desde a sua infância, suspeitando da sua natureza sexual, podendo esta ser provocadora ou retraída, isso vai interferir na sua ligação erótica, idealização e dependência da mulher que ama. A sua culpa edipiana e o seu complexo de inferioridade em relação à mãe edipiana idealizada pode resultar na sua inibição sexual ou intolerância a uma mulher que se torne sexualmente livre e em relação a quem ele não se sinta tranquilamente protegido.

Tal desenvolvimento pode dicotomizar a relação com as mulheres, por um lado em relações erotizadas e noutra, dessexualizadas. Embora esta relação dicotômica seja tipicamente dos rapazes na adolescência, pode acontecer, sob circunstâncias de narcisismo patológico, o homem, que inconscientemente inveja a mãe e tem necessidade de se vingar contra ela pode acarretar uma desvalorização catastrófica em relação às mulheres como ansiado objeto sexual, trazendo geralmente o abandono.

Ramos cita Bollas (p. 4) O perverso é o caráter mais frequentemente comparado ao histérico. Superficialmente, eles parecem surpreendentemente diferentes em um ponto: o histérico recalca os conteúdos sexuais, enquanto o perverso os atua. Ambos operam em uma espécie de estado autoerótico dissociado; o perverso, remando na direção do objeto de desejo, o histérico, devaneando-o. Apesar de situados em mundos separados no que tange à preocupação sexual, podem tombar-se na rua.

Já em relação ao histérico, a mesma autora refere Alonso (p. 5) Inseguro, o histérico quer ser amado por todos; em relação às mulheres ama a todas, e não quer comprometer-se com uma, porque isso implica aceitar a limitação, renunciando às outras; muitas vezes se vê envolvido em várias relações amorosas ao mesmo tempo, por não poder escolher.

Santana & Freitas citam Scottini (2013) definindo traição como “ação de trair, infidelidade, abandono, rutura de um pacto”, como apresentado acima a traição é uma ato que nos acompanha desde as antigas civilizações e que perduram até os dias atuais. A traição para muitos pode ser entendida como beijar, praticar sexo, ter contato íntimo, desenvolvimento de apego ou comportamentos de flirt com uma pessoa que não seja aquela que se estabelece compromisso, a traição pode envolver aspetos emocionais ou sexuais.

No caso da entrevistada, ainda que os envolvimento do marido contemplassem mais ou apenas os aspetos sexuais, para si depois de tantos anos de enganar e sofrimento, tornava-se evidente a rotura.

De salientar igualmente a **violência intergeracional**. Neste caso, acontece nos dois lados do casal. Ambos provêm de famílias onde imperava a violência doméstica, as carências : económicas e a escassez do calor humano.

“era mau. O meu pai batia... fazia discussões, também era homem de prostitutas, e então quando vinha para casa, ou era problemas... mas esse bebia também. Então fazia escândalos, batia na minha mãe, até que se separou quando eu tinha 11 anos. Portanto, vivi com a minha mãe, foi a minha mãe que nos deu apoio...” (ANEXOS, p. 106)

“ah, o pai dele também batia na mãe... essas coisas assim... por aquilo que eu ouvia falar. O pai batia na mãe, já lá vai 50 e tal anos... portanto ele já tem 75... portanto esta a ver...” (ANEXOS, p. 112)

Muitas famílias experienciam a violência através das gerações. As formas, experiências e expressões de violência variam infinitamente dentro das famílias e entre os indivíduos. Os meios de transmissão destes padrões de violência são igualmente diversos, refletindo a complexa individualidade dos que transmitem e dos que recebem. Não obstante estas particularidades, os nossos resultados clínicos sugerem a possibilidade de identificar alguns elementos em comum da experiência e da transmissão.

Através da teoria da vinculação de Bowlby e da teoria Kleiniana percebermos os mecanismos envolvidos na perpetuação de padrões de violência de pais para filhos. O processo através do qual os pais transmitem as suas bases traumáticas de representações internas aos seus filhos e a assunção da criança da experiência parental, que é então assegurada ao nível da fantasia e manifestada em custos cognitivos, afetivos e nos padrões de comportamento.

A agressividade surge como a ligação para a transmissão intergeracional dentro das famílias com padrões de violência relacional. A experiência da criança com a mãe transforma-se em estruturas psicológicas denominadas modelos internos de vinculação. Estes modelos originam na criança a sua necessidade biológica de segurança e desenvolvimento em relação

à capacidade do cuidador (ou falta desta) em fornecer à criança predominantemente um sentimento confiável de segurança. Os modelos internos de vinculação surgem no contexto experimental com a mãe ou com o cuidador primário e evolui ao longo da vida da criança – formando percepções, antecipando eventos futuros e prescrevendo modos de relação com outros.

Os comportamentos de vinculação instintivos são determinantes na qualidade da relação criança-cuidador, tais como contacto visual, sorrir, chorar, abraçar, aproximar e seguir. Estas serão as respostas consideradas protetoras e cuidadoras da mãe à criança. O sistema cuidador da mãe tem uma base instintiva, mas é em última análise expressa através do filtro dos seus próprios modelos representacionais, que derivam do seu sentido de ser cuidada e protegida na sua relação com seus próprios pais.

Quando a resposta da mãe ou cuidador não é adequada, podem surgir as psicopatologias relacionadas à vinculação, sendo que estas se traduzem na formação de modelos muito rígidos e mal-adaptados ao meio externo, fechando-se a novas influências e comprometendo assim as relações interpessoais. Sendo a segurança, a maior necessidade psicológica da criança, *a psicopatologia pode resultar de falhas repetidas e prolongadas na proteção e cuidado ou em situações na qual a pessoa a quem a criança pede proteção é também a mesma que a sujeita a maus-tratos físicos e psicológicos.*

Por seu turno, Fairbairn acredita que traumas de infância que ocorrem resultantes da malícia ou negligência parental têm de ser recalcados, pois eles representam uma relação com um mau objeto, o que seria intolerável ao conhecimento consciente.

Segundo Klein, o principal objetivo de cada um é conseguir obter o máximo de segurança para a sua vida, acompanhado de prazer, no entanto, cada ser humano é único, podendo esta adaptação ser muito variável, subtil ou complicada. No entanto, este objetivo dependente de dois fatores variáveis, que são, o poder das pulsões de amor e de ódio (da sua vida emocional) de cada um e do meio externo em que vive no decorrer de toda a sua vida, estando estes em constante interação.

A autora explica quando a atenção e os desejos do bebe não são atendidos. Até certo ponto o bebe tem consciência da sua dependência e descobre que não pode ter todos os seus desejos

satisfeitos, aí chora e grita e fica agressivo. “Explode” automaticamente, de ódio, com um desejo irresistível de agressão. Desta forma, o ódio e a agressividade, a inveja, o desejo de possuir, todos estes sentimentos que os adultos sentem e experimentam, são todos derivados (extremamente complexos em geral), dessas experiências primitivas e da necessidade de a controlar se quisermos sobreviver e obter algum prazer da vida. (Klein, 1975, p. 19)

Em relação a P, também ela sofreu um trauma em criança quando viu a sua mãe a ir embora de táxi para o hospital, “muito mal”, depois de fazer um aborto. Ficou em casa com as irmãs e com o pai e contou que este “deu o chá à irmã que ela havia pedido” e ainda levou uma tarefa por ter feito “xixi na cama”. Por si só, a enurese por volta dos 8- 9 anos é um sinal de que algo não está bem com a criança.

“e agora acabei também por saber que eu por fazer xixi, que eu não tinha nada. A minha mãe levou-me ao médico e tudo, e não tinha nada a ver, era traumas. E aquilo, a mim dava-me dessa maneira, a minha outra irmã tinha medo, a outra, era assim.” (ANEXOS, p. 110)

O fato de ter de fazer um aborto também, fez-lhe recordar todo este episódio com a mãe, onde Fairbairn afirma “ as experiencias traumáticas com um pai, são muitas vezes sentidas como particularmente vergonhosas”. (Silverman, n.d.). *Tal fato explica-se pelo self e as representações do objeto estarem sempre ligadas, a criança inconscientemente acredita que ele próprio está envolvido na maldade do pai/mãe, o que sugere que as relações infantis são baseadas na identificação.* Embora sejam representações impensáveis, são relegadas para o inconsciente, mas fazem sentir-se na forma de repetições que continuam a organizar as experiencias relacionais. O objeto externo é desta forma protegido, enquanto que a sua maldade é perpetuada no mundo interno.

A negação é o mecanismo de defesa que P utiliza ao falar dos filhos. Segundo ela, ela sim, tem um trauma de infância ao ver a mãe ensanguentada depois do aborto a ir para o hospital, mas ao falar dos seus filhos, que também assistiram a cenas violentas do pai a agredir a mãe, descrito pela própria como “não paravam de gritar”, alega que “as crianças esquecem-se dessas coisas”, usando nitidamente a negação como forma de se defender do fato dos filhos poderem sofrer com aquilo que vivenciaram. Nessa direção, Cardoso (1997) apud SANTOS; MORÉ (2011) afirma que mesmo sofrendo vários tipos de agressão, a mulher se mantém no relacionamento abusivo por sentir a necessidade de ter um companheiro, tomando para si a

responsabilidade de tudo que ocorre na relação conjugal. *Dessa forma, entende-se que um motivo de resignação à violência que pode ser facilmente vinculado à socialização primária da vítima é a interiorização dos exemplos de conformismo.* A hipótese desta discussão compreende que a violência também possa ser repassada de mãe para filha, impondo à geração seguinte as experiências de violência a que se submeteram. Esse é um indicativo para a manutenção da subordinação feminina em relação à opressão masculina (SCAFFO; FARIAS, 2011). Nesse sentido, “pesquisas indicam haver um padrão de transmissão das experiências de violência ao longo das gerações, no qual mulheres vítimas de violência conjugal presenciaram também a vitimização de suas mães na infância” (NARVAZ; KOLLER, 2006 cit. por Gonçalves et al., 2013)

Relativamente à **ausência parental**, P, vivenciou o abandono do pai. Aos 11 anos, este foi embora e deixou a mãe, ela e as irmãs. “**não, ele foi-se embora. Ele é que deixou-nos. Ele é que se foi embora. Deixou-nos.**” (ANEXOS, p. 107)

O casamento acabou não pelo fato da mãe ter colocado um ponto final na relação abusiva, mas sim pelo pai se ter ido embora. Afirmou que depois disto, a mãe ainda era “apontada na rua”, por estar a criar as filhas sozinha. P internalizou que independentemente da violência e descaso por parte do marido, o importante é tratar da família e mantê-la unida. Nesse sentido, a relação conjugal pertence a um contexto social e familiar de afinidade com padrões sociais estereotipados determinados pela nossa cultura. Esses padrões definem a mulher como submissa e a responsabiliza frente ao conflito. Na reconstrução dos fatos, a mulher vítima assume parte da responsabilidade pelo fato ocorrido. Portanto, a coerção social sofrida pela mulher acaba se transformando em outra grande razão para que continue na relação violenta. Para algumas vítimas, o abandono do lar acarretaria sentimentos de vergonha pelo fracasso da sua relação e a percepção de falha na missão mais relevante das suas vidas: a de cuidar da família (SILVA, 1995 apud FERNANDES, 2002 cit. por Gonçalves et al., 2013)

Depreendo que, depois de passar a adolescência e princípio de vida adulta sem a figura paterna, quando conheceu o marido, renasceu a esperança de ser amada, ser protegida, valorizada e poder “fazer as pazes” com o homem que um dia a abandonou, personificado no marido.

(...) As mulheres que vivenciam a experiência de terem sido abandonadas pela figura paterna muitas vezes se engajam em relacionamentos amorosos que parecem ter a função de

preencher as lacunas afetivas deixadas pelos pais ausentes. Desse modo, as mulheres parecem depositar nos parceiros amorosos todas as frustrações e expectativas de resgate do abandono imposto pela figura paterna na infância. Nesse contexto, é praticamente inviável um relacionamento saudável e equilibrado, pois as mulheres se encontram em estado constante de submissão e dependência. *O parceiro amoroso torna-se o Pai, figura indispensável e portadora do poder masculino, sem a qual a mulher se vê destituída de qualquer possibilidade de sobrevivência emocional*, sentindo-se como uma criança absolutamente desamparada e solitária, lançada num mundo hostil. Todo o poder e capacidade de realização efetiva são transferidos ao parceiro amoroso, o qual se torna *senhor* da mulher (Sanford cit. por Lima, 2004, p. 2).

Mater certissima. Pai incertus lembrava Freud, retomando o adágio jurídico para indicar que do pai, ao contrário da mãe, só pode haver indícios no e pelo exercício de suas funções e apontou ser o vínculo com o pai e a Lei e a condição necessária para que uma transmissão simbólica se torne possível, engendrando uma memória e uma historicidade. Constatação muitos anos depois sublinhada por Lacan “ (...) na família, o Pai (com P maiúsculo), não é o genitor. (Lacan cit. por Senna et. al. ,p. 94)

Podemos pensar que o casamento durou tanto tempo, em grande parte, devido ao fato de P não querer ser abandonada outra vez pelo homem da sua vida. Pode ter desenvolvido ansiedade de separação, através do receio que sentiu que a fonte de nutrição, de alimento e proteção a tinha abandonado. Por trás desta ansiedade existe sempre um terror de perda, de aniquilação.

Medo do abandono, rejeição ou frustração são reações que são inevitáveis ao longo do desenvolvimento emocional (Langs, 1997, p. xi).

O ser humano possui uma necessidade intrínseca de se unir a outro, buscando construir vínculos duradouros ao longo da vida. Isso torna a presença da violência nos relacionamentos íntimos algo totalmente inesperado, embora esta aconteça com frequência e deixe marcas profundas. Este tipo de violência sofre influência do meio social e cultural (D’Oliveira et al., 2009; Santi, Nakano &, Lettiere, 2010; Schraiber et al., cit. por Lima & Verlang, 2011)

“ A mente, similar ao sistema imunitário, é mais afetado pelo trauma do que pela instrução”. (Langs, 1997, xii). Fatores negativos externos levam à seleção de defesas e adaptações, que depois ficam armazenados.

Agora, em relação ao momento em que P. decidiu pedir ajuda. Passados 47 anos de casamento infeliz, de suportar maus-tratos psicológicos e físicos, decidiu colocar um ponto final na relação abusiva.

P temeu pela própria vida. A morte surge como a mais básica força motriz no desenvolvimento das medidas defensivas, quer sejam físicas, como mentais. “A defesa mental é um termo de “suporte” que usarei para me referir às duas emoções básicas de resposta inter-relacionadas nas defesas de base mental contra a morte, ameaça de morte, ansiedade da morte e outras formas de perda e ameaça psicológica. (Langs, 1997, p. 10)

As defesas mentais são então manifestadas de duas formas, sendo a primeira a *comunicativa*, através de um grupo de operações mentais que criam falhas para experienciar e articular através da linguagem um vasto leque de perigos psicológicos, onde as ameaças de morte são muito proeminentes. Neste grupo estão incluídos a linguagem perceptual e defesas expressivas, sendo estas o disfarce ou a não-comunicação.

A segunda é a *psicológica*, a qual inclui um vasto grupo geral de esforços protetivos e adaptativos, caracterizados por estados psíquicos e mecanismos que tendem a envolver as vicissitudes dos significados que as experiências emocionais causaram. Como principais exemplos temos o recalçamento, mecanismo de defesa de não-recordar ou esquecer e a negação, outro mecanismo de defesa, desta vez para alterar/distorcer a realidade observável. Não podemos dissociar o comportamento defensivo, comportamento este que está ao serviço de todas as atividades emocionais defensivas, quer estas sejam conscientes ou não.

Quando P ligou para a APAV a pedir ajuda, ela encontrava-se no limite dela. O marido havia partido quase todos os objetos de casa, incluindo a televisão. Se ela não tivesse saltado pela janela do r/c, poderia não estar cá para nos contar este episódio. Todos os recursos internos, nomeadamente a negação daquela situação real, tornava-se obsoleta. Não podia continuar a disfarçar, a fazer de conta que aquilo não estava a acontecer. A sua vida estava em risco. E penso ter sido esta a principal razão que fez P dar o passo para pedir ajuda. O que era a vergonha agora, comparada com o valor da sua vida? Nada.

“Os acontecimentos traumáticos ou traumas psíquicos são acontecimentos que excederam a capacidade de adaptação do indivíduo, deixando uma ferida psíquica aberta, que consome e pela qual se escoa energia e que se agudiza ou reinflama aquando da expectativa ou

concretização de acontecimentos semelhantes, mantendo uma fragilidade específica em determinados setores da vida emocional e afetiva.” (Matos, 2001, p. 187)

Teve igualmente as respostas corretas e obteve o acolhimento que procurava, o que reforçou a sua vontade de sair da situação e foram no momento certo. O sentir-se compreendida, valorizada, que não estava só na situação, fez toda a diferença. P precisava da confirmação que estava a ter a atitude correta, e obteve-a. Não podemos descurar a vizinha, os filhos e a amiga que sempre a apoiaram. Nestes casos, para a pessoa dar o primeiro passo para a “liberdade” é fundamental ter esta rede de apoio. Muitas vezes nem tentam deixar a relação, pois desconhecem as instituições que as podem ajudar e/ou não têm ninguém com quem contar, incluindo familiares.

Penso que a força interior de P. tem sido crescente, pois associado ao medo que ela tem do marido, existe também **muita raiva**. Ela não “o quer ver à frente” (sic), não só pelo medo, mas e principalmente, pela raiva que tem dele.

“Só não quero é vê-lo à minha frente. Porque mexe comigo. Quando o vejo fico nervosa, porque sei que o que ele fez...” (ANEXOS, p. 123)

“O amor é responsável pela ilusão de encontrar, na realidade, o objeto do desejo supostamente capaz de reeditar o encontro mítico com o objeto primordial. O desejo remete, portanto, ao objeto perdido e o amor constrói ilusões. O amor necessita que o objeto mítico seja encarnado numa pessoa e provoque a ilusão do seu reencontro. Um interjogo fantasmático ocorre quando um parceiro corporifica o fantasma do outro, apresentando-se como o objeto que causa seu desejo” (Levy & Gomes cit. por Gomes, 2011).

No entanto, no caso de P., quando esta ilusão se desmoronou, a angústia experimentada pela mulher não está referida à perda real do objeto, mas à perda do amor por parte do objeto (Freud, [1926] 1969). Ampliando esta afirmação, Ligeiro e Barros (2008) enfatizam que o medo de ser abandonada pelo parceiro e perder seu amor é uma invariável na vida psíquica feminina. Para as autoras, enquanto o homem está submetido à função fálica, nela encontrando um apoio para atravessar os momentos de angústia, a mulher experimenta uma espécie de dissolução de si, perdendo as fronteiras do seu ser. Diante de um não saber sobre a própria feminilidade, a mulher tentará fazer suplência a essa falta por meio do amor e buscará exclusividade no desejo de um homem. Assim sendo, o amor, sobretudo a perda do amor, é

por ela sentida como uma devastação. Ela se perde ao perder o amor do homem. (Levy & Gomes, 2011)

Tal como no caso de P., questões mal resolvidas no processo de separação, a inveja, sentimentos de solidão, o abandono, a vivência da traição, entre outras motivações, provocam a animosidade, libertam o ódio, a vontade de vingança e provocam destruição.

Ao ter de fazer o aborto, P. lembra-nos o mito de Medeia designa em Lacan (1966) a "verdadeira mulher", ou seja, aquela que coloca o amor de um homem acima da maternidade. Medeia está entre as figuras míticas de mulheres que tudo sacrificaram em nome de sua exigência de amor por um homem. Para obter o amor de Jasão não hesitou em perpetrar todo tipo de transgressão, inclusive matar os próprios filhos. Zalcberg (2008) nos lembra que este é um personagem que, para Lacan, corresponde à "verdadeira mulher", porque para ela ser mulher era superior a ser mãe. Diante da traição do amado, visava despojá-lo de tudo, matar os filhos que com ele tivera, feri-lo no que lhe era mais caro. A autora compara a mulher freudiana, essencialmente fálica, visto o filho ter um valor de compensação fálica, com a mulher em Lacan, que escolhe ser mais mulher que mãe, relegando sua condição materna a um segundo plano. É o amor e não a criança que possui um valor fálico. (Levy & Gomes, 2011)

Os mesmos autores referem a noção de fúria narcísica, tal como desenvolvida por Kohut (1979), é uma resposta a uma ferida narcísica real ou antecipada e pode tomar a forma de uma necessidade de vingança, de reparar uma afronta, marcada por uma compulsão inexorável de perseguir esses objetivos sem dar trégua àquele identificado como o ofensor. Diante de qualquer possibilidade de conquistas obtidas pelo outro, tomado como o inimigo a quem se precisa destruir, o sujeito busca fazê-lo passar pelos mesmos sofrimento e humilhação vividos quando da separação.

António Coimbra de Matos (2001, p. 47) refere “o *acting-out* – ditado pela raiva narcísica – e os eventuais períodos de atividade e produtividade quando o objeto interno é externalizado ou projetado noutra recetáculo e possível uma contenda aberta (isto é, quando ousa episodicamente revoltar-se, diretamente ou através de uma relação transferencial), ou quando esse mesmo objeto é temporariamente expulso e mantido à distância”.

Levy & Gomes (2011) referem Klein “a onipotência conferida pelo encontro amoroso num primeiro momento começa a ser questionada e o "bom objeto" revela-se com seus "maus

aspectos". A ansiedade de perder o objeto amado aumenta a avidez e as cobranças. Quando a ansiedade é suprema, o ego tende a negar as situações que a geram. Inicia-se um processo no qual se procura controlar o objeto de amor, ao mesmo tempo que o sujeito se confronta com a possibilidade de "danificá-lo". Espera-se que, gradualmente, seja possível uma atitude mais realista diante da frustração. Enfim, crises são esperadas e necessárias no processo de maturação, quando o sujeito deveria ser capaz de reparar internamente o objeto danificado pelos seus ataques de ódio. Não se trata de reparar por meio de uma nova relação ou de um "recasamento", pois, assim fazendo, o sujeito geralmente se defronta com um novo fracasso. Assim sendo P. necessita percorrer o caminho para a superação das dores de amor e de uma separação conjugal e aspectos que a inviabilizam. Freud, em "Luto e melancolia" ([1917] 1969), indica a necessidade de um tempo determinado para o trabalho de luto ser concluído e o ego se ver novamente livre e desinibido para novas investidas libidinais. O desinvestimento amoroso sobre o ex-parceiro se faz concomitantemente com a recuperação das partes de si que foram projetadas no outro; e isso só pode vir acompanhado por uma possibilidade de integração egóica de cada um dos envolvidos, o que significa quebrar com a idealização do modelo fusional de relacionamento. Com isto, a energia libidinal pode ser direcionada para novos objetos. (Levy & Gomes, 2011)

Como consequências desta relação abusiva, P ficou num estado emocional fragilizado, onde a **ansiedade** tomou conta de si e da sua vida quotidiana. Muitas vezes não consegue dormir bem, passando "a noite em branco", daí ter necessidade de tomar comprimidos para dormir.

"Eu: consegue dormir bem? Toma alguns comprimidos?"

P: tomo. Sou obrigada mesmo a tomar. As vezes passo horas e horas... e depois acabo por tomar." (ANEXOS, p. 123)

Cada vez que vai à rua fazer compras, vai sempre muito cedo, pois sabe que é um horário onde não vai encontrar o agressor e evita sempre frequentar os locais onde ele possa estar. Embora em casa se sinta muito melhor, mais em paz, na rua é um estado contínuo de alerta e desassossego.

A angústia sinal de alarme é, não só um aviso de perigo interno (como Freud a definiu), de um perigo instintivo, do afloramento de um instinto condenado pelo Supereu, de uma moção pulsional erótica ou agressiva da qual o Eu tem de se defender para obedecer à consciência

moral, como o aviso de um perigo externo – da perigosidade de um objeto ou de uma situação que o sujeito *relembra* (relembra sem lembrar; pois a recordação não chega à consciência, é apenas emitido o sinal e perigo, acordada a antiga emoção de medo, que o indivíduo sentiu na situação original vivida como perigosa; é uma emoção alucinada). (Matos, 2001, p. 186)

Para concluir, podemos dizer que a ansiedade é o medo interiorizado em que fica registada a perigosidade de uma determinada situação relacional em que, ao surgir uma nova situação que se assemelha à original, ainda que em termos inconscientes, o medo desperta.

3.4. Resumo da 2ª entrevista

M. tem 53 anos e é economista. Trabalha num banco, tal como o marido. Não tem problemas económicos e está a enfrentar o processo de divórcio após 26 anos de casamento e 30 de relação. Quem pediu o divórcio foi o marido, pois após a separação, já tem outra pessoa e quer refazer a sua vida amorosa. O que salta à vista praticamente em toda a entrevista é a dependência afetiva de M. em relação ao marido, provavelmente resultante da pouca atenção recebida em criança.

Como principais nuances da entrevista salientam-se a sua **dependência afetiva** e a **negligência emocional** sofrida em criança por parte dos pais, que mesmo podendo não ser intencional, por existirem mais 14 irmãos, ambas estão intimamente ligadas.

Tais circunstâncias da vida de M pesaram muito na relação com o marido, que a levaram a **uma compulsão à repetição** na vida adulta, tentando ganhar o amor do marido de uma forma subserviente numa tentativa de sarar a ferida narcísica vazia do afeto primário. Tudo isto fez com que M se tornasse muito insegura, baixa auto-estima e se refugiasse no trabalho como forma de compensar uma afetividade falha.

Por sua vez, o marido de M, também ele proveniente de uma família disfuncional, onde o pai se suicidou quando ele tinha 10 anos, demonstra uma **personalidade depressiva**, que teve de enfrentar um luto muito difícil de superar (se é que conseguiu superar) ao ter de se tornar “o homem da casa”, juntando a agressividade do pai sobre ele, conferindo-lhe igualmente sentimentos de desvalorização e falta de auto-estima.

Desta forma, a carência afetiva de M conjuga-se com a necessidade de cuidados do marido, quando este passa dias fechado em casa sem conseguir ir trabalhar. A sua submissão potencia a agressividade dele, num jogo com alguns contornos **sado-masoquistas**.

A relação anaclítica que M tem com o marido, fusional, como se eles fossem um, juntamente com a dependência afetiva que apresenta, a falta de auto-estima, desvalorização, apenas *existir* em função do outro, aponta para uma **estrutura Borderline**.

Como consequência da relação abusiva, M apresenta um quadro de elevada **ansiedade** ao ter de passar pelo luto da relação, que ainda não conseguiu elaborar, sendo seguida por uma psicóloga e por um psiquiatra. Toma anti-depressivos e o seu quadro pode evoluir para uma **depressão** ao se consumar o divórcio e o marido for, por exemplo, viver com a outra companheira. Quando o medo de perder o objeto de amor se tornar uma realidade.

3.5. Análise da 2ª entrevista (ANEXO H)

M acolheu logo de bom grado o convite para me conceder esta entrevista. Afirma que o que mais gosta é poder ajudar, e como se trata de uma tese tem o maior gosto em participar.

Ainda se encontra combalida com a separação que ocorreu no princípio do ano e a principal característica que sobressai é a sua dependência afetiva do marido. “**ahhhh.... Quer dizer, ele inicialmente não se queria divorciar... mas depois foi ele que quis tomar a iniciativa. Eu até lhe disse: “mas para quê tanta pressa?”**” (ANEXOS, p. 125) Durante toda a entrevista esse fato foi evidente, resultante, muito provavelmente da pouca atenção recebida em criança.

A família numerosa de M., ela tem mais 14 irmãos, deixava os pais com pouco tempo para os acarinhar e dar a atenção necessária a todos. M. conta que até na escola ela é que teve de “arranjar os livros sozinha”, pois sempre teve sede de conhecimento e pouco apoio.

Outra característica interligada à dependência afetiva, é a vontade de agradar para ser reconhecido. Já em criança ajudava os pais a tomar conta dos irmãos, fazendo por vezes o papel de mãe a cuidar deles, o que continuou na vida adulta, a tomar conta do marido,

fazendo umas vezes o papel de mulher, outras de enfermeira e outras até de mãe. Já com o filho dela, acabou por acontecer o mesmo, o que lhe valeu o fraco reconhecimento por parte deste, que escolheu ficar a viver com o pai em vez de ficar com a mãe, entre outros problemas anteriores.

A **dependência afetiva** que revela como o indivíduo se apoia e confia no outro para sua existência e, portanto, possui uma referência disfuncional. Sabemos que construímos a nossa afetividade desde o momento primário, no relacionamento profundo entre mãe e filho nas primeiras fases da vida, e que qualquer quebra nessa relação pode influenciar negativamente na forma como o sujeito irá se relacionar com o outro. (Silva, 2013)

Silva cita Rodrigues e Chalhub (2010) em virtude das interações que a pessoa vivência durante a infância há uma grande influência para ela esperar ou não uma base pessoal segura, bem como a condição para estabelecer e manter laços afetivos gratificantes. Eles falam ainda que sejam quais forem essas interações iniciais (seguro, inseguro-ansioso, inseguro-ambivalente) as que primeiro se estabelecem são as que persistem durante sua vida.

Os indivíduos seguros apresentam interações mais seguras por não terem encontrado grandes dificuldades de relacionamento em sua vida passada e dessa forma ficarão mais naturais e confortáveis no relacionamento com terceiros.

Os indivíduos inseguros se sentirão mais à vontade em tarefas que o isolam do contato com terceiros. Sua segurança maior está em trabalhos que envolvam uma relação mais direta com o objeto do que com as pessoas.

Os indivíduos ambivalentes, como no caso de M., por sempre terem vivido numa montanha-russa emocional, acabam dirigindo seus afetos utilizando-se das mesmas diferentes estratégias de manipulação usadas por seus cuidadores a outras pessoas, mantendo seus padrões de ligação anteriores e autoestima em níveis mais baixos, propiciando dessa forma uma probabilidade elevada à dependência afetiva.

Já em relação ao casamento, M. teve ilusões românticas e idealizações com altas expectativas no que diz respeito ao outro se mesclam para forjá-lo nos pensamentos das pessoas. O outro assume lugar de deus, e são atribuídos a ele aspetos dignos de veneração. “Muitas vezes, o

objeto de amor de um sujeito confere a ele a sensação de uma completude narcísica, uma vez que o outro o idealiza, o protege e ampara, legitimando sua identidade social. Por outro lado, esse objeto de amor pode fragmentar a identidade do amante, levando-o a se sentir desamparado quando não o aceita e o agride.” (Silva, 2013)

O recém-nascido vem ao mundo num estado de indiferenciação, incapaz de alguma ação psíquica, já que no estado fisiológico, no útero, as relações são de um completo parasitismo da criança. No transcurso do primeiro ano passara por uma simbiose com a mãe, para terminar num estágio onde se desenvolvem relações hierárquicas (...) até ao estabelecimento do objeto definitivo da libido. (Spitz cit. por Kreisler, p. 75)

Embora dramáticas, como consequências de estados de carência e privação afetiva podemos apresentar os resultados de pesquisas efetuadas por Spitz em 1958 com crianças institucionalizadas. Foram estudados 2 grupos de crianças, num orfanato para crianças abandonadas e num berçário de uma prisão de mulheres. Enquanto que no orfanato, sempre limpo e organizado, com a nutrição e todos os cuidados profissionais, as crianças (de idade inferior a 2 anos) mostravam “um sensível retardamento em seu desenvolvimento mental e progressiva debilidade física”(Spitz cit. por Kreisler, p. 76). Das 88 crianças, 23 morreram numa epidemia de sarampo, tendo apenas 2 começado a falar e a caminhar. Nenhuma aprendeu a comer sozinha e todas eram incontinentes. Por contraste, no berçário da prisão, as crianças que eram cuidadas pelas próprias mães, apresentavam um nível de desenvolvimento saudável, compatível com a idade e sem nenhuma morte.

Este estudo foi muito importante para percebermos as relações objetais nos primeiros anos de vida. O autor também verificou que outros bebês que ficaram privados da presença da mãe por um período de tempo prolongado, passaram a apresentar alterações comportamentais e clínicas, que se intensificavam em função da duração da separação, logo se recuperavam rapidamente quando a mãe reaparecia ou era encontrada uma substituta adequada. A este transtorno, Spitz entendeu como decorrente de uma *privação afetiva parcial* e denominou *depressão anaclítica* em razão da rotura objetal.

Spitz, inspirado no estudo de Freud (1914) sobre o narcisismo primário, escolheu o termo anaclítico, que Freud havia denominado à escolha objetal feita pela criança pequena.

Segundo Freud, os instintos sexuais estão ligados à satisfação dos instintos do ego, logo, os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que cuidam dela, que se preocupam com a sua alimentação, proteção e bem-estar, sendo então a mãe ou o cuidador primário.

Em casos mais graves de total ausência da mãe, principalmente em instituições onde cada profissional tem a seu cargo muitos bebês e eles recém pequenas porções de afetividade materna, as consequências são bastante mais graves para o bebê. Aqui a depressão anaclítica apresenta logo de início um acentuado atraso motor, total passividade e rosto vazio de expressão, chegando a manifestar espasmos de dedos e cabeça, semelhantes aos de portadores de danos cerebrais, a qual Spitz atribuiu à *carência afetiva total* e denomina de síndrome do hospitalismo.

Desta forma, concluiu que a ausência da figura materna afetivamente cuidadora, produz uma carência do investimento libidinal, necessário para que sua bagagem congênita, filogeneticamente determinada, possa evoluir. (Spitz cit. por Kreisler, p. 77)

Quando a ausência de relações objetais não permite a descarga de impulsos agressivos, o bebê volta a agressão contra si mesmo. Torna-se incapaz de assimilar a comida, cai vítima da insônia e se auto-agride, batendo com a cabeça na grade do berço ou arrancando mechas de cabelo (...) o impulso libidinal se desliga do impulso agressivo e cessam todas as atividades auto-eróticas, inclusive a sucção do polegar (...) o bebê retorna ao narcisismo primário, e não pode sequer usar o próprio corpo como objeto. Tem-se a impressão, de que, nos bebês com *marasmo*, o impulso libidinal é empregado com fins de conservação, para manter o mais possível da força vital que se vai debilitando. (Spitz cit. por Kreisler, p. 78)

Assim sendo, podemos compreender que a satisfação das necessidades exclusivas biológicas e dos cuidados materiais não é suficiente para garantir a sobrevivência do bebê, e que a carência ou privação de cuidados afetivos, podem produzir graves danos à saúde física e psíquica da criança, podendo levá-la até à morte.

Penso que a grande carência afetiva sentida por M. na sua infância, ao longo da sua adolescência e até se tornar adulta, tiveram um peso enorme na sua relação com o marido. Uma vez mais, procurava servir para agradar, para ser valorizada, nem que fosse para ser notada. O fato do seu pai ser simultaneamente muito ausente, sempre preocupado com a

cidade, com a cultura, denotava ser um pai muito narcísico, muito centrado em si-mesmo e nas suas necessidades, pecando muito depois em termos afetivos. O importante era a sua imagem e o preencher das próprias necessidades, não eram as manifestações carinhosas para com o outro. Por sua vez, com o marido a história praticamente se repetiu. Ausência de afetos, de carinhos, mas muito dominador, agressivo e humor instável com tom particularmente depressivo, com historial de patologias familiares, tal como seu pai, igualmente agressivo principalmente com ele, filho, e que acabou por se suicidar.

“pois... não podia prover àquilo tudo! Eu lembro-me que eu tinha que ir pedir emprestado os livros... eu entrava na escola e ninguém cuidava de mim!”

(ANEXOS, p. 132)

Segundo Calheiros & Monteiro (p. 163), a **negligencia psicológica** é definida por omissões dos adultos em relação à supervisão na organização da vida diária e atividade escolar da criança, enquanto que a **negligencia física** engloba a falta de supervisão em relação à segurança e falta de provisão em relação às necessidades de desenvolvimento físico da criança relacionadas com a aparência e bem-estar, higiene, alimentação e saúde. No caso de M., embora a primeira seja evidente, não podemos descartar a segunda, nomeadamente na questão da falta de supervisão, pelo menos em relação à sua segurança.

Qualquer forma de tratamento físico e/ou emocional, não accidental e inadequado, resultante de disfunções e (ou) carências nas relações entre crianças ou jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e (ou) poder. Podem manifestar-se comportamentos ativos (físicos, emocionais ou sexuais) e (ou) passivos (omissão ou negligência nos cuidados e (ou) afetos). Pela forma reiterada como geralmente acontecem, privam o menor dos seus direitos e liberdades, afetando, de forma concreta ou potencial, a sua saúde, desenvolvimento (físico, psicológico e social) e (ou) dignidade.” (Magalhães cit. por Monteiro, p. 24)

Alguns autores acrescentam ainda a esta descrição comportamental a privação de necessidades emocionais, exploração e chantagem emocional, que resulta em efeitos nocivos no seu desenvolvimento físico e psicossocial, bem como nas suas competências emocionais e sociais.

A Negligência é, Monteiro cita Magalhães (2010), um comportamento regular de omissão na conduta em relação aos cuidados a prestar ao menor na satisfação das suas necessidades de higiene, alimentação, segurança, educação, afeto, estimulação e apoio, em função dos recursos disponíveis na família ou responsáveis. Acrescenta também que esta pode ser voluntária, quando o responsável pretende infligir danos, ou involuntária, resultando da falta de preparação ou incompetência dos pais para assegurarem os cuidados adequados.

Por sua vez, a negligência emocional também se insere na categoria do maltrato passivo e poderá ser definida como “a falta de resposta persistente por parte dos pais ou responsáveis pela criança aos sinais emitidos por esta (choro, pranto, sorriso, bem como às suas expressões emocionais e comportamentos de busca de proximidade e interação, sendo notória uma ausência de iniciativa no contacto do adulto com a criança” (Formosinho e Araújo, 2002). Como exemplo de negligência emocional, podemos considerar o facto de alguns pais se mostrarem emocionalmente indisponíveis ou manifestarem falta de sensibilidade e de envolvimento para com as crianças (Martins cit. por Monteiro, p. 29)

Essa falta de atenção, muitas vezes, é falsamente justificada pela falta de tempo dos pais (Farinatti e colaboradores, 1993; J. Pires, 1999 cit. por Albornoz & Nunes, 2004)

A família continua a ser considerada como o ambiente ideal por excelência para a criança e qualquer esforço de desidealização da mesma, concebendo a hipótese de este ser um meio maltratante para a criança, ainda levanta muitas contradições sociais, dificultando a produção de conhecimento no âmbito das consequências do maltrato nas crianças (Martins, p. 30) Na maior parte das vezes, no âmbito da negligência, os danos causados não são imediatamente visíveis, revelando-se apenas tardiamente. Desta forma, vão-se instalando, estruturando e *afetando o desenvolvimento em várias dimensões, tais como o auto-conceito e a auto-estima da criança, com repercussões no desempenho de funções na sua vida de adulto (saúde mental, trabalho, relacionamentos interpessoais)* (Begum cit. por Monteiro, p. 31).

No caso de M., as repercussões são evidentes a nível das relações afetivas. Se a vinculação estabelecida não se traduzir numa experiência gratificante para a criança, ou seja, se os/as adultos/as se mostrarem indisponíveis para as crianças, estas vão, conseqüentemente, criar expectativas negativas em relação ao seus pares, e segundo Azevedo e Maia, 2006,

“expectativas negativas, tanto na disponibilidade e na confiança que depositam nos outros como na sua própria capacidade para fazer com que os outros gostem de si. *Ao desenvolver estas expectativas negativas, estas crianças estarão menos aptas para estabelecer relações interpessoais positivas com os outros*”. (Monteiro, p. 36)

De tal forma, que “é com base na identificação que temos com determinados grupos que forjamos também nossas identidades pessoais. A impossibilidade do sujeito em poder identificar-se com aquilo que valoriza, leva-o a sentir-se desvalorizado. Podemos manter a dimensão de que valores não têm caráter absoluto e que podem ser questionados cria condições para que tais valores não se tornem impeditivos de um desenvolvimento mais pleno e gratificante para cada indivíduo, mas sim que sejam construídos em consonância com suas necessidades especiais, dentro de um princípio ético e humano. O aprisionamento naquilo que denominamos de *identidades desejadas*, como são as identidades de gênero, comprometem a condição do sujeito de exercer-se enquanto agente de seu próprio destino e ter uma mente própria, vivendo uma identidade pessoal “forjada”. (Muzskat, p. 71)

A dor psíquica, decorrente da perda real ou fantasiada de um objeto (Freud, 1920/1980b), provoca uma reação, recrudescer defesas ameaçando as catexias objetais e as tendências de ligação, pondo em risco toda a capacidade de um indivíduo para estabelecer vínculos (Dantas, 1999). Baseando-se em Bion, André Green e Meltzer, França (1999) afirma que a dor provocada por uma decepção sofrida num momento de desamparo produz um sofrimento profundo. Pessoas para quem os objetos primários falharam em oferecer condições suficientemente boas para o seu desenvolvimento nos primórdios da vida psíquica permanecerão afogadas no desespero pela vida toda. (Albornoz & Nunes, 2004, p. 213)

A dependência afetiva ganha relevo para M. num quadro assim. Ela carente, a querer agradar, o marido depressivo, a precisar de cuidados. Ligação complementar, relação recíproca, com muitas nuances agressivas, algumas traições, sempre na procura do carinho não encontrado, que completam um quadro de uma relação pouco saudável e construtiva. Não estão juntos apenas pelo amor, mas pela necessidade que têm um do outro. Mesmo em relação ao filho, M. sempre disse “quando ele fizer 18 anos, eu deixo o meu marido”. No entanto, “A criança pode identificar-se com as características masoquistas da mãe ou ceder às provocações masoquistas da mesma com uma resposta sádica ou com excessivas formações

reativas e culpa”. (Blum, p. 131) Até aqui M. precisou estabelecer esta “regra” mental para se capacitar, para ganhar tempo, que um dia iria fazê-lo. De notar, que apesar disso, o filho escolheu ficar a morar com o pai. “Psicologicamente, uma mulher é um imenso ventre fechado, motivo porque o mundo constitui para ela uma enorme CRIANÇA carente da sua vigilância e proteção. Contudo quando a mulher não se acautela, o seu ventre transforma-se – sempre em termos psicológicos – numa enorme «estufa» que procura por todos os meios reter em si aquilo que gera.” (Daco, p. 219)

O mecanismo de defesa é a racionalização, onde se procura uma justificação plausível (cuidar do filho) para uma ação tida como inaceitável (continuar com um marido agressor). Tanto que sempre teve recursos financeiros para o fazer, mas o status também parece pesar. Os presentes caros, viver na Expo, ter boas férias, ter um caso extra-conjugal de vez em quando, também é importante para M.

“O Animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem” (Jung, 1928/1978a, p.199). Essa contraparte masculina constitui uma compensação inconsciente da atitude feminina consciente, agindo, desse modo, como intermediário entre o Eu consciente da mulher e o seu inconsciente (Jung, 1912/1978b, 1961/2006; Pieri, 2002; Sanford, 2004; Stein, 2004 cit. por Lima, 2012)

Lima (2012) cita alguns autores: figuras paternas que praticam atos de negligência, omissão, ausência, autoritarismo, abuso e outras formas de violência tendem a incutir em suas filhas mulheres sentimentos de menos-valia, insegurança, baixa autoestima e dificuldade de estabelecer relacionamentos amorosos satisfatórios (Eizirik & Bergmann, 2004; Pereira & Silva, 2006; Costa, Legnani & Zuim, 2009). A influência da figura paterna também se manifesta nas seguintes dimensões da vida dos filhos: competência social (Custódio & Cruz, 2008); conflito com a lei (Dell'Aglio, Santos & Borges, 2004); vulnerabilidade social e delinquência juvenil (Feijó & Assis, 2004; Conceição & Sudbrack, 2004); representações sobre parentalidade e relações de gênero (Perucchi & Beirão, 2007); visão sobre o conceito de família e expectativas em relação à constituição de suas próprias famílias no futuro (De Antoni & Koller, 2000); equilíbrio no processo de desenvolvimento (Gomes & Resende, 2004); desempenho acadêmico (Cia, D’Affonseca & Barham, 2004); trajetória vocacional (Gonçalves & Coimbra, 2007); distúrbios alimentares (Gaspar, 2005; Nodin & Leal, 2005).

Assim sendo, o casamento de M. é pautado pelas repercussões da sua carência. Em muitos casos, os parceiros amorosos exercem abuso de poder, justamente por perceberem o estado de subserviência e dependência da mulher. Como todo relacionamento afetivo ocorre dentro de uma dinâmica em que há responsabilidade de todos os envolvidos, muitas vezes a própria mulher contribui para esse abuso, quando, numa postura de submissão e carência, torna-se "pegajosa", dependente e acaba por incitar no parceiro atitudes de domínio, afastamento, negligência, opressão e desrespeito. (Lima, 2012)

Tal como na entrevista anterior, as duas mulheres sofreram o abandono do pai. Embora a primeira tenha sido ausência física, ambas foram afetivas, seguramente. Lima estudou mulheres que haviam sido abandonadas pelo pai em criança e explica o porquê das mulheres reviverem essa situação em adultas com os seus companheiros. Para uma melhor compreensão, o autor utiliza o conceito psicanalítico de compulsão à repetição e a teoria Jungiana dos complexos.

A compulsão à repetição é o mecanismo por meio do qual o inconsciente tende a buscar situações que possibilitem ao indivíduo reviver situações que foram geradoras de conflito e sofrimento psíquico (Freud, 1914/1979d, 1914/1979e, 1920/1979a, 1926/1979b). É como se o inconsciente estivesse à procura de situações análogas às que formaram o núcleo patogênico, numa tentativa de curar a ferida psíquica. É uma reedição de dinâmicas relacionais nocivas e/ou insatisfatórias, com o intuito de pavimentar os buracos deixados por vivências de traumas afetivos: "... o que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até que seja encontrada solução e alívio" (Laplanche & Pontalis, 1999, cit. por Lima, 2012).

Por sua vez, *os complexos* são conjuntos de ideias que se mantêm unidas por meio de um componente afetivo compartilhado. Existe uma articulação com a compulsão à repetição, na medida em que, visto os complexos procurarem formas de descarregar esse afeto, estes agem de forma autónoma em relação às intenções conscientes do Eu, *levando o sujeito a agir de forma compulsiva e repetitiva, para situações que permitam reviver e "curar" a ferida emocional.* "A possibilidade de "cura" dá-se justamente porque existe um componente emocional compartilhado entre a situação atual e a vivência que originalmente provocou a ferida. Ou seja, ambas estão enredadas no mesmo complexo. Dessa forma, solucionar um

conflito atual teria um impacto terapêutico sobre o complexo como um todo e, conseqüentemente, sobre todas as representações psíquicas que o compõem”. (Lima, 2012)

O autor concluiu o estudo, visando que estas mulheres para se libertarem do fantasma paternal, devido a ter sofrido abandono ou má relação, necessitam deixar de o culpar de todo o mal que lhes acontece nas suas vidas. Será necessário curar as próprias feridas, encontrar em si mesma a força, o cuidado e a proteção que ressentem não ter recebido do pai. “Em termos junguianos, trata-se de construir uma relação de maior integração com o *Animus*, abrindo caminho para o *Si-mesmo* e, conseqüentemente, para a individuação”. (Lima, 2012)

No entanto, o marido de M. embora tenha apresentado sempre uma atitude agressiva durante o relacionamento, demonstra também alguns indícios de patologias, com sintomas depressivos. Embora o casal viva uma dinâmica pouco saudável, pois M. também se apresenta com um humor instável, com muita dificuldade em tomadas de decisão. *De notar que desde o início da entrevista, ela nunca se sentiu “desligada” dele, começando logo por não saber se lhe chamaria marido ou ex-marido e mantendo essa posição indefinida até ao fim.* Aliás, o divórcio está agora a decorrer a pedido dele. Depois de se terem separado, ele já foi a casa dela, ajudou a decorar a casa e até foi às compras com ela. Se não tivesse uma namorada e vontade de se divorciar, não sei se não haveria uma reconciliação.

Relativamente ao seu historial familiar, temos um quadro bastante complicado, onde o pai se suicidou quando ele tinha 10 anos, e sendo o mais velho e único homem, sentiu que tinha de cuidar e proteger a família, principalmente a mãe. Digamos que a partir deste momento, se inverteram os papéis, onde o filho se tornou pai da mãe. Embora os motivos conhecidos sejam que a razão foi monetária, devido às dívidas dos negócios familiares, todo o quadro que M. contou, aponta para alguém que também sofria alguma psicopatologia, nomeadamente depressão. Havia dias em que “ele não podia ver sequer o sol e então tapava as janelas todas com jornais, para ficar escuro”. Isto já é nitidamente um sinal que algo não estava bem. Inclusive a irmã também apresenta alguns sintomas patológicos, mais ligados ao controle, como o comportamento obsessivo (visível na forma como trata as filhas).

O marido de M., não só teve de assumir a responsabilidade da família, quando ainda nem estava na adolescência, como teve de suportar a dor de perder um pai e quase nem conseguir

fazer o luto, pois teve de crescer e ficar “o homem da casa”.

“tinha 10 anos... mas ele é que se responsabilizou, porque estava sempre a dizer: “eu é que tenho que carregar com tudo...” (ANEXOS, p. 142)

A adolescência é reconhecidamente um momento singular do processo de crescimento e desenvolvimento, no qual ocorrem mudanças significativas na relação do sujeito com o seu corpo e com os seus laços amorosos e sociais, as quais são vividas diferentemente, dependendo do contexto em que se insere o jovem (Outeiral cit. por Mota, 2008, p. 13)

Evidentemente, se a adolescência já sobrecarregada por tantas demandas, tem também de lidar com a perda de uma pessoa significativa, muito provavelmente se configurara uma situação tal que lhe exigira um esforço de elaboração ainda maior e que poderá esgotar suas estruturas defensivas e precipitar respostas extremas. (Domingos, Maluf cit. por Mota, p. 13)

Portanto, a **experiência de luto pela morte de mãe/pai** na adolescência é um fator de risco para a saúde mental, e na literatura **tem sido associada à depressão**, à presença de doenças graves, a intensos e perturbadores sentimentos de culpa, à redução da auto-estima e ao desenvolvimento de distúrbios psíquicos, prejudicando a performance escolar e profissional nas relacionamentos interpessoais e estimulando comportamentos desviantes (Pereira, 2004; Domingos, Maluf, 2003; Domingos, 2000 cit por Mota, p. 14)

Neste caso específico, o luto aconteceu por suicídio do pai, o que sendo um episódio tão cruel, deixou o marido de M. à mercê de sentimentos de impotência, revolta, culpa e simultaneamente, como forma de tentar ultrapassar, a negação, e tomar o lugar de “homem da casa” como principal estratégia para gerir a situação, reprimindo assim a evolução e conclusão do próprio processo de luto, podendo-o tornar patológico. Embora o marido de M. tivesse uma personalidade agressiva e dominadora, provavelmente até sádica em relação a ela, tal não acontecia com a mãe, com quem era muito protetor, cuidador como se fosse “pai” dela. Inclusive se as duas mulheres discordassem, ele dava sempre razão à mãe. Facilmente se percebe que a mulher da sua vida não é aquela com casou, mas sim a sua mãe. Movido pelo medo da perda, depois do que lhe aconteceu com o seu pai, tem muito medo de perder a mãe, mostrando-se protetor em relação a ela. Importante ressaltar que esta relação entre ele e a mãe contribuiu bastante para o fim do casamento, de uma lado a parte narcísica da sua mãe

de ser “a favorita”, manipulando o filho depois de ter sofrido a morte do marido, e por outro, M. que se manteve sempre em segundo plano, sendo muitas vezes a “muleta” quando ele precisava. *Uma vez mais, M é preterida em função de outra pessoa, tal como na infância* (em relação aos irmãos).

Note-se que a personalidade submissa de M., potencia a agressividade nele, o que se torna numa relação patológica e muito difícil de modificar. *Tal como o pai, o marido de M. também apresenta alguns sintomas depressivos.* Muitas vezes não se consegue levantar, não tem animo para as tarefas do dia-a-dia e fica dias a fio em casa sem conseguir ir trabalhar. O fato de não admitir que tem um problema não facilita a sua recuperação. E nestas ocasiões, M. ao ficar a tratar dele e todas as problemáticas associadas, o que segundo ela, “devido à minha vida afetiva atribulada nunca consegui evoluir profissionalmente, pois não transmitia segurança e estabilidade à chefia”.

“A submissão não deixa se ser um tipo de comportamento que confere por sistema uma maior pacificação interior.” (Paco, p. 267) No fundo, a pessoa ao submeter-se a outra deixa de entrar em conflito com ela, deixa de querer competir com ela e principalmente deixa de ter de aguentar a sua agressividade, raiva, críticas, rejeição...mas no caso, a submissão só assegura a proteção do outro. *Este tipo de comportamento, procura eliminar o perigo de ser abandonado pelo outro e simultaneamente faz desaparecer temporariamente a angústia.*

Assim, a dependência e a submissão, enquanto comportamentos para eliminar a angústia, são características do masoquismo. Embora existentes tanto no feminino como no masculino, a mulher é quem mais teme perder o amor, “identificando Freud este aspeto como o maior temor da mulher” (Daco, p. 267)

A inibição ou a supressão da manifestação de sentimentos e emoções relativas à perda pode provocar vivências de culpa e de inadequação, conteúdos que podem ser expressos através de agressividade, o que certamente, pesou na relação com M. Podemos, então perceber que a relação é pautada por nuances sado-masoquistas.

Sob o ponto de vista psicanalítico, um casal para ver as suas necessidades inconscientes mais profundas numa relação amorosa atendidas, necessita de uma identificação amorosa com os seus pais e com o seu papel na relação amorosa, porém, as forças negativas, tendem a minar as relações íntimas. Desta forma, “o que destrói as ligações apaixonadas e pode soar a um

aprisionamento e “tédio sexual” é realmente a ativação da agressão, que ameaça o delicado equilíbrio entre sadomasoquismo e amor numa relação de um casal, tanto sexual como emocional”. (Kernberg, 1995, p. 82)

Os modelos de desenvolvimento feminino podem ser avaliados de diversas posições vantajosas: masoquismo, passividade, inveja do pênis. Escolhi o masoquismo, escolhido como importante dimensão do caráter feminino na literatura psicanalítica dos primórdios, como um caminho para explorar a psicologia das mulheres. Atenção especial ao papel do masoquismo na feminilidade levará à reconsideração de proposições psicanalíticas a respeito do desenvolvimento e da estrutura da personalidade feminina, assim como dos valores e atitudes femininos. (Blum, 1977, p. 114)

“Ia-se embora.... Depois voltava. Depois voltava a maior parte das vezes. Quantas e quantas vezes não saí de minha casa, andava sozinha pelas ruas a chorar... quantas e quantas vezes... isto foi uma vida muito sofrida (voz muito tremula), muito, muito, muito.” (ANEXOS, p. 141)

O mesmo autor (1977, p. 114) define o termo **masoquismo** como o prazer associado ao sofrimento, que é geralmente um derivativo da excitação sexual elevada combinada com a dor ou o desprazer. As satisfações masoquistas não necessitam estar ligadas à dor física, podendo estar associadas à tortura mental, humilhação ou aviltamento, ou com o prazer derivado da indução de ansiedade ou culpa. A descrição fenomenológica do masoquismo está em nível de abstração diferente das formulações e explanações metapsicológicas, que o relacionam com a internalização da agressão ou com o sadismo, voltando-se contra o “self”, com a preservação do objeto, a libidinização da ansiedade ou a erotização da dor. No caráter masoquista, tão distinto da perversão manifesta, o objeto do sofrimento pode não estar associado com a percepção consciente de prazer ou satisfação.

Blum cita Freud (p. 115) “uma expressão de natureza feminina, (...) o masoquismo feminino como o mais acessível à nossa observação e menos problemático, podendo ser examinado em todas as suas relações (p. 161). Este masoquismo feminino que estivemos descrevendo está inteiramente baseado no masoquismo primário, erotogenico, no prazer da dor”.

Para Freud, a base biológica para o masoquismo dá-se através da tendência para a

internalização da agressão. “ A repressão da agressividade feminina, constitucionalmente prescrita e socialmente imposta, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas bem-sucedidos, como sabemos, refrear eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. (Blum, p. 115)

M. relatou que teve “muitos namorados”. Em mulheres com personalidades depressivo-masoquistas, as relações amorosas masoquistas são ela próprias a psicopatologia dominante. Frequentemente, no início ou fim da adolescência, apaixonar-se por um homem idealizado, indisponível, frustrante ou profundamente desapontante torna-se uma experiência que influencia a futura vida amorosa da mulher. Apaixonar-se pelo homem “indisponível” pode levar a encontros românticos em situações irreais que acabam em desapontamento ou a uma fantasia romântica mantida através dos anos, pensando no que podia ter sido. (Kerberg, p. 134)

O autor considera que ao se apaixonarem por homens indisponíveis pode ser considerado uma manifestação normal da reativação dos conflitos edipianos da adolescência, mas que a sua persistência e principalmente a sua intensificação depois desta fase, demonstra que o amor não correspondido ou não compensatório são a principal característica deste tipo de relações, o que acontece na vida de M.

Relativamente ao marido de M. e o último episódio violento, a situação em que ele mandou o balde de água em M. este episódio é de extrema violência psicológica, bastante humilhante. Diria mesmo, a roçar a malvadez, o prazer em humilhar o outro. Aliás, foi por não encontrar mais recursos internos de lidar com este episódio, que M. acabou por resolver abandonar a já tão desgastada relação.

“pois, porque ele do tipo, eu chegava a casa estourada do emprego, cozinhava, fazia tudo, porque ele não cozinhava, tava à minha espera... e depois ainda “vamos embora, vamos ao centro comercial!”, todas as noites ainda tinha que ir sair com ele... todas as noites.” (ANEXOS, p. 135)

Contudo, embora seja uma discriminação bastante ténue de se fazer, penso que atos de violência praticados por alguns homens, sob a forma de espancamento, tortura e humilhação sistemáticos, não caracterizam o tipo de violência de género a que me refiro, sendo, a meu

ver, expressão do que Freud caracterizou como **sadismo**. Lemos em *Além do Princípio e do Prazer* (1920, p. 74) “Desde o início identificámos a presença de um componente sádico no instinto sexual. Como sabemos, ele pode tornar-se independente, e sob a forma de perversão, dominar toda a atividade sexual de um indivíduo. Surge também como um componente predominante numa das “organizações pré-genitais”, como as denominei. Mas como pode o instinto sádico, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida? Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente um instinto de morte, sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? (Muszkat, 2006, p. 184)

O que Freud tenta demonstrar é que possa ter ocorrido uma des fusão nas pulsões, de forma que a corrente destrutiva passe a agir de forma independente, não podendo ser atenuada por Eros, tanto que a teoria dos instintos é formada pelas pulsões de vida e de morte simultaneamente, conferindo-lhe assim, um caráter dualista.

Muszkat propõe a articulação de Kahn (p. 185) sobre a necessidade de exercer-se uma violência fundamental, sendo que esta, quer sob a forma de des fusão ou de ação isolada de qualquer uma das pulsões, teria sempre um efeito destrutivo, na primeira forma contra o próprio aparelho mental ou seja, voltado para o interior, ou contra o exterior, como ato destrutivo do outro.

A não interrupção, através de uma violência fundamental, da intensidade pulsional, baseada numa premissa de agir sem violência, atendendo narcisicamente às demandas do sujeito, ao contrario de aplacar a inquietação e intensidades pulsionais, levaria como vemos descrito pela autora, ao ato violento e destrutivo do outro, como forma de evitar o aniquilamento do próprio ego. A exclusividade da pulsão de vida é, portanto, tão destrutiva e insuportável quanto a exclusividade da ação da pulsão de morte, que, ao voltar-se para fora, se expressa como sadismo. (Muszkat, p. 185)

A mesma autora considera no entanto, que existem dois tipos de violência. Embora a desigualdade de poderes esteja presente nas duas, uma provém da esfera da patologia, enquanto que a outra é uma construção social definindo masculino e feminino na cultura. Assim sendo, é necessário considerar o ato violento como resultado da ação da pulsão sádica,

estando ao serviço da *satisfação libidinal*, isto é, no prazer obtido no ato destrutivo ou violento, enquanto que a violência ditada pelas relações de género, está ao serviço de uma *identidade masculina idealizada*, como resultado do seu desamparo identitário.

M. tenta dar prioridade ao seu emprego como forma de se defender de uma vida afetiva desesperante e vazia. O deslocamento usado por M, embora a tenha sempre auxiliado a manter o seu equilíbrio emocional, pode não ser suficiente quando o divórcio for iminente.

Poderemos inferir que M apresenta um quadro de *personalidade Borderline* “os pacientes com transtorno de personalidade Borderline situam-se no limite entre neurose e psicose, e se caracterizam por afeto, humor, relações objetais e auto imagem extraordinariamente instáveis”. (Kaplan cit. por Reghelin, 2002, p. 2)

Reghelin refere Bergeret (2002, p. 6) que fala na evolução do tronco comum dos estados limítrofes: o ego superou o momento em que as relações iniciais com a mãe poderiam operar uma pré-organização do tipo psicótico. Por ocasião do Édipo, vive o risco de perder o objeto (trauma psíquico precoce) onde “uma emoção pulsional sobreveio num estado ainda mal organizado e imaturo demais quanto ao seu equipamento, suas adaptações e defesas, para que pudesse ser enfrentado em condições inofensivas”

Assim, o mesmo autor (p. 6) explica a origem desta estrutura: difícil para a criança negociar tal relação triangular com os objetos, negociar tais sentimentos de amor e hostilidade assim como utilizar o recalçamento para eliminar da consciência o excesso de tensão sexual ou agressiva. As imperfeições/fracassos serão frequentes fazendo com que a criança apele para defesas mais arcaicas. Este trauma será o primeiro desorganizador da sua evolução, esta que se encontrará fixada em uma pseudolatência (mais precoce e mais durável que a latência normal), em que bloqueia afetivamente a maturidade afetiva do ego, em que este não está sexualmente diferenciado constituindo o tronco comum dos estados limítrofes.

“é, é, é... estar sempre presente. E o curioso é que ele me influenciou tanto que eu agora dou por mim a pensar, quando coloquei os cortinados, se ele gostaria daquilo... é uma coisa horrível, não é?” (ANEXOS, p. 139)

Compreende-se então a relação anaclítica com o marido, sendo a angústia predominante a de

depressão, uma angústia de perda do objeto. A afetividade de M ficou comprometida no seu desenvolvimento, sendo apreendida de forma errônea, que se funde com o objeto e não aceita a separação. Não é uma depressão do tipo melancólico porque o objeto não se acha intrometido e o luto permanece impossível. Desta maneira, “a angústia de depressão situa-se dizendo respeito ao passado e ao futuro” (p.126). E remete a Greenson que diz que “um passado infeliz atesta uma esperança de salvação investida na relação de dependência fecunda do outro” (Reghelin, 2002, p. 7).

Como consequência desta relação, M. apresenta claramente um humor instável e uma **ansiedade muito marcada**, que poderá evoluir para um quadro de **depressão**, assim que o divórcio estiver concluído. É seguida pela psicóloga e psiquiatra e toma Cipralax, conhecidos anti-depressivos. **“mas depois comecei a sentir-me muito em baixo e fui ao meu psiquiatra que me deu Cipralax. Aliás, até houve alturas quando me sentia mais em baixo, que tomava Cipralax auto-medicada, o que não é muito boa ideia, mas pronto.”** (ANEXOS, p. 134)

Tem grandes dificuldades em tomar decisões e ainda está muito ligada ao marido, não demonstrando grande interesse no futuro. Durante toda a entrevista demonstrou sempre sinais de grande inquietude e nervosismo. Enrolou o guardanapo no dedo o tempo todo. Ora enrolava, ora desenrolava. Este assunto para ela é fonte de grande preocupação, desassossego, e está longe de estar resolvido. Penso que quando o divórcio sair, M. poderá descompensar e entrar numa depressão. Existe como que uma culpa inconsciente, pessoas que sofrem muito com o fato de não serem apreciadas, mesmo daqueles que não têm grande importância nas suas vidas. “A verdadeira razão para isto acontecer, é que no seu inconsciente, não se sentem dignas da consideração dos outros e uma receção fria confirma a sua suposição de pouco mérito.” (Klein, 1975, p. 81) é o que geralmente é conhecido por «complexo de inferioridade».

É assim que podemos definir uma depressão de *culpabilidade*, com um Supereu primitivo, severo e castigador, e uma *depressão de inferioridade* ou *depressão narcísica*, na base da diminuição da auto-estima e de sentimentos de inferioridade. E ainda uma depressão de *inutilidade*, quando o que predomina é o sentimento de uma responsividade indiferente da parte do objeto. Este último tipo de depressão liga-se com a retirada autística; a ansiedade

que lhe está na origem é um medo de morte por abandono e inanição, por falta de apoio e assistência. Esta depressão de inutilidade acompanha-se, a maioria das vezes, de receios persecutórios, porque o objeto é percebido não só como indiferente como também com intenções agressivas e de aniquilamento do sujeito. (Matos, 2001, p. 186)

Tal como Coimbra de Matos expõe de forma tão simples e fantástica (2001, p. 186) tem-se procurado separar a ansiedade da depressão como afetos de certo modo opostos – uma, reação ao perigo iminente; outra, reação ao desastre consumado.

O individuo fica ansioso quando sente ameaçada a integridade do Eu (ansiedade que se condensa, cristaliza e simboliza na angustia de castração) ou as condições de subsistência individual (angustia de desamparo e abandono) e fica deprimido quando perdeu algo ou alguém. Não obstante, perda e ameaças de novas perdas encadeiam-se no *continuum* existencial e por isso em toda a depressão (estado depressivo) há sempre ansiedade mais ou menos evidente. (Matos, 2001, p. 187)

O autor acrescenta os três sintomas básicos na síndrome depressiva: a tristeza, a inibição (ideativa e psicomotora) e a angústia. Assim sendo, a tristeza será o primeiro sintoma a surgir em reação à perda, seguida da inibição, como sintoma central, que representa a desistência e o vergar perante a derrota, tal como o bloqueio dos impulsos dirigidos ao mundo objetal, e por fim, a angústia, sentida como o sinal da esperança-desesperança num vida ainda possível, e que, mesmo com medo, ainda se quer amar. Mesmo que existam novas ameaças à integridade da pessoa ou à auto-imagem, ainda que se temam novas perdas, existe o desejo de prosseguir, deixando perceber que afinal, “a ansiedade representa sempre, como costumamos dizer, pulsão à vida”. (Matos, 2001, p. 187)

O mesmo autor explica (p.47) falemos de DEPRESSIVIDADE sempre que a existência de um duro e permanente conflito com os introjetos acarreta uma constante situação de esmagamento do *Self* e esgotamento do Eu, que se traduz por um vago sentimento de inferioridade e/ou um comportamento de relativa incapacidade e revela um esforço defensivo contínuo para não se deixar deprimir: ficar deprimido (abatido) pela cedência à *opressão* do objeto interno ou deprimir-se (sentir-se triste e com sentimentos de solidão) pelo abandono desse objeto *tutor*.

O momento em que pediu ajuda, ao ligar para a APAV, foi extremamente importante. Recebeu todas as indicações necessárias e possíveis para o seu momento e principalmente, a sua vontade de abandonar a relação abusiva e a sua tomada de decisão foi reforçada positivamente, o que a levou a confirmar a sua vontade, que a sua decisão estava correta, o que a motivou a que saísse de casa nesse mesmo dia.

No entanto, M. necessita continuação de terapia, uma vez que a dificuldade de tomadas de decisão está ligada ao fato de ter uma personalidade submissa e permissiva, o que, com a correta psicoterapia, lhe devolverá através dos movimentos transferenciais e contra-transferenciais com a psicóloga, a devida contenção, carinho e valor, podendo reconstruir os seus objetos internos de forma mais saudável e segura, podendo assim aplicá-lo em futuras relações interpessoais. Ao se reconstruir e começar a valorizar-se mais, ser desejada não pelo que pode fornecer, mas pelo que é, fortalecendo a sua auto-estima, decidir por ela própria, penso estar pronta para recomeçar uma vida afetiva muito mais saudável e reconfortante, começando por aceitar-se e amar-se a si mesma.

4. Como os traumas/histórias de vida das entrevistadas influenciaram a permanência na relação

No início da relação, tudo parece ser lindo e maravilhoso. O parceiro é visto como alguém desprovido de defeitos e ainda que existam, a mulher tem sempre a idealização que depois com a convivência vai conseguir modificá-los. Assim, no início de um relacionamento amoroso, é comum que as qualidades do parceiro sejam amplificadas e se acredite poder modificar, durante o transcorrer do mesmo, as características que pareçam indesejáveis. Rassial (2003) articula a paixão à posição esquizo-paranoide, considerando que, inicialmente, tudo de bom está no outro e se espera corrigir o "pequeno defeito" que possa haver através do encontro amoroso. Em um segundo tempo, como na posição depressiva, em decorrência da reconciliação do bom e do mau objeto, o sujeito deve renunciar à possibilidade de que o outro seja totalmente bom. Assim é que, no começo, espera-se ficar com o bom e curar magicamente o que é inaceitável. Quando se constata que os aspetos bons e maus são indissociáveis, é comum ocorrerem depressão e movimentos que oscilam entre a

regressão e a imposição; ou seja, forçar o parceiro a cumprir o pacto e corresponder às fantasias idealizadas do início da relação. (Rassial cit. por Levy & Gomes, p. 46)

Quando as situações do dia-a-dia mostram o contrário, é inevitável a confrontação que o investimento no vínculo amoroso pode afinal ser, uma desilusão. No caso das entrevistadas, esta ilusão criada em torno do casamento ganha grande relevo, em grande parte devido à afetividade distorcida internalizada aquando criança. Não só foi uma afetividade insuficiente, contentora, como a única que conheceram, transpondo-se para a relação com os maridos, uma vez mais onde reinava uma afetividade insatisfatória e agressora, mas a única que tinham. Levy & Gomes citam Lemaire (p. 47) que “constata que alguns buscam desesperadamente manter o modelo fusional presente nas etapas precoces da vida em cada relação amorosa que estabelecem e ficam incapacitados de fazer um trabalho de luto após seu rompimento. Quando isto ocorre, vivem a dor de uma ferida narcísica e colocam em questão sua capacidade de ser amado, duvidando de seu próprio valor.”

Desde crianças que as entrevistadas estão expostas a afetividades distorcidas, ligadas à violência, negligência, carência e abandono. Todos estes fatores fizeram com que, ao internalizar modelos afetivos distorcidos, o seu ego se privasse de ser preenchido narcisicamente. Boracs refere Hornstein (p. 203) que “distingue, assim, quatro modelos de patologias narcísicas: patologias do sentimento de si, ligando-as aos quadros de paranoia e patologias borderline; as patologias do sentimento de autoestima, ligando-as às depressões; as patologias da indiscriminação do fantasiado e do real, ligando-as à eleição narcísica de objeto e às diversas funções que o objeto passa a ter na manutenção de um ténue equilíbrio psíquico no qual não há o reconhecimento da alteridade; as patologias do desinvestimento narcísico que correspondem ao não estabelecimento de certas funções do psiquismo ou de sua perda por excesso de sofrimento e que se ligam aos estados de vazio.” Boracs afirma que, segundo Hornstein (p. 203), “as quatro problemáticas remetem ao ego e sua coesão, à autoestima, à identidade e ao reconhecimento da alteridade.”

Nos casos das entrevistadas, podemos inferir que a patologia borderline de M provém então de patologias do sentimento de si, enquanto que P se remete mais para as patologias do sentimento de auto-estima. A mesma autora refere que (p. 203) “a função trófica do narcisismo contribui para o estabelecimento da identidade e da autoestima e mantém a coesão e a estabilidade do sentimento de si.”

Na tentativa de manter a relação conjugal, as entrevistadas “passam a clamar pelo direito de existir, pois sua sobrevivência não é sentida (...). Abre-se um terreno árido, no qual a simbolização e a criatividade são substituídas por atuações, somatizações ou depressão. Assim sendo, a dimensão narcísica se faz evidente naqueles pacientes que reagem fortemente à intrusão do espaço próprio, conservando ao mesmo tempo nostalgia de fusão e medo da separação. São estes estados-limite os que exigem que o método, tornando-se estratégia, inclua iniciativa, invenção e arte.” (Boracs, p. 203)

Relativamente ao Narcisismo Infantil Para Freud, a criança funcionava em narcisismo primário, que era a condição anterior aos investimentos objetivos e dizia respeito não só ao id como também ao eu, visto que este ainda não se havia diferenciado daquele. Só depois se deslocaria para uma posição objetal; porém, em circunstâncias patológicas, o sujeito retrair-se-ia em si próprio, funcionando em narcisismo secundário, onde a libido seria retirada dos objetos.

Segundo o site Depressão Ansiedade, este funcionamento narcísico caracteriza-se pelo investimento em si próprio e pelas ligações com os outros de modo a receber e não para estabelecer uma relação recíproca. Assim, a criança pequena funciona em posição narcísica, procurando captar afeto; neste sentido, os pais têm que estar na posição objetal, preparados para oferecer à criança um amor oblato. Deste modo, o amor próprio organiza-se segundo a seguinte série desenvolvutiva: em primeiro lugar surge o “Ser amado”, que se forma em se “ser estimado tal como se é/ ser respeitado nos seus gostos e interesses - o primeiro conhecimento afetivo é o sentir-se existente no interior do objeto (permanência do sujeito no interior do objeto). Em segundo lugar temos o “Amar-se a si mesmo”, que se forma pelo “reconhecer-se e valorizar-se”. Em último lugar aparece a capacidade “Amar os outros”, sendo caracterizada pela “alegria e esperança.”

Nesta medida, a maior reserva amorosa forma-se na infância, pelo amor que os pais dedicam aos filhos; se esta reserva não for constituída ou for pequena, o indivíduo tem necessidade constante de ser amado e deprime-se em face da mais leve perda de amor ou da sua mais curta ausência. (Site Depressão Ansiedade), **tal como nos casos das entrevistadas, que sem cessar, sempre procuraram encontrar o amor perdido no marido.**

No mesmo site podemos perceber que na verdade, a patologia é sempre uma patologia da relação. Assim, a auto-estima está sempre diminuída na patologia. A persistência do Eu Ideal (herdeiro do narcisismo e megalomania infantis) e a sua não substituição pelo Ideal do Eu (herdeiro do complexo de Édipo, constituindo-se numa imagem de aferição da conduta estética e ética com os limites do humano, criada à semelhança do modelo paterno) *põe a pessoa numa posição de déficit permanente, prisioneira de um passado sempre insatisfatório e de realização incompleta.*

Relativamente à Identidade das entrevistadas, vamos tentar compreender de que forma estas foram construídas. Segundo o site Estudo da Psicanálise e psicologia, “em 1923 Freud utilizou o conceito de identidade em relação às identificações projetivas feita pelo sujeito no futuro de sua existência, tal como destacou a importância da imagem do corpo para identificação para a formação do *self*.” Segundo o mesmo site, por volta de 1942, Heimann “afirma que a identidade seria o conjunto de habilidades, talentos, desejos, impulsos, fantasias, emoções e habilidades possuídos pelo indivíduo”, sendo que todas estas formações psíquicas não só permitem que o sujeito seja um ser único com características próprias como possa formar uma estrutura psíquica integrada. Por sua vez, Filloux “refere-se ao conceito de personalidade, que para ele é sinónimo de identidade, como a configuração e organização que tornam os sistemas e os mecanismos responsáveis pelo comportamento do indivíduo através de sua história de vida.” (Site estudo de psicanálise e psicologia) **Visto esta construção interna estar dependente dos objetos externos, a identidade das entrevistadas esteve sempre dependente das vicissitudes familiares a que estiveram sujeitas em criança.**

No entanto, a identidade constrói-se sobre a identificação. As reflexões psicanalíticas de Freud fazem da identificação um mecanismo privilegiado de processos psíquicos. Ela é concebida como a operação “primitiva” e originária de uma “ligação afetiva com outra pessoa” (1973, p. 2585): “parecer” com os pais, ou “ser” como eles é, segundo Freud “o desejo mais intenso e decisivo” dos anos infantis (1973, p.1361). (Freud cit. por Bevidas & Ranavello, p. 136)

Assim situada a identidade, numa região limite a permanecer como uma linha do horizonte, todas as situações humanas de vínculos sociais ou de construção da subjetividade, de

interações intersubjetivas ou da dinâmica (libidinal) psíquica, se distribuiriam na larga faixa de um percurso sob tensão entre o polo do mesmo e do outro, no percurso complexo, matizado e fortemente modalizado, da Identificação ou das identificações. (Beividas & Ranavello, p. 137). Simultaneamente (p. 131), “a identidade se opõe à alteridade (\cong diferença) (como a oposição clássica entre “mesmo” e “outro”)”.

Zanella cita Rolnik (2005, p. 100) que define alteridade como “o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogenética.” (p. 1) “Seguindo a tradição marxista, para Vygotski é através da atividade humana que o ser humano transforma o contexto social no qual se insere e nesse processo constitui a si mesmo como sujeito, ou seja, constitui o seu psiquismo. *A história do desenvolvimento da sociedade e de cada pessoa, portanto, está diretamente relacionada às transformações da atividade humana e dos motivos que a impulsionam*”. (Zanella, p. 101) E continua (p. 101) “consciente e inconsciente afirmam que nossas características singulares são produzidas como resultado da complexa trama entre objetivação e subjetivação, sendo todos e cada um marcado por aquilo que sabe e escolhe e, ao mesmo tempo, por aquilo que escapa, que é invisível e não capturável, mas que passa sem deixar vestígio.”

Assim, podemos compreender que cada entrevistada são “é um “agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo” significa afirmar que, ao mesmo tempo há um “eu” e não há. Não há um “eu” originário, descolado dos outros, da realidade, enfim, do que o constitui como humano e como possibilidade de diferenciação. Não há essência, não há a priori. Por sua vez, cada pessoa concreta descola aspetos da realidade a partir do que significa como relevante, do que a emociona e mobiliza, constituindo assim modos de ser que são ao mesmo tempo sociais e singulares.” (Zanella, p. 103) **Ou seja, cada aparelho psíquico de P e de M são também uma herança do seu contexto familiar, que transportam ao longo da vida.**

Sendo extremamente difícil abandonar o marido, a violência doméstica é um processo cíclico, e a mulher tem dificuldade de reconhecer esse fato. Só o faz, na maioria das vezes,

após estar submetida à violência há algum tempo. A mulher tem uma relação de intimidade com o agressor, ele desfruta da sua confiança; sendo assim, o autor da agressão está misturado com o objeto de amor. E é ao mesmo tempo objeto de amor e ódio. A violência incide na relação com o outro; ele usa de sua confiança e de sua intimidade nos episódios de violência, e assim instaura o medo. A mulher não sabe quando seu companheiro vai agredi-la. Na tentativa de dominar a situação, ela se culpabiliza, achando que a agressão foi desencadeada por isto ou aquilo que ela fez. Assim, se deixar de ter esse comportamento a violência não vai mais acontecer. Tal percepção errônea deve ser escutada como uma defesa, decorrente da paranóia que se instaura na vida cotidiana dessa mulher. (Mirim, p. 9)

Relembrando os Modelos Teóricos do abandono ou não da relação abusiva do Manual Alcipe (p. 31), podemos constatar que ambas as entrevistadas se enquadram nos quatro modelos apresentados, quer por *impedimentos psicológicos*, devido à falta de auto-estima e patologias adjacentes, quer pelo *abandono aprendido*, pois perante a situação violenta ambas interiorizaram uma atitude passiva e de culpabilização, quer pela *teoria da troca*, pois encontravam-se num dilema entre continuar a relação abusiva ou não com receio do desconhecido e por último, *a teoria do comportamento planejado*, onde embora ambas tivessem um comportamento passivo em relação à agressividade do parceiro, mantinham uma atitude otimista que ele um dia iria mudar (geralmente ocorre na fase da lua-de-mel).

Existe um padrão repetitivo nos comportamentos errôneos que passaram de uma geração para a outra. “O núcleo familiar configura-se enquanto um espaço de construção da violência de gênero e da violência intergeracional. Assim, a violência doméstica contra a mulher constrói-se a partir das relações de desigualdade entre homens e mulheres, sendo naturalizada no processo de socialização dos sujeitos e reproduzida de geração a geração. (Gomes et. al., 2007)

A ideia da família deveria remeter para um espaço de afetividade, harmonia e proteção de seus membros. Percebe-se que a família vivida, diferentemente da família idealizada, vem se constituindo em cenários de relações violentas.

Ambas as entrevistadas passaram por situações traumáticas em criança e ao longo do percurso de suas vidas, que as marcaram profundamente e influenciaram bastante a sua permanência nas relações abusivas.

Em relação a P, podemos inferir que existem vários episódios na sua vida que contribuíram para a sua permanência num casamento violento. Em primeiro lugar surge então, a violência interparental ao qual a própria estava sujeita. A sua infância foi passada a assistir a discussões e a agressões que o pai infligia sobre a mãe. De acordo com Kalmuss (1984), testemunhar atos de violência durante a infância constitui um dos fatores de risco de agressão marital mais significativos. É ainda na família que se inicia a aprendizagem de valores morais que legitimam o uso da violência (Gelles, 1997). Por exemplo, alguns estudos demonstram que mulheres que sofreram maus-tratos enquanto crianças aceitarão mais facilmente uma futura vitimação por parte do companheiro, uma vez que assumem que o amor está associado aos maus-tratos. (Matos cit. por Oliveira & Sani, p. 165) As mesmas autoras referem a teoria da aprendizagem social, que diz que, comparativamente às pessoas que têm um passado de violência familiar, pessoas de famílias sem esse historial têm maior probabilidade de desenvolver modelos positivos das relações e formas mais eficazes de lidar com os conflitos. Também terão menor probabilidade de tolerar o comportamento abusivo de um parceiro: um passado familiar sem violência pode ser visto como fator protetor relativamente à experiência de violência em relações futuras, e será menos provável que surjam situações de violência em casais nos quais apenas um membro vivenciou violência na família de origem. (Kwong, Bartholomew, Hendersen & Trinke cit. por Oliveira & Sani, p. 165)

Simultaneamente, esses maus-tratos não eram apenas em relação à mãe, P também sofreu muito com a violência do pai. Como principal exemplo surge o episódio do chá em que o pai deu o chá trocado à irmã em vez de dar a ela e ainda a agrediu por ela ter feito “xixi na cama” (sic). Este episódio magoou-a bastante, o ter trocado a pessoa que tinha pedido o chá foi sentido como algo que lhe retirou toda a importância como pessoa, a tornou invisível. Ele nem reparou que tinha sido *ela* a pedir. Sentimentos de desvalorização, impotência, falta de carinho, empatia e amor. “O caráter essencial do trauma infantil corresponde à incapacidade de transformar, de uma não-representação, de uma não-ligação, de uma zona de sofrimento psíquico que remete às perdas de objetos não-representáveis, não-elaboráveis de um trabalho de luto; a violência de afetos liberados desorganiza o psiquismo”. (Luz, p. 132)

O pai havia descarregado nela toda a sua frustração e impotência pelo fato da mãe ter ido muito mal para o hospital devido ao aborto clandestino. Numa situação onde deveria haver união familiar, houve um desamparo total. A figura paterna que deveria proteger, enaltecer,

acarinhava, transformava-se em alguém que maltratava, desvalorizava, fazendo com que P internalizasse uma afetividade distorcida em relação ao pai e conseqüentes figuras masculinas.

A teoria do trauma foi estudada e atualizada por Freud desde 1895, e muitos autores contemporâneos continuam estudando e dando importantes contribuições sob esse aspecto. A palavra “trauma” vem do grego e significa “ferida” (ZIMERMAN, 1999). Nossa prática clínica vê-se repleta de famílias que vivenciam pequenos e grandes traumas, e, dependendo do caso, essa “ferida” parece nunca curar, nunca cicatrizar. (Luz, 2009, p. 128)

Quando P tinha 11 anos o pai foi embora, abandonando-as a elas e à mãe. O abandono parental foi algo que fez com que P ao conhecer o marido, depositasse nele a ilusão que poderia ter um casamento perfeito e que desta vez poderia ser amada, valorizada, protegida e que os seus filhos nunca iriam ter um pai abandonante. Ainda que inconscientemente, existe a necessidade de sarar a ferida narcísica da falta de amor paternal, denotando uma compulsão à repetição na procura da cura narcísica. “A exigência de repetir o passado é mais forte que buscar no futuro acontecimento prazeroso. A compulsão a repetir é uma pulsão primária e fundamental, não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige retornar, reencontrar aquilo que já aconteceu. O desejo ativo do passado, mesmo que tenha sido ruim para o eu, explica-se por esta compulsão a retomar o que não foi concluído, como se as pulsões inconscientes nunca se resignassem a ficar condenadas ao recalçamento” (NASIO, cit. por Luz, 2009). *Esta foi o principal razão que levou P a manter um casamento de 40 anos com uma pessoa que a maltratava.*

Outro fator bastante importante que manteve P tantos anos na relação abusiva, foi o social. Embora a mãe tivesse já sofrido violência doméstica, ela nunca abandonou a relação, sendo o pai quem acabou com a situação. As normas e os valores sociais internalizadas, dando supremacia ao homem e submissão à mulher, ainda em situações violentas, que o papel da mulher é tratar dos filhos, do marido e da casa, tiveram um grande peso na vida de P. Mesmo não sendo a mãe de P a autora do fim da relação, ainda “foi apontada” (sic), pelo fato do marido ter ido embora e dela ter ficado sozinha com as crianças.

Durante toda a entrevista P falava como se fosse uma máquina. Muitas vezes falava quase de forma robótica, sem expressar sentimentos, nem em palavras, nem em gestos ou expressões. Mesmo quando questionada em relação aos filhos, manteve-se no mesmo registo, afirmando

que eles “eram muito pequeninos, já não se lembram de nada” (sic), usando a negação como forma de manter a dor psíquica longe. Por vezes, o não sentir é o melhor caminho para não sofrer.

No entanto, o casamento acabou. Finalmente, P consegue reunir forças para abandonar aquela situação que há muito estava moribunda. A frustração pelo fim da relação, anos de idealização não realizada, uma relação que reforçou negativamente o seu valor como pessoa, como mulher, valeram-lhe o surgir de um novo sentimento. Aflorava a raiva, como forma de se manter saudável mentalmente. A hipótese desvanecida de “fazer as pazes com o homem da vida dela”, tornava-se uma miragem cada vez mais longínqua. Pode dizer-se que a raiva que sente do marido é duplamente vincada. Tem o poder e a intensidade a dobrar, uma vez que é a do pai e a dele juntas.

A situação abandonónica do pai, a violência interparental a que assistia e da qual também era vítima, os valores sociais internalizados, como a vergonha de ser apontada tal como foi a mãe, influenciaram bastante a sua permanência na relação abusiva, uma vez que tinha a esperança que o marido mudasse e não queria que os filhos ficassem sem pai tal como tinha acontecido com ela.

Apenas quando se sentiu em risco de vida, desistiu.

Igualmente M vivenciou situações muito difíceis (ou impossíveis) de gerir, tanto em criança como ao longo da sua adolescência, o que afetou bastante o seu papel dentro da relação abusiva com o marido, e lhe trouxe consequências graves, nomeadamente psicopatologias. Em primeiro lugar, M provém de uma família numerosa onde existiam mais 14 irmãos. Embora não passassem por grandes dificuldades financeiras, a atenção, o carinho e o amor recebidos tinham de ser a dividir por 15. *Como tal, M sente-se vítima de negligência emocional por parte dos pais, o que a leva a sentir muita carência, um buraco vazio de afeto e uma grande dependência afetiva do outro.* “A palavra Hilflosigkeit remete a uma situação real infantil, mas é captada subjetivamente, abrange tanto o sentimento de impotência, aquilo que o sujeito não pode fazer por si mesmo, como o de desamparo, o sentimento de que lhe falta uma ajuda exterior que o tire da situação de desprazer. Para concluir, quando não há uma contenção, produz-se a vivência do desamparo, a vivência da falha no encontro com o outro em sua função protetora ou auxiliadora. Essa vivência também é um componente do

complexo traumático. Isso supõe uma seqüela de desconfiança relacional, agravada pelo fato de que esses “outros” pertencem ao mundo externo, do qual partiu a situação disruptiva, precisamente aquele do qual se esperava amparo” (BENYAKAR, 2005; BLEICHMAR, 1988 cit. por Luz, 2009)

Uma vez mais, tal *como no caso de P, o passado pesa no presente de M*. O marido surge como alguém que hipoteticamente lhe pode dar atenção, valor, carinho e talvez agora ela possa ser notada e amada e restaurar a sua ferida narcísica primária, o que sugere que a relação durou tantos anos na procura do amor perdido. Existe neste caso igualmente uma compulsão à repetição, onde M procura preencher o vazio emocional de si mesma através do outro.

Por não ter recebido o amor necessário em criança, ter-se sentido rejeitada e desvalorizada, M, ao que tudo indica, desenvolveu uma estrutura *borderline*, precisamente por apreender a afetividade (ou falta desta) de uma forma errônea e distorcida, pois não tinha ainda capacidade psíquica para tolerar aquela situação. Daqui resulta uma falha em conseguir vivenciar futuros relacionamentos afetivos saudáveis, na medida em que, estes passam a ser vividos como algo fusional, relações anaclíticas, muito dependentes e pegajosas, *com muito receio de perder o objeto amado, o que justifica a longevidade da relação*.

Já o tipo de vinculação ambivalente adquirida por M em criança, fez com a insegurança e a dependência se repercutissem por todas as relações interpessoais futuras.

A personalidade depressiva do marido é também um fator que faz despoletar o seu lado maternal e protetor, numa necessidade de querer agradar, tal como fazia com os irmãos mais novos. Desta forma M sente-se querida, apreciada, importante na vida de alguém. Ainda que na relação exista violência psicológica e seja repleta de situações geradoras de angústia, para M mais vale ter isso do que não ter nada. A história da infância repete-se. Ambos os elementos do casal com as suas características patológicas se completam.

No entanto, a sua submissão potencia ainda mais a agressividade no marido, fazendo com que a relação seja por vezes até pautada de nuances sado-masoquistas. *Impossível separar a sofrida história de vida com apreensões errôneas da afetividade da presente relação abusiva*.

A negligência emocional, a dependência afetiva, a sua estrutura mental, fazem com que seja quase impossível M conseguir sair da relação. Tudo reflexos da sua história de vida.

No marco da segunda tópica, saliento a pulsão de morte assentada na noção da compulsão de repetição e do traumático, distanciando-me da concepção biologista, onde a pulsão de morte é “mais originária, mais elementar, mais pulsional do que o princípio de prazer que ela destrona” (FREUD, 1920, p.27 apud CONTE, 2002). Proponho o masoquismo associado ao que chamo de efetividade do traumático. A compulsão de repetição, em sua incessante tendência em fazer retornar o que é vivido como excesso, torna-se uma possibilidade mediadora entre o traumático, a dor e a sexualidade na medida em que cria as condições para que se efetive o traumático e o sujeito tenha condições de trabalhar a dor e o prazer em campos distintos. (Freud cit. por Luz, 2009, p. 131)

No entanto, temos de pensar estas dinâmicas inseridas na atualidade. Cada vez mais, as mulheres estão deixando a posição subalterna e a violência vem aumentando. Em termos psíquicos, poderíamos dizer que isso acontece quando ela toma a sexualidade (usando o conceito psicanalítico dessa palavra) para si, e se diz portadora de desejos. Desejos que começam por sair de casa, ter amigas ou amigos, trabalhar, dividir tarefas e responsabilidades do lar. A mutilação dos genitais das mulheres nigerianas, dentre outras, é um exemplo muito simbólico de como se rouba ou esvazia a sexualidade do outro – no caso, a mulher -, pois ela é poderosa. Somente os homens podem ter desejos; às mulheres é vetado o acesso a esse direito. (Silveira cit. por Mirim, p. 12)

Cada vez mais, as mulheres tendem a ocupar um lugar idêntico ao do gênero masculino. Agora têm um emprego, ganham um salário, saem de casa, vão sair com os amigos e dividem as despesas domésticas. O estereótipo feminino de ficar em casa a cuidar do lar e dos filhos está cada vez mais longínquo, tornando a mulher atual mais voltada para o exterior, comportamento típico masculino.

Atenuam-se as diferenças comportamentais entre os gêneros e a mulher cada vez menos depende única e exclusivamente da relação com o seu marido/companheiro. Ela tem os amigos, outros interesses, como, profissionais, construir uma carreira, ser independente. Aqui os homens vão ter de aprender a lidar com a sua impotência. “Quando as relações têm igualdade, os homens têm que conquistar as mulheres no dia-a-dia; eles não as possuem. Ou seja, o mundo alarga seus contornos. O mundo oferece outras relações. As mulheres não

pertencem mais aos homens, mas estão com eles porque querem; dessa forma eles podem perdê-las a qualquer momento. (Mirim, p. 13)

A mesma autora (p. 14) conclui, o trabalho terapêutico com estas mulheres consistiria no empowerment, ou seja, “seria ter alternativas próprias para sair do lugar subalterno que o patriarcado construiu para as mulheres; e também para sair da loucura que uma situação de violência cria. Ou seja, o trabalho de empowerment é fazer com que as mulheres reconheçam seu potencial e vivam para além de seu companheiro, sustentando suas necessidades emocionais, físicas e econômicas”.

5. Conclusão

As manifestações afetivas têm duas fontes fundamentais; são os dois grandes instintos primitivos do homem: a fome e o amor; ou dito de outra forma, o instinto de conservação e o sexual. (Klein, 1975, p. 9) A autora afirma que na vida temos um duplo objetivo: assegurar o nosso meio de subsistência e simultaneamente, tirar prazer da nossa existência.

Após termos percebido que ambos os maridos provêm de famílias completamente disfuncionais, e que a violência foi provavelmente a forma que encontraram de descarregar as suas frustrações e mau-estar, obtiveram como consequência, o fim dos seus casamentos. Embora seja perceptível que passaram por situações violentas e muito difíceis de gerir, nada justifica maltratar outrem. Replica-se a violência transgeracional, “a relação de violência instalada na história de vida do agressor se instala na vida da vítima direta, das vítimas indiretas (familiares) e do grupo social (comunidade), revelando que há grande possibilidade de reprodução do ciclo de violência através das gerações ou entre os grupos (Affonso, Mota & Pereira, 2000 cit por Albornoz & Nunes, 2004)

Do outro lado, temos as histórias de vida de P. e M. que são marcadas por abandono, violência, negligência e principalmente muita falta de afeto, mergulhando-as num estado de desamparo.

No caso de P, os valores morais internalizados desde criança, sublimando a masculinidade e a submissão feminina, tendo como exemplo, a própria mãe que sofria maus-tratos do pai, mas que nunca o abandonado, tomando ele próprio a iniciativa de ir embora. Esta idealização do

poder masculino foi transferida para a pessoa do marido, que embora violento, era o pai dos seus filhos e ela não queria que eles sofressem com a sua ausência (tal como ela sofreu). Negando completamente o fato de provavelmente, sofrerem muito mais por viverem num clima aterrorizante ao assistir à violência inter-parental.

Simultaneamente, a figura do marido aparecia como uma segunda oportunidade para conseguir sarar a ferida narcísica do amor paterno que nunca teve. Como tal não aconteceu, P tentou abafar todos os seus sentimentos numa tentativa de não sofrer, onde só resta a desilusão e a raiva ao marido. Denota-se uma compulsão à repetição, onde a submissão e a negação é mais forte à procura do amor perdido, tentar reparar a ferida narcísica primária.

No caso de M. a dependência afetiva é muito maior que a de P., fazendo com que ela não esteja tão bem preparada emocionalmente para abandonar a relação como P. está. Tal fato deve-se à grande negligência afetiva sentida por M. em criança por parte dos pais que em grande parte contribui para o desenvolvimento da sua estrutura borderline, tornando-a numa pessoa com uma apreensão totalmente errónea da afetividade e incapaz de elaborar uma separação e que julga não ser merecedora do apeço do outro. Enquanto que M. se culpa a si mesma, P. culpa o pai/marido. Daí P. ter mais raiva ao marido que M.

É notório que todas estas problemáticas da infância, historial de vida e possíveis patologias das entrevistadas influenciaram bastante a sua permanência tão longa na relação abusiva. Por um lado, as disfuncionalidades familiares dos maridos que resultaram na agressividade deles, por outro a necessidade de preencher o vazio emocional das entrevistadas e a ilusão de construir um casamento perfeito, diferente do dos progenitores. Não podemos esquecer o próprio ciclo de violência a que a mulher é sujeita dentro da relação abusiva, que na fase de lua de mel, tem sempre a esperança que o marido ao mostrar-se arrependido, possa mudar.

Devido a todas as problemáticas dos intervenientes, os casamentos duraram tanto tempo, pois de certa forma, ainda na patologia, eles complementavam-se. “O ser humano se relaciona amorosamente mediante as estruturas pessoais de cada um, a identidade pessoal guia as relações e seus desdobramentos. Porém, não podemos compreender a identidade como fixo e sim como um construto que é historicamente elaborado. A identidade é continuamente formada e transformada em relação com a maneira como os outros nos percebem.” (Silva, 2013)

Ambas agora necessitam passar pelo processo de luto da relação. Segundo Coimbra de Matos (2001, p. 50) o trabalho de luto completa-se – após o desinvestimento das representações do objeto – pela neutralização das «toxinas» desse mesmo objeto: isto é, pela *desidentificação progressiva* – embora difícil e quase nunca totalmente conseguida – ao objeto introjetado na sequência do abandono.

É importante salientar o momento em que pediram ajuda. Foi necessário sentirem-se protegidas, ouvidas e compreendidas para tomar a decisão de abandonar a relação abusiva. Sabendo-se que o apoio social é suporte necessário para a superação das situações de vulnerabilidade e de desamparo impetradas pela violência, é fundamental que exista uma rede de apoio competente para a escuta das vítimas de quaisquer violações, ressaltando-se aí as mulheres agredidas por seus parceiros (Narvaz, 2010). No entanto, “talvez a mulher precise se apropriar dessa situação de submissão, na qual o homem decidia por ela, e então tomar consciência de seus recursos psíquicos, e desmisturar-se desse homem; pois só assim é possível deixá-lo, e escolher seu próprio caminho. Desmisturar-se significa readequar-se, ter consciência de seus desejos, de seu potencial, da sua vida, sair da sombra de seu companheiro e escolher seu próprio caminho.” (Mirim, p. 15)

“Ou então, a vida pode propiciar ao indivíduo vitimizado experiências restauradoras que permitam que ele possa tornar-se sujeito do desejo e do fazer, desenvolvendo o potencial criativo do seu ser, de modo que as marcas do passado deixem de pesar e de obstaculizar as vivências do presente e as perspectivas do futuro”. (Albornoz & Nunes, p. 216)

Referências Bibliográficas

Adamo, V. (1999). Violência Domestica: uma contribuição da psicanálise. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1):153-159, 1999. Acedido em 2 Novembro, 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81231999000100013&script=sci_arttext

Alhabib, S., Nur, U., Jones, R. (2009). Domestic Violence Against Woman: Systemic Review of Prevalence Studies. *Springer Science "Business Media. J Farm Viol* (2010) 25: 369- 382. DOI 10.1007/s10896-009-9298-4

Albornoz, A., Nunes, M. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF*, v. 9, n. 2, p. 211-218, Jul./Dez. 2004. Acedido a Outubro, 30, 2014 em <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v9n2/v9n2a12>

Almeida, F. (1999). *Homicidas em Portugal*. Maia: Instituto Superior da Maia.

Almeida, M. (1995). *Senhores de Si*. Lisboa: Fim de Século

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima APAV (2010). *Manual Alcipe – Para o atendimento de mulheres vítimas de violência*. 2ª Edição revista e atualizada. Depósito legal nº 31976/10

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (1988-1989). Projeto Alcipe: Formação e Informação no Combate à violência exercida contra as Mulheres. *Web site*. Acedido Janeiro 10, 2014, em http://www.apav.pt/pdf/alcipe_compreender.pdf

Beauvoir, S. (1949). *O Segundo Sexo*. Paris: Editions Gallimard

Beividas, W. & Ravello, T. (2014). IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO: ENTRE SEMIÓTICA E PSICANÁLISE. *Alfa, São Paulo*, 50 (1): 129-144, 2006. Acedido 30 Novembro, 2014 em http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:p_fYo4FIsZYJ:seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/1399/1099

Blum, H. (1977). *Psicologia Feminina*. Nova Iorque: C de Internacional Universities Press, Inc

Branco, M. (2007). *Violência Conjugal Contra a Mulher. Histórias Vividas e Narradas no Feminino*. Dissertação de Mestrado em Comunicação em Saúde. Lisboa: Universidade Aberta

Boracs, Rahel. (2010). Narcisismo: autoestima, identidade, alteridade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 32(2), 203. Acedido 30 Novembro, 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000200023&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1516-44462010000200023

Calheiros, M. & Monteiro, M (n.d.). Mau Trato e Negligencia Parental : Contributos para a definição social dos conceitos. Acedido a Outubro, 29, 2014, em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n34/n34a06>

Daco, P. (n.d.). *Compreender as mulheres*. Lisboa: Veja

Depressão Ansiedade (2014). *Web Site*. Acedido a 30 Novembro, 2014 em <http://www.depressaoansiedade.com/auto-estima-narcisismo.html>

Duby, G. (1992) *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar – Editores, Distribuidores e Livreiros, Lda

Duby, G. & Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente. Vol. 5: O século XX*. Porto: Edições Afrontamento

Duby, G. & Perrot, M. (1995), *As Mulheres e a História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda

Estudo da Psicanalise e psicologia (2014). *Web Site*. Conceito e teorias de Identidade. Acedido a 30 Novembro, 2014 em <http://psicopsi.com/pt/conceito-e-teorias-de-identidade/>

Gomes, Nadielene Pereira, Diniz, Normélia Maria Freire, Araújo, Anne Jacob de Souza, & Coelho, Tâmara Maria de Freitas. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(4), 504-508. Acedido November 16, 2014, em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000400020&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-21002007000400020

Gonçalves, A. et al. (2013). Razões por que algumas mulheres se sujeitam a relacionamentos conjugais violentos. Acedido em 17 Novembro 2014 em <http://www.webartigos.com/artigos/razoes-por-que-algumas-mulheres-se-sujeitam-a-relacionamentos-conjugais-violentos/106929/#ixzz3JRCYefUv>

Héritier, F. (1994) *Masculino Feminino*. Paris: Éditions Odile Jacob

Klein, M. & Riviere, J. (1975). *L'amour et la Haine*. France: Petite Bibliothèque Payot

Kernberg, O. (1995). *Love Relations*. New York: Vail-Ballou Press

Kreisler, L. (n.d.). A Psicossomática da Infância. PUC-Rio – Certificação Digital nº 02 12059/CA. Acedido em 20 de Outubro 2014 em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8406/8406_4.PDF

Kreisler, (1980). *First World Congress on Infant Psychiatry*, Cascais, Portugal, 1980

Langs. R. (1997). *Death Anxiety*. London: Karnac Books

Levy, Lidia, & Gomes, Isabel Cristina. (2011). Relações amorosas: rupturas e elaborações. *Tempo psicanalítico*, 43(1), 45-57. Recuperado em 31 de outubro de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003&lng=pt&tlng=pt

Lima, Antonio Paulo Pinheiro. (2012). Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(Suppl. 1), 821-830. Retrieved October 17, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000500018&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2012000500018

Lima & Verlang (2011). MULHERES QUE SOFREM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE1. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 4, p. 511-520, out./dez. 2011

Luz, C. (2009). Trauma: a ferida que fica. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.08, Jul / Dez 2009. Acedida a 16 Novembro 2014 em: www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php

Machado, C.; Matos, M.; Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, n. 33, p. 69-83

Matos, A. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores

Matos, A. (2011). *Relação de Qualidade: penso em ti*. Lisboa: CLIMEPSI Editores

McHenry County Turning Point (2013). *Web site*. Acedido Dezembro 5, 2013, em <http://www.mchenrycountyturningpoint.org/>

McHenry County Turning Point (2013). *Web site*. Acedido Dezembro 5, 2013, em <http://www.mchenrycountyturningpoint.org/powerandcontrol.html>

Mirim, L. (n.d.). Sobre a Violência doméstica – um estudo psicanalítico. Acedido em 2 Novembro 2014 em http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/sobre_a_violencia_domestica.pdf

Monteiro, S. (2010). *Maltrato por omissão de conduta. A negligência parental na infância – estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Acedido Outubro, 29, 2014, em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26358/3/TESEMESTRADOfinal%20doc.pdf>

Mota, M. M. A. (2008). *O luto em adolescentes pela morte do pai: risco e prevenção para a saúde mental*. Tese de Doutoramento, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 2014-10-15, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-30032009-103843/>

Muszkat, S. (2006). *Violência e Masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de género*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Acedido Outubro 22, 2014, em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-26092006-091251/>

Narvaz, M. (2010). Masoquismo Feminino e Violência Doméstica: Reflexões para a Clínica e para o ensino da Psicologia. *PSICOLOGIA: ENSINO & FORMAÇÃO* / 2010, 1(2): 47-59.

Oliveira, M. & Sani, A. (2009). A Intergeracionalidade da Violência nas Relações de Namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502.6 (2009) 162-170. Acedido em 16 Novembro 2014 em http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1325/1/162-170_FCHS06-6.pdf

Pedro, M., (2003). *Senhores do Medo*. Lisboa: Garrido Editores

Ramos, M. (n.d). Os labirintos da Paixão: estudo clínico. *Psicanalista. Presidente do Círculo Psicanalítico do RGS. Doutora em Psicologia/PUCRS*. Acedido em 19 Outubro, 2014 em <http://www.cbp.org.br/17.pdf>

Reghelin, M. (2002). O Transtorno Borderline de Personalidade. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/Jun 2007. Acedido em 16 Novembro, 2014 em www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php

Santana, K. & Freitas, S. (2013). [Relação entre Traição e Perdão nos Relacionamentos Amorosos](https://psicologado.com/atuacao/psicologia-da-familia/relacao-entre-traicao-e-perdao-nos-r elacionamentos-amorosos) Acedido Outubro 14, 2014, em <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-da-familia/relacao-entre-traicao-e-perdao-nos-r elacionamentos-amorosos>

Santiago & Coelho (2007). A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ANTECEDENTES HISTÓRICOS. Acedido em 15 Outubro, 2014 em <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/313/261>

Silva, C. (2013). Os aspetos destrutivos da Dependência nas relações amorosas. Acedido a outubro, 31, 2014, em <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-clinica/os-aspectos-destrutivos-da-dependencia -nas-relacoes-amorosas>

Smadja, E. (2013). *Couples en psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France

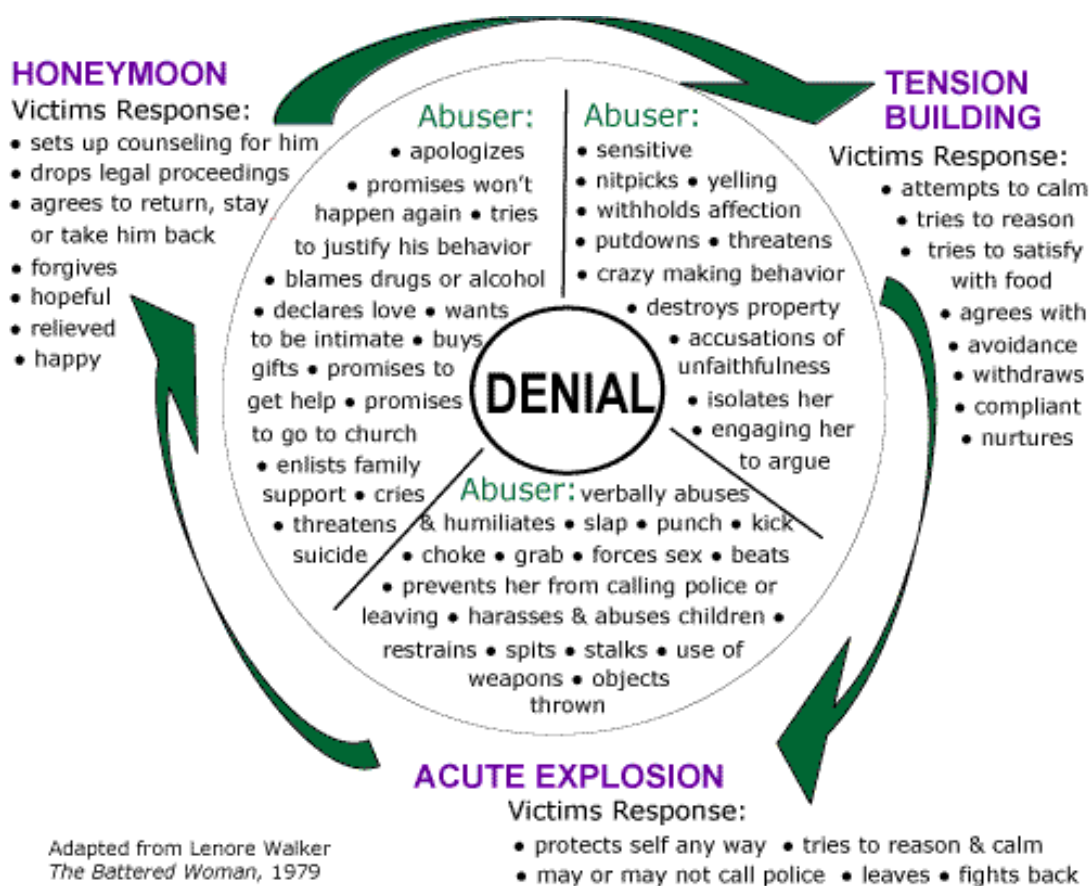
Souza & Oliveira (n.d.). UM OLHAR PSICANALÍTICO AO CIÚME ENTRE OS CASAIS

DA CONTEMPORANEIDADE. Departamento de Psicologia - Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/. Acedido em 25 outubro de 2014 em http://fio.edu.br/cic/anais/2012_xi_cic/PDF/Psicologia/01.pdf

Zanella, A. (2005). Sujeito e Alteridade: Reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia & Sociedade*; 17 (2): 99-104; mai/ago.2005. Acedido a 30 Novembro 2014 em http://gajop.org.br/justicacidade/wp-content/uploads/Sujeito-e-Alteridade_Reflexoes-Psicologia-Historico-cultural.pdf

ANEXOS

ANEXO A : O Ciclo da Violência doméstica

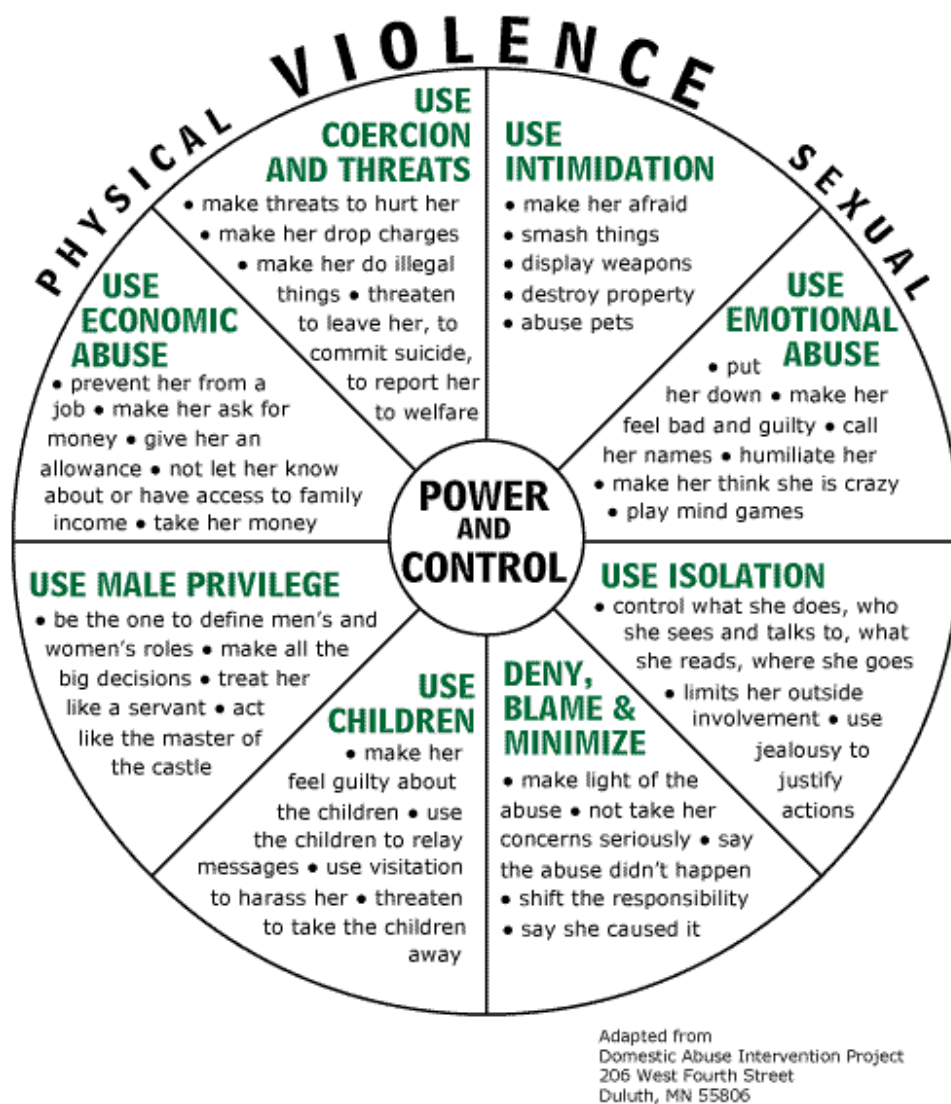


(Site Turning Point)

ANEXO B: Power and Control Wheel

Why Women Stay in Abusive Relationships?

The abuser exerts Power and Control over the victim combined with the Cycle of Violence to keep women in abusive relationships



(Site Turning Point)

ANEXO C: Guião de Entrevista

1. Descreva a sua relação com o seu marido / ex-marido

- Como era a relação amorosa?
- Existência de maus-tratos/problemáticas nas famílias de origem?

- Qual era a razão/o que motivava a situação abusiva?
- Como evoluiu a situação?
- O que fazia nessa situação, como geria a situação?

2. Rede de apoio (amigos, familiares, vizinhos)

- Como se sentia, o que pensava sobre a relação e da forma como era tratada?
- Tinha alguém em quem confiava para desabafar?

3. Quando e como foi que decidiu pedir ajuda?

- Quem procurou e porquê?
- Como se sentia na altura?
- Aconteceu algo que despoletou o pedido de ajuda?
- Que ajuda lhe foi dada?
- Foi importante o tipo de apoio que recebeu?

4. Quais as consequências da relação abusiva

- Que consequências acha que a situação tem / teve na sua vida em geral (a nível pessoal e saúde)
- Como se sente atualmente
- Perspetivas de futuro

ANEXO D: Transcrição da 1ª entrevista 03-10-2014

Eu: Muito boa tarde, D^a P. Agradeço-lhe desde já ter aceite o meu convite em fazer esta entrevista para a minha tese sobre a violência doméstica de Psicologia Clínica. Ahh..., então agora vamos falar um bocadinho sobre a história da sua vida, a história com o seu

ex-marido... ainda não é ex-marido, mas já esta quase, já estão a decorrer ...as coisas ainda estão a decorrer no tribunal não é? Mas pronto, a senhora prefere que eu o trate por ex-marido?

P: Sim, sim, sim... para mim é ex-marido, já não conta como marido... infelizmente...

Eu: Dª P, vamos falar um bocadinho... no início, como é que vocês se conheceram? Como é que foi?

P: Olhe, eu conheci o meu marido em Moçambique, estava em Moçambique a morar... e ele.. portanto, conheci-o através do transporte, estava à espera de transporte ele seguiu-me e daí e prontos, nos conhecemos. Namoramos cerca de quatro anos e depois casamos. Conheci-o com 16 e casei com 19. E daí tive uma vida... ao principio, no primeiro ano foi bom, depois engravidei da minha filha, **e depois de engravidar da minha filha, descobri que ele que me traía... e daí para cá foi sempre um vida atribulada. Estes 48 anos de casada.**

Eu: que idade é que tinha a sua filha, quando ele a traiu?

P: ia fazer um ano.

Eu: era muito pequenininha...

P: era... tinha meses... entretanto tivemos muitas discussões, agressões na altura não, mas depois engravidei do meu filho, 4 anos depois, e daí então já houve problemas maiores... já uma vez me agrediu... além de me agredir, nomes...

Eu: verbalmente

P: verbalmente... e continuava a trair-me.

Eu: como é que a senhora descobriu esses... essas traições?

P: descobri porque notei diferença nele perante o casamento... e depois disseram-me que ele que.. essa pessoa... com quem ele andava que era prostituta e que já era do tempo de solteiro e eu não sabia. Somos novitas, não vemos as coisas como elas são....

Eu: também não sabia...

P: também não sabia... era nova, confiava nele... gostava dele, e daí...

Eu: se calhar até foi o primeiro homem...

P: foi, o meu primeiro amor e o último. Primeiro namorei aos 16, aos 19 casei, não conheci mais ninguém. Depois aí, ele traíu-me. Lá não dizia que eu que o traí, mas aqui

quando veio para Portugal, isto há 36 anos, mais ou menos que a gente está aqui... ahh... quando eu cá cheguei, as dificuldades, as coisas, a conta enorme, ele não tinha emprego, depois lá arranjou emprego... as dificuldades com dois filhos nos braços.. quando cheguei em Portugal tivemos muitas dificuldades.

Eu: não conhecia cá ninguém na altura?

P: não... não, só uma irmã minha que também tinha vindo de lá... foi para Figueira de vide, Castelo de Vide pra Lisboa, uma amiga a mim, arranjou-nos aqui esta casa, comprámos a casa, na altura arranjou emprego e então a gente ficou aqui na casa, e aí... a vida foi... foi correndo. Com muitas discussões, depois pronunciava-se que eu que o tinha traído lá, que eu nunca o traí, aqui também...

Eu: e como é que as coisas aconteciam, D^a P? Quando ele chegava a casa do trabalho? Era assim que acontecia ou era mais ao fim de semana?

P: era mais para o fim de semana. Durante a semana às vezes não sei se ele vinha com problemas de cabeça, não sei...

Eu: a senhora acha que ele bebia ou assim alguma coisa do género?

P: bebia, mas muito não, não vou por aí... e então foi quando a vida, claro, com altos e baixos, mais baixos do que altos, até que chegou à reforma. Mas antes dele... quando se reformou, nós... no ano em que se reformou, há 9 anos atrás, nós fomos à Austrália, onde estava, vive lá um irmão e uma cunhada e fez força para que a gente fosse. Ele queria conhecer a Austrália e nós fomos lá. E lá, ele queria fazer fachada, mas eu não fazia porque nós já não tínhamos nada em comum.

Eu: para fazer de conta que tinham um casamento feliz...

P: mas pronto, eu deixava, vivíamos..

Eu: hum hum

P: e lá, numa discussão sem mais nem menos, começou a dizer que eu que... que a prostituta era mais mulher que eu. Então aí, tinha cerca de 40 anos de casada..

Eu: prostituta, aquela tal... que a senhora descobriu que ele andou

P: aquela tal que ele andou, sempre, vários anos. E eu então aí fiquei...

Eu: tentava atingi-la através dela porque já sabia que ia ser uma boa forma de a magoar

P: ela que era mais mulher que eu. Ora eu que lhe criei os filhos, eu que estive sempre nos bons e nos maus momentos com ele... depois a partir dessa altura, soube dizer que se casou comigo porque precisava de mim, não casou, quer dizer, casou porque precisava...

Eu: casou porque precisava de si para...

P: para o trabalho! Era podeiro na altura, nos comboios, lá, aquilo era caldeiras quando já era electrico, ele precisava quando ia para fora uns dias, ou vinha de manha e vinha à noite, tinha que levar a comida e então precisava que lhe fizessem a comida para ele levar. Desse género, precisava de uma pessoa. Pois, casou porque precisava de mim. Isto já há 40 anos, já eu com problemas do que ele me tinha feito durante a vida. Aqui, várias doenças que ele me pegou, doenças daquelas...

Eu: sexualmente transmissíveis.

P: tive que tratar quando cá cheguei, depois voltei a tratar novamente, tomei 3 ou 4 vezes comprimidos, ele também teve que tomar... quer dizer isto tem uma série de coisas, que ao fim e ao cabo, muitas, por isso é que eu digo, mais baixos do que altos... e então... depois de ele ter vindo, de termos vindo da austrália, foi, a partir daí ele só, quer dizer, maus modos a falar comigo. Entretanto há 4 anos fui operada à tiroide e estas... o problema da tiroide também tem a ver com tudo o que se passou...e quando ele me quis ir ver ao hospital, eu não quis. Eu disse à minha filha que não. Também eram só 2 dias ou 3... eu não o quero cá. Eu quero estar em paz estes dois dias que estou aqui. E acho que ele queria ir só para mostrar, só para fachada, como eu digo...

Eu: pois...

P: não era mais nada... vim para casa e a partir daquela altura há 4 anos, as coisas ainda foram piorando mais. Já não estavam boas, então ainda pioraram mais.

Eu: acha que a partir daquelas férias que tiveram lá na austrália que as coisas pioraram bastante?

P: pois, porque entretanto ficou reformado... há 9 anos... depois ele continuava a fazer as compras, mas sempre com maus modos e mais maneiras... mas eu já estava tão saturada... que a gente depois de 40 anos... é muito...

Eu: claro...

P: então depois, fiz a tal operação... ele cada vez pior... as maneiras como ele falava, como tratava, depois era só insultos, agressões, maus modos, más palavras, então aí estava do piorio. Até mesmo...

Eu: o que é que a senhora fazia quando ele estava a falar assim consigo? Qual é que era a sua reação?

P: primeiro comecei por responder, mas depois já estava tão saturada, que de há 2 anos e tal para cá, cerca de 3, sabe que a d^a da tiroide disse-me...

Eu: para não se enervar?

P: para não me enervar, porque eu fiquei apanhada da voz... andei em tratamento... e ela disse-me que evitasse, que não lhe desse...

Eu: Que não lhe respondesse.

P: que não lhe respondesse, que me afastasse, e eu então comecei a isolar-me no quarto... ia para o quarto, não lhe dava resposta ou então tentava sair e acabava por ficar por ali... não quer dizer que ele à noite não viesse e não dissesse qualquer coisa... e eu tornava-me a isolar, ainda saía, mas depois ainda o ouvia a falar com o irmão ao telefone, a chamar-me de nomes e eu a partir daquela altura até deixei de comer com ele na mesa. Porque senão, eu fazia-lhe tudo, isto portanto, há 4 anos, ainda antes de ser operada.

Eu fazer-lhe tudo, tratar de tudo e ainda era “curta”, isto ou aquilo, nomes feios, a falar para o irmão. Ahh, ela anda assim, anda assado com o cavaleiro... tudo assim.

Eu: como é que isso acontecia D^a P? A senhora estava aqui em casa, ele chegava...

P: estava ao telefone com o irmão e eu ali... e ele nem viu que eu que estava ali

Eu: tente lembrar-se de um dia qualquer que a senhora tivesse aqui em casa e ele viesse do trabalho e tivesse acontecido alguma coisa... ou outro episódio...

P: Implicava por qualquer coisa...

Eu: por qualquer coisa...

P: olhe, implicava com a comida, nestes 9 anos, depois atirava com os pratos da mesa

Eu: dizia que a comida não estava boa...

P: o neto a dizer que a comida estava boa, e ele punha defeitos a tudo!! E isto já foi piorando assim, de alguma maneira...

Eu: arranjava pretextos, digamos.

P: exatamente. Dantes só jantava, vá um dia ou outro ainda falava, mas a coisa passava, ao fim de semana é que às vezes havia mais. Até diante dos filhos e tudo... e do neto. O neto ainda andou a comer aqui muitos anos, quando estava a estudar e vinha aqui almoçar ele era porque a carne e o peixe não estava boa, estava podre, olhe era tudo assim do género.

Eu: portanto ele chegava a casa e a senhora era, digamos...

P: quando eu punha a comida na mesa, ele por qualquer coisa...

Eu: começava a implicar, não era?

P: era, punha defeitos. Era impossível, por isso é que digo, chegou uma altura, ponho-me a pensar: “ele não é uma pessoa normal”. Se fosse uma pessoa normal não dizia aquilo. Mas tanta vez eu disse, mesmo o irmão disse, quando nós estivemos lá na Austrália: “vai para Portugal e vai-te tratar”. Porque eles viam.

Eu: o irmão disse isso a ele?

P: quando vieram cá há uns anos atrás, há mais de 13, eles viram que ele não estava bem. Ainda ele trabalhava. E há 9 anos quando eu lá fui ele disse-lhe: “vai-te tratar Américo, porque tu não estás em condições, procura um médico, não é de clinica geral, procura um médico especialista”. A senhora foi? Assim foi ele.

Eu: não admite não é? Que tem um problema.

P: Não, e eu também lhe dizia no meio das discussões: “tu não estás coisa, tu vai-te tratar!” Era o que eu lhe respondia, porque eu já nem sabia o que havia de lhe dizer.

Eu: Quer dizer, ao longo do tempo a senhora sentia que ele estava cada vez pior. Até ao nível do comportamento, tudo.

P: pior. Até que chegou ao que chegou ao longo dos anos. Dois anos e tal sem me dar nada... achava-se que era dono... que a casa que era dele, que isto era tudo dele, que ele é que trabalhou, que eu não era nada dele, tudo desse género assim. Eu umas vezes pronto, acabei por não responder, metia-me no quarto.

Eu: pois, uma estratégia para não...

P: pois, mas ele falava, ele estava aqui na casa, ele estava a ver televisão aqui sentado e era “vaca”, “curta”, prontos...

Eu: era para a senhora ouvir...

P: era uma tortura, nem imagina. De manhã, ao meio-dia, à noite...

Eu: Desde que ele ficou reformado piorou bastante...

P: tudo...

Eu: depois estava sempre em casa, era a toda a hora, digamos.

P: “esta vaca anda com este, anda com aqueles, tudo assim, os nomes todos, palavões mesmo feios...”

Eu: a senhora acha que isso também tinha um bocado a ver com ciúmes, não é, da parte dele?

P: olhe, eu nem sei explicar se aquilo era ciúmes, se era criação maluca, uma pessoa normal não faz aquilo.

Eu: parece-me que como ele teve essa pessoa, a outra não é...

P: eu acho que dentro dele também há maldade, ruindade, porque eu ouvia ele para ela ao telefone, porque já há dois anos que eu tinha tirado o telefone... ele para as mulheres eram todas umas curtas, umas isto, umas aquilo. Pessoas que ele achasse que coiso, ele nomeava-as, era tudo por esses nomes.

Eu: mais para as mulheres, já em relação aos homens ele já não fazia isso.

P: os homens já eram coitados, ele fez sem maldade...

Eu: Pois, desculpabilizava sempre o homem, e a mulher só por ser mulher...

P: exatamente...

Eu: voltamos agora um bocadinho atrás, quando a senhora era pequenina... em relação à sua mãe, ao seu pai, como é que era o ambiente lá em casa, como é que vocês se davam...

P: era mau. O meu pai batia... fazia discussões, também era homem de prostitutas, e então quando vinha para casa, ou era problemas... mas esse bebia também. Então fazia escândalos, batia na minha mãe, até que se separou quando eu tinha 11 anos. Portanto, vivi com a minha mãe, foi a minha mãe que nos deu apoio...

Eu: e tem irmãos?

P: tenho, tenho 3. Mas uma nunca, nunca convivemos, ficou cá. Duas é que... que é uma mais velha que eu e outra mais nova que eu.

Eu: Viviam todos juntos?

P: sim, vivíamos as 3. A minha mãe é que nos criou. A minha irmã ainda era pequenina, eu tinha 11, ela tinha 6...

Eu: Recordar-se assim de algum episódio?

P: ah, vários. Partia os vidros, ele fazia escândalos horríveis. Pois eu, passar a minha infância assim, por saber que também não era muito bom os filhos estarem sem o pai, fui aguentando...

Eu: e mesmo assim, a sua mãe separou-se dele quando você tinha 11 anos...

P: não, ele foi-se embora. Ele é que deixou-nos. Ele é que se foi embora. Deixou-nos.

Eu: pensava que tinha sido a sua mãe...

P: não, a minha mãe nunca chegou a divorciar-se. Eu assumo que ela já estava divorciada já depois de ter morrido. Cá em Portugal, porque ele divorciou-se cá em Portugal. A minha mãe nem sabia que ele que cá estava...

Eu: foi-se embora.. deixou-os lá em casa...

P: exatamente.

Eu: e depois de partir daí, o que é que aconteceu? A sua mãe e vocês?

P: depois ficou sozinha... com a ajuda de outras pessoas... lá eramos muito ajudados. Sabe que a pessoa que era separada, na altura era separada, ou que fosse divorciada, mas divorciada era pouco, eram mais separadas, eram apontadas... mas ainda assim graças a Deus, fui criada, as minhas irmãs foram criadas. Por isso é que eu casei... o meu medo, o primeiro que apareceu... fui gostando dele e acabei por casar.

Eu: porque se calhar pensava que ele ia ser uma pessoa completamente diferente, que a ia ajudar... e afinal...

P: exato, porque ele não mostrava... passou a tribulação...

Eu: transformou-se...

P: eu nunca esperei chegar a este ponto, depois de chegar a velha...

Eu: tudo novamente... tudo aquilo que tinha visto em pequenina na sua casa...

P: eu há certas coisas que não queria fazer por causa daquilo que tinha passado...

Eu: e os seus filhos? Já depois de casada, eles começaram a crescer... eles assistiram a alguma coisa?

P: ainda há pouco tempo... o minha filha aqui há um ano e tal ele a insultar-me de toda a maneira, e ele dizia: "pai, cuidado com a língua, tem modos!" Chamava-me todos os nomes na frente dela.

Eu: mas isso já agora em adulta. Que idades é que eles têm?

P: ela tem 47 e ele tem 43. Mas ela estava aqui. Há um ano e tal. E ele aqui em casa, por causa de quê? porque ele estava a tomar posse da casa toda. Punha a roupa aqui, as camisas dele aqui. Ele tem um roupeiro no guarda-fatos, no quarto. E ele pegou nas camisas, espetava-as aqui na sala ou para me provocar. Mas naquele dia, a minha filha queria sentar-se e ficava de pé. “o pai tem aqui as camisas, quero-me sentar...” e eu disse-lhe. Ele tem roupeiro, não quer arrumar, olhe saiu uma discussão... chamou-me de tudo.

Eu: isso tudo ao pé da filha.

P: a filha falava, chamava-o à atenção. Eu só lhe disse... chamei-lhe porco. Realmente ele era. Ele suja a casa de banho...

Eu: portanto, mesmo em pequenos... ele nunca se coibiu de insultar...

P: discussões... nada. Ele nem se lembrou...

Eu: estivessem eles ou não estivessem...

P: eles não se lembram. Nós, por vezes em crianças há certas coisas, coisas que a gente faz por esquecer... não se lembram de certas coisas que passaram. Porque lá ele ainda me chegou a dar um pontapé na barriga... tinha feito um aborto... já não queria mais filhos...

Eu: já depois dos seus filhos terem nascido?

P: sim o meu filho já tinha um ano e meio. E eu fui fazer... tinha ido a casa de uma amiga...e essa que vai ser testemunha também... do que se passou lá, que esta a morar em Aveiro, e ele tinha vindo para casa deles. O marido já faleceu, tinha-me trazido a casa... mais os meus filhos, porque eu não andava sem os meus filhos. Mais uma prova de como ele andava. Como andava a trair-me pensava que por fazer assim que eu também...

Eu: pensava que a senhora também...

P: fiquei para jantar... há 15 dias que tinha sido o aborto, mete os filhos dentro de casa... foi aí a maior que ele me fez. A maior agressão que eu tive, física. Mete os filhos dentro de casa, empurra-me para fora de casa e dá-me um pontapé na barriga. Não aconteceu nada porque não tinha que acontecer, senão até era capaz de ter dado até problemas. Eu meto a mão à porta, inocente, porque eu estava inocente, eu com os meus filhos, para onde é que eu ia? Para a rua não? Eu não! Foi aí que ele abriu a porta. Depois tanto batemos, que

conforme abriu, meteu-me a mão ao pescoço, levou-me de rojo até ao quarto que era dos meus filhos, mandou-me para cima da cama, lutamos, tive de me desvencilhar dele...

Eu: E os seus filhos, estavam a ver?

P: no quarto ao pé de mim a gritarem. Mas eles não se lembram. Ela devia ter uns 4- 5 anos...

Eu: Isso foi por causa do aborto?

P: não! O aborto foi ele que me mandou. Isso foi por ter chegado àquela hora da casa do casal.

Eu: ah, de ter chegado aquela hora!

P: nem perguntei...depois do jantar eles vieram-me trazer, eram umas 10 e tal, pouco mais. Agora não era razão para que ele... ele tinha feito a comida para ele ir para fora no comboio, só que o comboio cancelou, e como cancelou, ele voltou para casa. Ele não estava em casa, mas eu andava com os meus filhos, eu não andava aí em poucas vergonhas como ele pensava.

Eu: ele chegou, como a senhora não estava em casa, isso bastou...

P: exatamente. Eu queria abrir a porta, ele trancou a porta, tinha a porta para abrir, e então mete os filhos para dentro e ele dá-me um pontapé, coisa. Depois agarrou-me o pescoço, e eu mostrei a essa minha amiga, no outro dia fui com ela, ainda tinha as marcas no pescoço...

Eu: foi ao hospital?

P: não, nessa altura... ainda se riam da mulher, quando ela ia participar, a minha mãe ficou toda marcada, da pancada que levou...

Eu: e ela ia ao hospital nessa altura?

P: ia à policia, a policia não fazia nada... ainda foram uns vizinhos que os separaram, senão ele matava a minha mãe...

Eu: sabia que só a partir do 25 de abril é que a violência doméstica é considerado um crime publico?

P: pois, por isso é que eu digo, não valia a pena...

Eu: antes disso, o homem até tinha direito a bater na mulher, veja lá... graças a Deus que as coisas mudaram e evoluíram no bom sentido!

P: Ainda bem!

Eu: eu queria perguntar-lhe em relação ao aborto, desculpe estar a falar nesse assunto, mas não percebi bem... foi uma coisa natural que aconteceu? Foi um aborto espontâneo?

P: não, não. Foi provocado.

Eu: mas a senhora não queria ter mais filhos?

P: ele não queria, eu também não queria... portanto, havia uma época que eu tomava a pilula, mas depois parava por causa do coiso... e então foi nessa altura.

Eu: engravidou sem querer?

P: engravidei sem querer. Mas também quando o fiz, tinha falta do quê? Falta de um mês.

Eu: foi logo no início...

P: logo no início, porque a minha mãe esteve a morrer, eu era... tinha 8 anos e isso marcou-me muito. Porque foi uma curiosa, não foi mesmo parteira.

Eu: ficou a sangrar...

P: não, foi parar ao hospital. Esteve internada no cuidado intensivo. Esteve mesmo muito mal. Ainda me lembro dela a ir para o hospital, isso marcou-me também muito. Eu tinha 8 anos. Era o sangue, embrulhada num cobertor num táxi, era sangue, era tudo e mais alguma coisa. Nós ficámos com o meu pai, agora é que sei, que eu fazia xixi na cama, já tinha uns 9 anos por aí... 8, quando ela foi tinha 8. Depois eu queria um chá, deu o chá para a minha irmã, a minha irmã disse-lhe que eu tinha feito xixi na cama, ele foi buscar um cavalo marinho, deu-me tanto... só me lembro de ter começado, de ter acabado não me lembro.

Eu: também batia nos filhos...

P: e agora acabei também por saber que eu por fazer xixi, que eu não tinha nada. A minha mãe levou-me ao médico e tudo e não tinha nada a ver, era traumas. E aquilo, a mim dava-me dessa maneira, a minha outra irmã tinha medo, a outra, era assim.

Eu: cada um tem os seus sintomas... à sua maneira, as pessoas são todas diferentes...

P: pois, foi uma das crises que se passou, por isso é que eu tinha muito medo de ficar grávida... eu não queria, tinha medo de avançar e depois então... porque eu lembrava-me da minha mãe, à espera de arranjar dinheiro e fazer e não sei quê... isso tudo originou, a

avançar porque já tinha 3 meses... então eu, não, não fazia uma coisa dessas. Faltou, se tivesse que fazer era naquela altura, depois já não fazia.

Eu: e a senhora também não queria...

P: foi como o meu filho... também já não queria o meu filho...

Eu: ai já não?

P: estava de 3 meses...

Eu: por causa do seu marido ser assim como é?

P: não sei... ele só queria ficar com a filha, não queria mais nenhum... e eu quando fiquei grávida do meu filho, já de 3 meses, não era certa, e eu, não, agora não, com 3 meses, nem pensar.

Eu: mas por causa do seu ambiente familiar com o seu marido é que não queria ter mais filhos?

P: ah pois não...

Eu: também via que ele não melhorava...

P: exatamente. Mas assim já de 3 meses, não fazia, de maneira nenhuma. Lembrava-me logo da minha mãe, eu tinha só 8 anos e aquilo marcou-me muito. E eu tinha muito medo e sei que isto é muito perigoso... e que são coisas que...

Eu: portanto também foi da sua vontade ter feito. Também não queria mais...

P: pois, eu tinha que o fazer. Depois quem é que sofria? Era eu. Ameaçava-me e tudo, e como eu estava no início, acabei por ter que fazer mesmo. Obrigada de uma certa forma não é... porque se ele fosse um bom marido, ele próprio também se cuidava, não era só eu. Porque naquela altura, não havia tanta facilidade como há hoje, hoje há muito mais não é... já lá vai 40 e tal anos...

Eu: como é que você ficou? Custou-lhe? Ter de fazer isso?

P: custa. Não é fácil. Uma pessoa ir para essas coisas, mas pronto. Eu sei também que aquilo era um atraso só, mas pronto... tudo isso é a mulher que sofre, não é ele. Quem sofre sempre é a mulher e a mulher para fazer, pensa duas vezes. A vida de casal quando não está muito bem, não há outra coisa, solução.

Eu: e em relação à família dele? O que é que a senhora sabe, assim de quando ele era mais pequenino? Como era a esse nível? Ele nunca falou sobre isso...

P: não, não... não conheci

Eu: tem mais irmãos... como era a relação dele com os pais...

P: tem, mas por aquilo que o irmão que está na Austrália me falou, que ele que era muito agressivo. Portanto, esta a ver...

Eu: e o pai?

P: ah, o pai dele também batia na mãe... essas coisas assim... por aquilo que eu ouvia falar. O pai batia na mãe, já la vai 50 e tal anos... portanto ele já tem 75... portanto esta a ver...

Eu: Uma pessoa ate se esquece que esta a falar de uma pessoa que já tem idade, já viu?

P: exato. Sei que ele também batia na mãe, era mau o pai... e também era assim, de andar com mulheres... mas cá... isto pelo que eu ouvia falar. O irmão da Austrália é que dizia que ele como irmão, que era muito agressivo, mesmo com ele.

Eu: e ele só tem esse irmão?

P: tem mais 2. Um mais velho que ele... tinha uma irmã que já morreu, não é... que era filha só do tio... mas eram 5 rapazes. O irmão mais velho que esta na terra, tem 80, ele e tem mais 3, um já morreu, portanto tem mais 2 agora.

Eu: portanto, aquilo também não havia bom ambiente la em casa, digamos.

P: não. Foram criados com avó, a mãe ia comprar coisas, vender aos trapos ou não sei como é que dizem...

Eu: vendia coisas...

P: sim, andava a pescar e eles foram criados pela avó. O que me contaram, o irmão que está na Austrália, porque ele pouco contava sobre a família.

Eu: como é que ele se dá com esse irmão?

P: ele fala, mas o outro como é irmão, não se quer dar mal com ele. Mas ele via que ele não estava bem... que ele não era... que ele precisava de tratamento... ele agora já diz que ele em novo que devia ter tido tratamento e não teve. Agora depois de conversar e já depois de se ter dado isto, é que ele se abriu e que contou mais. Porque eu estive lá e lá ele não contava muita coisa...

Eu: não estava assim muito à vontade a falar sobre isso ao pé dele...

P: pois não estava...

Eu: Então quer dizer, o seu marido foi sempre uma pessoa ao longo da vida com um comportamento instável, digamos....

P: sim, sim, sim...

Eu: quem está com ele, familiar, amigo, portanto, nunca sabe como ele vai reagir...

P: pois, começa bem e depois acaba mal... festas, tudo, os miúdos, que eu fazia aqui, almoços, depois os convidados, ele até aqui ao meu filho, quase que lhe batia... meteu-o fora de casa a tudo, já depois de casado... a minha irmã nunca mais aceitou falar com ele nem nada... já há para perto de 4 anos se não é mais...

Eu: e agora, como é que esta a relação com os filhos?

P: o filho não quer nada com ele... ainda hoje falei nele... e ele disse-me que ele não me vai largar, pois sabe como ele é... o filho assistiu a muitas discussões...

Eu: e a sua filha?

P: a filha... bem, ela tem precisado que ele a ajudasse, agora acho que ele esta a ajudá-la, que ela está desempregada, tem um filho com 21 anos... e é por isso se calhar é que ela não pode....

Eu: e o filho também esta desempregado?

P: pois... o filho está na universidade, esta a estudar.

Eu: a estudar, precisa também de dinheiro para a faculdade, para as coisas dele...

P: pois, eu não os quis por no processo, eles queriam, pois sabiam muitas coisas, mas não valia a pena..

Eu: não os quis ver passar por isso....

P: não os quis por contra o pai... se eles aceitassem que não iam falar com ele ou de fazer qualquer coisa, era por eles...

Eu: por escolha própria...

P: exatamente, não quis.

Eu: e porque é que aconteceu, ou como a senhora estava, no momento em que pediu ajuda? o que é que aconteceu nesse momento para ter feito com que a senhora não aguentasse mais a situação? Aconteceu alguma coisa de diferente ou já não aguentou mais...?

Eu: olhe, mesmo ele já não me dando dinheiro, há 2 anos, eu estava a tentar, como se costuma dizer “levar o barco” a bom porto, até ver... onde é que aquilo ia parar. Se a coisa depois, eu teria de decidir... eu também não queria, porque ele queria era que eu saísse de casa. Ele fazia tudo por tudo para eu sair de casa e ele ficar com tudo. Ele desde que fez a cena, achou que eu tinha abandonado a casa. Achava-se que era dono disto e com alguma, como é que eu hei-de dizer... e ainda com a ajuda de alguém a meter-lhe na cabeça qualquer coisa. Não foi só a cabeça dele, foi também alguém. Amigos dele ou não sei...

Eu: que o aconselharam...

P: aconselharam a que ele reagisse dessa forma, e ao reagir dessa forma, deu no que deu, a pensar que ficava com tudo, na posse de tudo, fazia o que queria...

Eu: portanto, desta ultima vez quando a senhora ligou.

P: Isto portanto em janeiro, dia 14 de janeiro.

Eu: e o que é que aconteceu nesse dia?

P: aconteceu que ele começou a insultar-me, e a ameaçar-me... eu fechei-me no quarto... ele depois de eu estar dentro do quarto, não sei o que é que lhe deu na cabeça... ele começou a atirar com coisas à porta do quarto. Fez tantas... eu ainda esperei que aquilo passasse... eu estava a ouvir... tenho uma televisão dentro do quarto... estava a ver televisão, deixei-me estar. Mas comecei a ver aquilo mais de meia-hora, ele não parava, atirava uma coisa, atirava outra...

Eu: que coisas é que ele estava a atirar, por exemplo?

P: era panelas, era... partiu o candeeiro, partiu o jarrão, partiu ao bibelôs todos... aqui está tudo sem nada, porque ele partiu tudo, já mandei para o lixo, ele partiu o candeeiro, ele atirou com a sapateira ao chão...

Eu: o que é que ele lhe dizia?

P: insul... os piores nomes! Insultava-me, dizia que eu que andava com garotos...

Eu: ah, por causa disso...

P: que eu que era uma prostituta, que era assim, que era assado, não, não sei explicar...

Eu: como é que começo nesse dia? Foi ele a chamar-lhe nomes?

P: chamar nomes! Sozinho, eu nem abri a boca. Estava dentro do meu quarto.

Eu: e ele estava a fazer o quê? Estava na sala?

P: eu estava no meu quarto quando ele chegou. Estava noite. Ele chegou. Foi para a cozinha... não sei se queria... eu já não cozinhava. Desde que ele deixou de dar o dinheiro eu nunca mais cozinhei, nem lhe fazia nada. Ele mandava lavar a roupa... ele lá na cozinha começou-me a insultar... depois veio para a sala dizer “esta mulher é um monstro”, os nomes, todos. Era curta, era tudo.

Eu: enquanto estava no quarto...

P: estava no quarto fechada. Veio para a cozinha e a partir daí... pegou nas panelas, nas cafeteiras, em tudo, o que lhe aparecesse à frente, a televisão. Da cozinha atirava tudo para a porta do quarto. Eu notei que a porta estava a querer... soltar-se... e eu, não, a porta é nova, fez-se as obras há 13 anos... e eu pensei “se isto continua assim ele vem cá dentro mesmo”. Então abri a janela do quarto e pedi ajuda, pedi socorro. As vizinhas, 4, chamaram a policia, a da frente e 3 daqui de cima. Entretanto, a policia não vinha, tive que saltar da janela. Estava mesmo a ver que ele que metia a porta dentro. Depois veio um moço, que vinha a sair do café, que mora por cima do café e disse-me para eu saltar, que me ajudava, senão eu podia cair da janela. Em pijama e tudo, pois nessa altura, eu estava na cama...

Eu: e toda a gente a ouvir... ele a partir as coisas todas...

P: o prédio todo...

Eu: ele partiu também aquelas pedras... (as pedras das mesas do hall)

P: tudo. As pedras caíram ao chão, foram os bibelôs, tudo.

Eu: tudo por onde ele passava...

P: a porta esta toda marcada, parede, e então vinha à porta de entrada, insultar pelo prédio adentro. Quando a policia veio, já eu estava no prédio ao lado, na casa da vizinha...

Eu: ah, foi para a casa da vizinha.

P: porque a vizinha chamou-me, porque no prédio ao lado também ouviam, muitos nem sequer se apercebiam de onde é que vinha o barulho. Muitos não queriam acreditar que vinha daqui. Porque eu evitei sempre de dar nas vistas. Porque é que eu havia de estar a dizer às pessoas que ele era assim, que era assado, se ninguém via... e eu vivia com ele, então o que é que eles diziam? Então, vive com ele e esta a dizer mal dele... ficava... então calei-me, deixa ver onde isto vai parar...

Eu: então a senhora não partilhava isso...

P: não... não valia apenas... a uma ou outra pessoa. A minha vizinha aqui de cima sabia, que eu falava-lhe...

Eu: e uma amiga?

P: a uma amiga da Serra também dizia, mas era tudo assim. Só duas ou três pessoas é que sabiam. Mais, e a minha tia, que ela tem 83, portanto às outras pessoas eu não falava.

Eu: mas essas três pessoas sabiam.

P: sabiam, mas era do que eu contava, não era que vissem. A minha vizinha aqui de cima sabia que ele até na rua do prédio que era agressivo, notava-se. Por isso é que... depois disso veio a policia e levou-o algemado e então ainda vim a casa buscar alguma coisa, porque a policia avisou-me para eu não vir dormir para casa, porque na minha ideia era vir dormir na mesma, mas diz que não... que era pior... eu na altura não disse nada à policia, mas depois quando fui ao outro dia fazer a queixa, passei a noite toda em claro... não, eu tenho que me decidir! Isto não vai ficar assim. Eu tenho que ir à policia, eu tenho que fazer queixa. Já a agente da policia me dizia para eu fazer queixa, mas como? Se eu estou com ele...

Eu: tinha receio de represálias...

P: exato. Então quando cheguei lá, chamei-a a ela, ela já sabia muita coisa que eu lhe tinha contado, ela é que me fez a queixa. Então depois vieram cá, vieram cá 4, para ver se ele dava a arma. Só que eles queriam que eu fosse com eles à garagem à procura da arma.

Eu: ele alguma vez a ameaçou com essa arma (de fogo)?

P: não, com a arma nunca me ameaçou. Eu sabia que ele a tinha...

Eu: Qual era a profissão dele?

P: era fogareiro de caldeiras...

Eu: e então para que é que ele queria uma arma? Você sabe?

P: diz que a comprou em Mem Martins já muitos anos...

Eu: seria para segurança pessoal?

P: penso que sim... mas eu nem hoje sei para que é que ele queria aquela arma ali escondida. Mas o meu medo... como ele estava cada vez pior da cabeça...

Eu: com medo que ele a usasse.

P: com medo que ele a usasse... e também tinha uma navalha ponta-e-mola...

Eu: e chegou a ameaça-la com ela?

P: não. Não ameaçou diretamente assim não. Só indiretamente, quando ele falava. Só que eu tinha medo pelo que ele falava...

Eu: pois, e sabia que ele a tinha...

P: depois e fazer o que ele fez, de partir tudo, quem faz isto com certeza que faz o resto... então a partir daí fiquei mesmo com medo... porque eu não tinha... agora para o fim evitava-o, mas ao principio enfrentava-o. Depois a polícia veio... disse-me a mim para eu ir com eles à garagem e eu disse não! “mas está a encobri-lo?” “Eu não, eu sei que ele que tem a arma, agora se a tem lá ou não, não sei, mas sei que a tem”. Mas o que é que eu vou la fazer... eu não sei onde ela está! E ele tinha la o carro, tinha que tirar o aquilo tudo. Acabavam por remexer e não encontrar.

Então não chegaram a ir, depois foram com ele, já com ele, com o mandato, para o interrogatório, foi quando saiu a medida de coação. E tenho a impressão que ele teve mais a medida de coação, foi mais pela arma. Ao mesmo tempo, foi a minha sorte. Porque se não fosse a arma era capaz de não ter a medida de coação... para ele sair de casa... e ficava-me aqui em casa, porque eu disse logo à agente que veio aqui. Eu disse “ó sra agente, vocês vão levá-lo? Agora quando ele vier ainda me vai fazer pior!” ainda agora há momentos me estava a insultar!

Eu: já depois de ter saído?

P: já depois de ter saído. Já depois de ter sido detido... já depois da policia ter estado aqui em casa e ela disse-me “não, pode abrir a porta?” e eu disse “eu não, eu não posso abrir a porta, porque se eu abro a porta...” eles então bateram, bateram e eu não abria a porta. Foi então quando o levaram e ela disse “fique descansada que ele agora vai ao interrogatório”. Vem sim, com outros colegas, mas é para levar algumas coisas, pois tem que ir para qualquer lado, ele aqui não fica.

Eu: portanto, podemos dizer que foi quando a Dª P sentiu medo pela própria vida.

P: sim.

Eu: digamos, foi nesse momento.

P: foi. A partir dali, a partir do que ele fez, já tinha medo dele mesmo. Porque eu disse “ele fez o que fez, partiu tudo, queria arrombar a porta, a agir daquela maneira... eu nem digo que ele estava descontrolado, ele estava mau, mesmo.

Eu: a senhora acha que ele pode ter alguma patologia, alguma doença mental?

P: a minha filha levou-o ao médico, à médica de família, fez um TAC à cabeça, fez coiso, tiveram a conversar. Ele podia, precisava de acompanhamento...

Eu: psicológico

P: mas não tinha nada, não acusou nada. Porque a minha filha dizia que era demência ou qualquer coisa, ele dizia que lhe roubavam as coisas, a policia conhece-o, ia muitas vezes fazer queixa, porque lhe roubavam a carteira, porque roubaram não sei quê, depois aparecia tudo.

Eu: mas quer dizer, tinham roubado ou não?

P: não sabia das coisas e dizia isso. E ela então por causa disso, fez exames e não acusou nada.

Eu: pois, mas provavelmente fez exames biológicos, orgânicos..

P: um TAC à cabeça...

Eu: ele deveria ir a um psiquiatra.

P: não quer, diz que não é maluco.

Eu: pois, esta a ver? É porque nós podemos ter doenças de foros completamente diferentes. Biológico, mental, psicológico... mesmo que não acuse nada a nível biológico ou físico... falta a outra parte, a parte emocional, a parte psicológica.

P: se ele tem traumas de piqueno, não sei o que é...

Eu: a senhora acha que ele a vida toda teve um comportamento agressivo, instável...

P: sim, sim...

Eu: ao longo do tempo nunca melhorou esse comportamento, depois de ficar reformado então, sem objetivos, sem horários...

P: exatamente.

Eu: sem ter aquela rotina, ter que ir para o trabalho, perdeu a distração e passou a estar sempre aqui em casa.

P: ele não estava sempre aqui em casa, ele saía, ia para a garagem... ia pra aqui, falava com este, falava com aquele...

Eu: o que é que ele faz lá nessa garagem?

P: ele não faz nada. Tem lá o carro, levava para lá o jornal. Era daqueles que tirava do jornal as meninas... tinha muitos papelinhos... ate levei para a policia... pra mostrar que era verdade.

Eu: ele até tem uma boa reforma, não é? Ate dá para gastar...

P: pois... e ele fazia isso. Por isso é que me pegava as doenças. Cá era assim que fazia. Já não era a amante, porque a amante ficou la. É assim, infelizmente... eu ia ultrapassando tudo até que chegou um ponto que eu disse-lhe “não, chega!” e ele disse-me “agora é a ultima”. Eu disse “não, comigo não há mais nada!”, isto há mais de 10 anos.

Eu: e como é que a senhora conseguiu, durante este tempo todo, foram tantos anos...

P: tive que aceitar. Também com a minha idade... o que é que eu havia de fazer? Ele é que tinha a pensão, ele é que dava o dinheiro...

Eu: a senhora não trabalhava...

P: não trabalhava... porque ele não quis, não deixou, eu ainda tentei...

Eu: para ficar em casa com a família...

P: pois, para ter todos os benefícios, senão, não os tinha, ele. Tinha também que colaborar, porque a trabalhar, não dá para fazer tudo, tinha que haver falhas... eu ainda trabalhei uns anos, mas foi em casa, na maquina de tricotar. Ainda foram para aí uns 15 anos, também para ganhar alguma coisa, mas ele acha que não. Que eu nunca colaborei com nada. Tanto que as camisolas que ele tem e tudo, foram feitas por mim. Olha, que as deite fora agora, para não ter recordações. Enfim, isto tem sido...

Eu: e como é que é a sua vida hoje em dia? Já fez queixa dele, as coisas estão a correr no tribunal... existe medida de afastamento..

P: estou à espera do tribunal, do julgamento... é crime publico, e estou à espera também do divórcio.

Eu: é normal ou litigioso?

P: é normal, ele concordou em dar as coisas e é a pensão. Agora vamos lá ver, ele já queria levar as coisas... mas eu não dou enquanto ele não assinar os papéis e não me dar a pensão de alimentos.

Eu: ele já foi embora há quanto tempo?

P: há 7 meses.

Eu: como é que tem sido a sua vida a partir daí?

P: ai, agora graças a deus, dentro de casa estou calma. Claro, quando se toca nestes assuntos, eu fico um bocado mexida, e quando o advogado telefona... eu sei que o julgamento do crime público, ele não está presente. Eu pedi e ela arranjou maneira dele não estar presente. Agora, no divórcio, ele tem que estar presente, tal como na primeira vez que fomos. O advogado até ficou parvo quando eu disse que era aquele, porque ele não conhecia e eu levava uma amiga da Serra das Minas para me acompanhar, para não ir sozinha e ela ficou parva, porque ele nunca andou de bengala. Agora esta a ver...

Eu: mas será que ele esta mesmo a precisar da bengala ou foi para...

P: não ele não precisa, ele tem um andar normal.

Eu: então acha que foi para dar um ar mais de...

P: de coitadinho... agora já vê a astúcia que ele tem...

Eu: pois... ele pensa como há-de fazer as coisas....

P: ele ia assim para ver se tinham pena dele, mas não assim que ela viu as coisas como se passaram, ela viu as fotografias que eu tirei à casa, como ele a deixou, pois dei-as à policia.

Eu: e agora a senhora como é que se sente?

P: sinto-me mais calma, melhor em casa, mas quando saio à rua...

Eu: ainda tem medo...

P: vou muito cedo fazer as compras e venho que é para não o encontrar. Porque sei que ele de manha não é habito levantar-se muito cedo. Ele ate manda lavar a roupa aqui em baixo, nesta avenida, e eu sei mais ou menos o local, então vou cedo e venho cedo para não haver encontros. Porque eu quando o vejo, mexe comigo. Eu fico esquisita.

Eu: É natural, foi muito tempo...

P: e depois o fato de ainda não estar resolvido, isso também mexe um pouco consigo.

P: pena que o tribunal...

Eu: sabe que estas coisas demoram sempre o seu tempo... mas pode ter a certeza que vai ficar resolvido. Aí já pode por uma pedra sobre o assunto.

P: ah e ponho bem!

Eu: como é que é agora o seu dia-a-dia, o que faz durante o dia?

P: olhe, estou por aqui, vou fazendo algumas coisas por aqui, vou lá as vezes à minha vizinha, não saio muito por aqui...

Eu: conversa com ela também... conversa com mais quem?

P: falo ao telefone com ela ou com a minha amiga da Serra. Quer dizer, passo assim o tempo, vejo um bocado de televisão... leio um bocado...

Eu: ainda vai conversando com elas

P: é o que me vale, conversar com elas.

Eu: elas são a sua rede de apoio.

P: é, é. Qualquer coisa que eu converso com elas, desabafo... para ver se isto leva outro rumo, para ver se a minha vida dá uma volta, de alguma maneira, não é... as vezes evito sair, para não haver escândalos, não gosto disso, não me sinto bem.

Eu: não se identifica, não gosta de discutir...

P: não, não gosto, não gosto... para mim é o pior que pode haver, discussões e tudo... coisas desse género.

Eu: agora que já esta fora da situação, consegue ver as coisas mais friamente? Consegue ver as coisas mais racionalmente?

P: já. Sim sim, sim

Eu: como é que percebe agora aquilo que lhe aconteceu?

P: eu acabo por ver que ele não é uma pessoa normal. É isso que eu acabo por ver. Se fosse uma pessoa normal, não fazia aquilo que ele fez, não reagia daquela forma. E não inventava, porque ele inventa. **Ele arranja coisas onde não existem... que eu que andava com o vizinho do prédio aqui ao lado, que já nem mora aqui... que eu que lhe ficava com o filho e ele é que me pagava a mim... coisas que não tem nexos.**

Eu: pois....

P: olhe, isto faz-me.... Por isso é que eu digo, se fosse uma pessoa normal,... é que ele nunca viu nada, porque eu nunca lhe dei razões para isso.

Eu: isso também tem a ver com o que ele fazia.... Como ele fazia, esta a ver...

P: pois

Eu: ele sentia-se... bem se eu faço, quer dizer, projetava um pouco em si, ela também pode fazer.

P: era o que me diziam...

Eu: ela também me pode fazer a mim. Era esse o receio dele. Porque ele vi-a a si conforme ele era. Depois fazia as coisas que fazia.

P: eu acho que ele é uma pessoa que eu nem sei explicar..

Eu: a senhora acha que ele tem um problema qualquer.

P: complexos, revoltado, não sei.

Eu: pois, se formos a ver também aquilo que ele passou...

P: pois, mas eu também tive problemas, por causa da infância e tudo...

Eu: ultrapassou?

P: ultrapassei, a gente vai para a frente. O que me vale é a fé. Se não fosse isso não sei se estaria aqui assim. Pedi-lhe ajuda, de uma maneira ou de outra e pensar sempre, tentar pensar positivo. O mais possível. E é isso que me tem levado para a frente.

Eu: e como é que a senhora consegue pensar já nisso tudo, consegue pensar, por exemplo, no futuro, para o ano?

P: não, ainda não, porque ainda não tenho nada resolvido e isto não é assim tão rápido. A razão é essa.

Eu: pois, esta fase ainda a faz sentir ansiosa.

P: nesta fase eu já estou mais descansada um bocadinho por estar dentro de casa e estar à vontade, não é? Porque sei que aqui, pelo menos, pelas autoridades e pela justiça, ele aqui não pode entrar. É isso que me esta a dar mais paz e a ajudar. Isso já é muito bom para mim.

Eu: consegue dormir bem? Toma alguns comprimidos?

P: tomo. Sou obrigada mesmo a tomar. As vezes passo horas e horas... e depois acabo por tomar.

Eu : deita-se e começa-lhe a vir as coisas à cabeça? Ou agora já menos?

P: pois, quando a gente esta na cama, começa a vir tudo... mas agora menos.

Eu: já não tem aqui o perigo ao pe de si, já esta mais descansada....

P: sim senhora, sim senhora, graças a deus.

Eu: e os seus filhos? Também tem uma boa relação com eles?

P: tenho, tenho, falo com eles... falo com a filha, com o filho também falo... de vez em quando vêm cá... quando podem.

Eu: eu penso que a D^a P precisa de ver isto resolvido. A situação resolvida. Até lá é natural que ainda tome algum comprimido para dormir, também a situação não está resolvida ainda, não é? E é neste stand-by, que ainda vai ser um bocadinho difícil para si.

P: pois, já la vão 8 meses daqui a pouco e ainda vai durar mais.

Eu: mas eu acho que a partir daí, já não vai precisar de mais comprimidos para dormir.

P: deus queira que sim...

Eu: e mesmo se sentir que precisa de falar mais com alguém, a nível profissional, digamos, com um psicólogo... eu sei que ao falar, magoa, o estar a falar nas coisas, faz reviver tudo outra vez...

P : é, é, é... e depois a cabeça fica um pouco transtornada

Eu: mas ao mesmo tempo, ao estarmos a falar, estamos a mandar para fora todos aqueles maus sentimentos, sentimentos negativos, como o medo

P: visto que se gerou aquilo tudo, eu não tenho rancor dele dentro de mim. Porque é o que me faz estar bem comigo própria. **Eu não tenho rancor dele, eu só não quero vê-lo à min há frente.**

Eu: a senhora deve ter agido sempre da melhor forma que pode.

P: tenho a consciência tranquila. Não tenho remorsos de nada, porque mesmo com os insultos e a maneira dele... agora dizer assim, tenho uma revolta dentro de mim, não tenho nada, não tenho nada dentro de mim, sinto-me bem. **Só não quero é vê-lo à minha frente. Porque mexe comigo. Quando o vejo fico nervosa, porque sei que o que ele fez...** eu: pois ainda tem receio dele... desconhecer a reação... mas nunca sei o que vai sair dali.... Então é isso que me mexe comigo. Agora conversa, não quero, nem falar com ele, nada.... Ele ainda pos a filha no meio disto, para intermediária...

Eu: acha que ele ainda queria reconciliar-se?

P: ele convidou os filhos para almoçar e o neto... com uma carta... o meu filho disse que não, que a decisão que era minha e a minha filha disse “depois do que fizeste, já não há volta a dar”.

Eu: então eles estão por si, digamos...

P: estão! Eles sempre me disseram “mãe... faz o que achares certo”... e então quer dizer, dentro de mim... não tenho esse problema. Não sinto remorsos, não sinto nada disso, apenas queria que isto terminasse.

Eu: já sabe que tudo o que tem a ver com tribunais, burocracias demora o seu tempo, mas a seguir a isso tudo fica resolvido.

P: sim sim...

Eu: e vai poder por uma pedra sobre o assunto.

P: deus queira que sim.

Eu: bem D^a P, obrigada por me ter dado esta entrevista. Vai-me valer de muito agora para a minha tese...

P: o que precisar, mais qualquer coisa...

Eu: eu queria dizer-lhe também, já tinha começado há bocado se sentir falta de falar com alguém a nível profissional, não com uma amiga, nem com um filho, de uma forma diferente, alguém que a possa ajudar de outra forma, pode ir por exemplo ao Centro de Saúde, pois eles têm psicologia lá, e fale com um psicólogo, pois acho que se ia sentir melhor ainda.

P: quer dizer, olhe... essa minha amiga de Aveiro sabe a historia toda, não tenho falta de falar... e com a de cá também... e se a gente tiver que falar e abrir-se eu falo...

Eu: e sente-se bem?

P: sim sim... sinto-me bem.

Eu: olhe D. P., tenho a certeza que ainda se vai sentir melhor do que esta agora e que vai conseguir resolver tudo a bem... vai ver que isso vai acontecer.

P: muito obrigada pela atenção, pela ajuda que me deu. Eu, quando eu telefonei, para lá (APAV), também me deram apoio...

Eu: e isso também foi importante.

P: foi, foi. Naquela altura era muito difícil, porque estava ca ainda, estava naquele período em que ele não tinha saído ainda, posto fora e eu, houve alturas, depois de falar consigo, também falei com a outra senhora...

Eu: e também foi bom porque orientámos no sentido dos passos corretos... como havia de se movimentar...

P: exatamente. Ate foi a minha vizinha de cima que me disse para telefonar e assim o fiz em boa hora, e foi o meu filho com a minha nora que procuraram o número e tudo... por isso agradeço-lhe imenso a atenção que me deu...

Eu: eu também lhe agradeço...

P: obrigada por tudo.

Eu: obrigada eu.

Eu: D^a M, desde já lhe agradeço a sua disponibilidade para a minha entrevista sobre violência domestica para a minha Tese de Mestrado sobre este tema... e podemos começar por falar sobre a sua relação com o seu ex-marido. Não sei se ele já.. é seu ex-marido...

M: ex-marido, ex-marido....

Eu: ainda não é?

M: já... já estou a tratar dos papeis do divorcio...

Eu: como é que prefere que eu o trate?

M: **ahhhh.... Quer dizer, ele inicialmente não se queria divorciar... mas depois foi ele que quis tomar a iniciativa. Eu ate lhe disse: “mas para que tanta pressa?”** porque não me dava jeito na altura, não me apetecia gastar agora os 150 euros, ao todo eram 300 euros... também estou a reconstituir a minha vida..

Eu: tem muitas despesas?

M: a minha casa tem muitas despesas.... No entanto deu-lhe a pressa...

Eu: como é q a Sr^a prefere que eu o trate? Por marido ou ex-marido?

M: ahh.. pode tratar por ex-marido.... Na pratica é isso... é ex-marido.... Agora estou-lhe a falar com esta serenidade toda, mas foi difícil... chorava a toda a hora.

Eu: com que idade é que se conheceram?

M: olhe, eu conheci-o com.... Com 19 anos. Portanto ele vinha de Braga, estudar aqui para o Instituto Superior de Gestão e Economia e ele estava la também. Eu conheci-o através de uma amiga... 19-20, 19-20... eu sempre fui uma pessoa também bastante carente, é natural... tinha 14 irmãos, não é.... Mas sempre fui muito lutadora... fui a melhor aluna la da.... dos meus irmãos... fui a primeira a licenciar-me, e sempre fui muito independente. E vim pra ca para casa de umas minhas irmãs.. também tomavam conta de nós...

Eu: com 19 também?

M: sim, com 19 anos quando vim pra ca para Lisboa. E as minha irmãs também vieram cedo... têm mais 7 anos que eu.... Já tem filhos e tudo... e vim tirar o curso. Sou a 9^a já depois delas... elas tem mais 10 anos que eu. E vim para a casa delas e vim tirar o curso de economia. Pronto... e encontrei o meu marido. Conhecemo-nos e demo-nos bem... ele é

uma pessoa muito... muito arguta, muitooooo curiosa.... Tem muito boas, boas qualidades.

Eu: hum hum...

M: tem boas qualidades, é uma pessoa inteligente, bastante inteligente mesmo. E eu... conheci os amigos dele. Ele era muito giro, puxava muito por mim... eu sempre gostei muito....

Eu: também tinham interesses em comum... o mesmo curso, os mesmos gostos pessoais, talvez...

M: sim, o mesmo curso... e então, casámo-nos. Passado... acabamos o curso em 87. E eu fui dar aulas para a Universidade do Minho e então... e na altura arranjei-lhe... porque eu conhecia pessoas lá na minha cidade em Braga. Não para a Universidade do Minho, mas para outra coisa. Então távamos ali, e ele ao princípio já se queixava. Eu já tinha reparado que às vezes ele tinha dificuldade em levantar-se... as vezes eu ia e vinha sozinha para a escola e ele ficava em casa....

Eu: hum hum...

M: ahhhhh....

Eu: portanto já notava que havia ali qualquer coisa que...

M: que não tava bem. Depois casei-me e tudo bem ate ficar grávida. Porque eu disse: “eu quero ter um filho”.

Eu: e ele?

M: ele... pronto... ao princípio disse que não queria... que não queria filhos... mas quando fiquei grávida, lá se decidiu. Mas quando eu fiquei grávida, foi extremamente violento comigo, por palavras, certos termos que ele dizia. Ele não me batia. Era só por palavras.

Eu: pois, verbalmente. Ofendia-a, insultava-a?

M: ofendia, insultava... ofendia-me terrivelmente. Mas... e a mãe é uma pessoa muito presente, sempre muito presente. Ligava-lhe todos os dias, telefona-lhe todos os dias. É uma mãe sufocante. E com a agravante que ela tem uma irmã... ele tem um irmã, mas quer dizer, ela nunca arranjou estruturas para a mãe, e ela veio sempre para a minha casa.

Eu as vezes estava.... Ficava cansada... ela não vinha muitas vezes, vinha aos fins de semanas e eu achava que devíamos dividir... ele impôs sempre isso.

Eu: e a senhora achava isso um bocadinho invasivo.

M: era... invasivo. Mas eu como tinha uma família muito grande... e prontos... sentia ali um certo aconchego... numa família mais pequena...

Eu: pois...

M: uma certa atenção que não tinha.... Não estava habituada não é... era ao contrario... eu é que tinha que dar atenção aos meus pais e sentia-me de certo modo bem. Passava os natais com eles, não sei que... também em minha casa havia sempre muita gente... muitos candidatos... agora já há menos, não é... e eu acabava por ficar com eles. E então ele achou aquilo como adquirido. Ele nunca deixava a mãe dele no natal. Porque a mãe era viúva.

Eu: ele tem quantos irmãos?

M: so tem uma irmã. Ela nunca se dispôs a receber a mãe. Logisticamente, quer dizer, nunca a recebeu.

Eu: hum hum...

M: nunca a recebeu na vida. Eramos sempre nós.

Eu: portanto, ela ia sempre para o mesmo sitio.

M: sempre no mesmo sentido.... Embora se de muito bem com a filha... e não sei que... e com as netas... e com o meu filho... mas é uma mãe... ela não se apercebe do mal que fez à nossa relação também.

Eu: e ele recebe-a sempre de braços abertos.

M: recebe-a de braços abertos e gritam muito, estão sempre a gritar... a minha casa parece sempre... com aquela gente toda parece um filme italiano... neorealismo....

Eu: risos

M: gritam muito, não há sossego... é uma coisa horrível... agora estou no céu. Depois eu sou uma pessoa que sempre me organizei. Habituei-me a cuidar da minha casa desde miúda. Eramos muitos, apesar de termos empregada e não sei que. Fazia as ceias de família sempre na minha casa, fazia tudo na minha casa. Ia tudo la pra casa. A minha cunhada nunca tinha meios para fazer la na casa dela... ahhh, aquelas coisas pronto.

Eu: ia sempre tudo para o mesmo sitio...

M: sempre no mesmo sentido, sempre tudo para ali. Portanto... e então... sempre com a agressividade, a toda a hora. Eu dizia uma coisa... e para o fim... tive o meu filho e foi uma luta... porque a minha atenção se tinha desviado.... Foi muito mau mesmo. Embora ele goste muito do meu filho, naturalmente, não é... e foi muito mau... e continuou por aí... e eu chorava muitas vezes... ao principio não identificava muito... não pensava que era minha função partir para o deixar não era... pois... chorava imenso...

Eu: gostava dele, claro...

M: claro. Gostava dele..

Eu: custava-lhe só o fato de pensar no assunto...

M: e depois muito possessivo... depois começou-se a tornar cada vez mais possessivo...

Eu: ciumento?

M: porque eu... ele sabia que eu era uma pessoa atraente e tinha a mania....

Eu: se calhar sociável e cativante com as pessoas... e ele levava sempre para outro lado.

M: tinha a mania que eles me galavam, pronto. Ahhh, ele tava-me sempre a enganar! Ate porque quando eu era nova, ate com estas características, devido à falta de atenção da família... eu tive muitos namorados, eram as pessoas que me podiam dar.... E ele sabia, e sempre me criticou por causa disso. E nos últimos tempos, ele tinha te ciúmes de pessoas... dos meus amigos! Que eu nunca iria na vida... que pudesse ocorrer uma cena assim. Qualquer coisa com eles... começou a piorar nesse sentido assim. Cada vez mais violento, até que na noite de natal... antes da minha mãe morrer, que o meu pai tem 93 anos e a minha mãe morreu com 84, eu um natal antes, a minha mãe estava muito mal, e eu disse “epá este ano eu tenho que ir ter com a minha mãe, passar la o natal, aconteça o que acontecer...” ele disse “tu sabes muito bem que a minha mãe é viúva!” “não me interessa que a minha mãe esta muito doente e eu quero passar este natal com ela!”. Não interessa, tu ficas cá e eu vou, o M. vai com quem quiser, ele já é adulto!”. Fez-me uma fita tão grande, mas depois la foi passar o natal comigo, não a conseguia largar.

Eu: pois, pois...

M: mas sempre muito... ele é que manda, sempre muito autoritário... e eu algum dia saí a primeira vez... quando o meu filho quando fez 18 anos, eu tinha feito um juramento a

mim mesma. Que não abandonava o meu filho, só se o levasse comigo... ele era de tal maneira... que eu saí as duas vezes de casa sem ele saber. Quer dizer, porque para tudo...

Eu: quando ele não tivesse lá.

M: quando ele não tivesse lá! Da segunda vez já não levei tudo, mas da primeira vez, eu carreguei com tudo o que era meu para aqui aos bocadinhos e só no fim é que levei a parte visível.

Eu: depois voltou outra vez? Ou foi ele que a veio buscar?

M: não... ele andou de volta de mim... aquilo... convivíamos com os amigos... eu ia com ele...

Eu: depois mostrava-se arrependido...

M: pois... depois eu lá fui... mas ele deu-me cabo da cabeça! Quando voltei perguntava se eu tinha tido outros... porque ele tinha de ter a certeza... e mais não sei que... e eu voltei... mais 4 anos... praticamente.

Eu: acha que ele era assim mais devido a que? Aos ciúmes?

M: não, ele não é tanto pelos ciúmes... ahhh... é muito possessivo, isso é verdade, mas é uma pessoa com problemas, digamos, ao nível do seu comportamento.

Eu: emocional?

M: emocional. E depois foi muito... na infância...

Eu: difícil?

M: é... ele é muito inteligente também. Ele tinha que ser o melhor, como pai... tanto que eu pus um travão em relação ao meu filho. Que ele estava sempre... “em relação ao M. não faz isso!” se ele não tiver agora boas notas, ele vai fazer!” ele agora esta a acabar o mestrado também...

Eu: sempre a exigir do filho também, não é?

M: tive que agir em defesa do meu filho. E a coisa... ele deixou de fazer as fitas que fazia.

Eu: mas ele também discutia com o filho?

M: também queria que ele fosse o supra-sumo da peúga em tudo... e eu disse-lhe: “não, deixa-o estar! Ele tem o ritmo dele, tem a forma de estar dele!” e eu tive que me impor. E eles discutem muito. Eles são muito parecidos. O meu filho é muito parecido comigo, digamos do ponto de vista da estrutura mental, mas do afirmativo e não sei que, tem coisas

dele. Mas aprendeu com ele! O que é que a gente faz? A gente aprende com os nossos próximos não é?

Eu: exato.

M: mas eu senti-me muito mal nessa altura quando saí de casa porque o meu filho... os miúdos são terríveis... e ele passou ali uma adolescência muito complicada. A imitar o pai, tudo para cima de mim! E eu fiquei doente, completamente.

Eu: quer dizer, já eram dois...

M: já eram dois contra mim.

Eu: pois...

M: também me comecei a dar muito mal com a minha sogra. Ate comecei mais cedo. Quando ela começou a querer interferir quando o miúdo nasceu. É daquelas pessoas muito intervenientes, que não conseguem ter o papel delas!

Eu: não fica no lugar dela, quer sempre...

M: não não, isso eu na vida nunca faria a ninguém. Tanto que eu comecei-me a chatear com ela. “o menino é isto, da isto ou aquilo ao menino, o menino esta tão magrinho...” e depois super-ansiosas, todas, todas. Na família dela é tudo assim. As circunstancias da vida deram aquilo. E portanto, foi uma vida muito... muito frustrante. E eu como tenho muitos irmãos...

Eu: como é que era a vossa vida em pequena, la em casa? Era muita gente?

M: era muita gente, mas para mim não era nada frustrante. Eu ate resolvi muito bem...

Eu: era divertido o ambiente?

M: era, era divertido, mas é claro, tínhamos falta de coisas. Tivemos que lutar pela vida. Os meus pais eram de uma classe média de Braga. As irmãs dela, da minha mãe, que também eram novas, casaram bem... tiveram maridos médicos e coiso e tinham dois filhos, três no máximo e a minha mãe, não quer dizer que tenha casado mal, o meu pai também não era uma pessoa que se cheirasse... não era o problema de não ser licenciado ou não sei que... o problema é que tinha muitos filhos! O problema de ter um curso...

Eu: nesse aspeto eles davam-se bem... os seus pais...

M: pois... não podia prover àquilo tudo! Eu lembro-me que eu tinha que ir pedir emprestado os livros... eu entrava na escola e ninguém cuidava de mim!

Eu: ai era?

M: por acaso a minha mãe até era muito preocupada... a minha mãe era assistente social... era muito preocupada e tentava dar-nos o máximo, mas não conseguia tudo!

Eu: pois... eram tantos...

M: ela passava horas a atar os sapatos... a gente andava sempre arranjadinhos... desgraçada... a minha mãe foi uma mártir! O pai com um feitio desgraçado também... que eu muitas vezes vi... o meu marido era muito parecido com as coisas...

Eu: o seu pai também era agressivo com a sua mãe?

M: era. Também tinha tido um passado agressivo... e eu pensei: “então como é que eu fui arranjar uma situação igual?” possa...

Eu: por isso é que começou a safar-se logo desde pequena...

M: pois... logo logo...

Eu: no meio de tanta gente...

M: as minha irmãs mais velhas foram enfermeiras, mas a primeira a licenciar-se mesmo fui eu, porque depois comecei a ser muito boa aluna... eu nem sei como é que é... foi magia!

Eu: mas isso sabia-lhe bem, não sabia? Dava-lhe satisfação.

M: mas eu também tinha uma grande vantagem. Alguns dos meus irmãos, o meu pai também sabia... que é uma pessoa muito culta, ele lia muito, mesmo muito. Lia tudo o que tinha lá em casa. Tinha livros. O meu era uma pessoa que sempre se preocupou com isso. De famílias boas... mas foi a gata borralheira da família. E portanto, eu safei-me muito bem. E o meu irmão é que começou a ver: “ah, mas a M. tem notas bestiais!”. E pronto. E tornei-me muito independente e não sinto nenhum ressentimento. Eles têm muito ressentimento. As vezes em reuniões de família os meus irmãos choram, mas eu não. Eu não tenho ressentimento nenhum nem em relação ao meu pai nem à minha mãe, nem nada. A minha mãe já morreu, e a minha mãe coitada...

Eu: conseguiu gerir melhor...

M: a minha mãe era uma mártir, foi espetacular.

Eu: mas o que é que eles dizem, por exemplo quando ficam mais ressentidos?

M: os meus irmãos?

Eu: sim.

M: estão sempre a dizer que o meu pai não... nunca foi um bom pai... alguns. Outros não. Outros acham que o meu pai é o máximo e depois é uma pessoa muito... com 93 anos está muito dentro da cultura da cidade, esta no facebook...

Eu: é uma pessoa muito ativa.

M: muito ativa.

Eu: gosta de intervir.

M: é. Gosta de intervir na cidade, na cultura da cidade, em tudo. E toda a gente tem muito orgulho no meu pai. Mas no fundo era uma pessoa que não estava na terra para cuidar dos filhos, estava noutra meio.

Eu: mais na vida dele, nas coisas dele, nas coisas que ele gosta, nas atividades dele...

M: pois. Agora... eu... é claro... desta segunda vez que saí, disse assim: “não vou consultar mais nenhuma psicóloga, não vou nada, porque da última vez o que me disseram a mim foi. “tem que ser a M. a ir para a frente!” e eu, da outra vez, também um bocado ajudada pela psicóloga, fui...

Eu: em que altura?

M: talvez há quatro anos atras...

Eu: na altura que voltou ou na altura em que saíu?

M: não... eu na altura em que saí da casa, andava a consultar uma psicóloga porque andava muito mal... inclusive porque o meu filho também teve aquela situação da adolescência... agressividade, a imitar o pai... e eu comecei a consultar uma psicóloga. E pronto. E fui muito ajudada por ela... e dizia-me sempre que eu tinha que tomar a decisão e eu tomei, mas em boa verdade, eu não devo ter tomado a decisão de uma forma...

Eu: como?

M: muito convictamente... foi mais, porque.... Passado uns tempos eu estava novamente a ir para casa não é... ahh, foram seis meses.

Eu: que esteve fora de casa?

M: sim. Tive de Março ou abril... olhe, por esta altura já tinha voltado outra vez.

Eu: quer dizer, estava com aquela força toda, mas depois....

M: pois... amainou.

Eu: mas ele andava atras de si, a telefonar-lhe, ou ia ter consigo...

M: telefonava...

Eu: a dizer: “mudei”...

M: pois, com aquela conversa... que a gente podia ate encontrar-se mas não esta junto.. alias como tem sempre... mas não vale... não dá. E entretanto eu... desta vez também estive muito em baixo. Em Maio saí, sem a ajuda de ninguém, **mas depois comecei a sentir-me muito em baixo e fui ao meu psiquiatra que me deu Cipralex. Alias, ate houve alturas quando me sentia mais em baixo, que tomava Cipralex auto-medicada, o que não é muito boa ideia, mas pronto.** Tanto que o meu ginecologista me dizia: “mas você já não estava a tomar Cipralex e agora esta outra vez?” mas o que é que se passa?”

Eu: quer dizer, quando se começa a sentir um bocadinho mais em baixo, Cipralex.

M: e eu disse: “ai agora não posso, tenho aí um problema pessoal para resolver... depois comecei a falar-lhe da situação, assim no geral, não lhe dei muitas explicações... e ele: “deixa já esse homem! Isso não vale nada! Você daqui para cima tem que estar bem! O resto não interessa! Por acaso acho-lhe piada... custou-me muito, por acaso desta vez, porque eu tive que lhe dizer: “eu não gosto de ti! Eu não quero continuar contigo porque eu não gosto de ti!”.

Eu: e ele não aceita, não é?

M: não aceita. E então passados uns tempos... mas é assim... ele não é só por gostar de mim... eu acho que isto não é bem ele gostar de mim... sou uma muleta, para resolver os problemas todos em casa, percebe? Ele não tem, pela sua própria situação, emocional... ele perde muito tempo a auto-regular-se. Ele não consegue fazer nada. Em minha casa era eu que fazia tudo.

Eu: ele já sabia que tinha...

M: pois... e depois dava por garantido aquilo tudo. Entretanto, quando percebeu mesmo que eu não ia voltar, percebeu mesmo, mesmo, mesmo, arranjou logo uma rapariga.

Eu: ah foi, isso foi quando?

M: logo passado um mês... eu comecei em abril, antes da pascoa, foi a 17 de abril, nem um mês.

Eu: será que já a conhecia antes?

M: não, não... era nossa amiga comum, mais dele. Era uma rapariga que estava já divorciada há alguns anos... ele começou a falar com ela e não sei que e tal... começou a andar com ela. E eu conhecia-a. Opa e eu fiquei muito em baixo. Embora eu não o quisesse, percebe... é uma dor muito grande. A gente pensar que diz “tu és a maior e não sei que” e a gente diz-lhe que não... e depois é que quando ele me veio comunicar. Ah veio com grande pompa e circunstancia comunicar-me... e aos outros. Ele não anda com uma rapariga só para ir para acama com ela... ele realmente sentiu que tinha aparecido uma nova luz no horizonte e que ela era espetacular... veio-me dizer essas coisas todas. E eu só me ria... e fui para casa da minha irmã contar.

Eu: foi assim que ele disse, que ela era uma luz?

M: uma luz! Era quase uma alma gémea... quer dizer, ele tinha saído da minha relação há 3 semanas e de repente... apaixonou-se. Oh, devia ter vontade com certeza de fazer outras coisas... uma coisa... eu nunca pensei que me ia apaixonar e não sei que...

Eu: e você, como é que ficou?

M: eu? Eu logo, logo, não liguei. Depois... (silencio) comecei... fui passar a pascoa para Braga com a minha família e aquilo começou com uma angustia ao fim do dia.... Depois fui a uma psiquiatra, fui-lhe dizer. E ela deu-me medicação... e tal, mas agora vou começar a deixar... vou la dia 17 de outubro e vou começar a deixar. E pronto. Mas... entretanto, ele voltou... a andar com ela, mas zangaram-se. Voltou a insistir comigo.

Eu: ah foi?

M: foi. Zangaram-se logo... porque ela... bem não devia ser parecida comigo....

Eu: bem, parece que ele não consegue é estar sozinho... quando se zanga com uma, vai a correr ter com a outra...

M: ah, não tenha dúvida! Também já cheguei a essa conclusão. Ele não gosta de mim, ele quer é ter uma pessoa que esteja ao pé dele. Para ir aqui e acolá.

Eu: pois, ele habituou-se a isso anos e anos a fio, já viu?

M: pois, porque ele do tipo, eu chegava a casa estourada do emprego, cozinhava, fazia tudo, porque ele não cozinhava, tava à minha espera... e depois ainda “vamos embora, vamos ao centro comercial!”, todas as noites ainda tinha que ir sair com ele... todas as noites.

M: tinha que estar ali fresca...

M: que nem uma alface! Eu tive uma situação de doença, que agora não vou dizer qual é, e tive que tomar medicação durante uns tempos, e ficava muito em baixo, porque reduzia muito os níveis de glóbulos vermelhos... já não sei... ficava...

Eu: anemia?

M: tipo anemia.

Eu: isso cansa muito. A pessoa sente-se muito cansada.

M: e ele exigia de mim. Que era o que a minha mãe sempre fez com o meu pai... (silencio)

Eu: pois...

M: o meu pai sentava-se na mesa “eu queria um copo de agua, mas eu só queria o copo de agua!”. Não se levantava para ir à cozinha.

Eu: e isso as vezes fazia-a lembrar... não era?

M: é... e depois não é só isso... por causa dessas situações todas, que há inúmeras... de violência... a ultima foi... agora neste natal... as coisas estavam mal... a minha sogra lá metida doente, a minha cunhada só a mandar bitates e a não resolver os problemas... e a minha sogra teve um desarranjo intestinal... foi por ali fora... e ele foi buscar detergentes para limpar o que tinha para limpar... eu tava a dormir... 1 da manha... tava deitada, claro que com o barulho acordei. A perguntar-me pelos detergentes. “os detergentes estão no sitio do costume”. E não sei que não que mais, eu nem sequer tinha percebido que tinha havido aquela... ahhh.. **como eu não lhe dei resposta, foi encher um balde de água ou uma bacia... era um alguidar, era uma coisa, um recipiente. (silencio) ficou tão transtornado, que me veio atirar a agua para cima. Assim!....**

Eu: a senhora estava deitada nessa altura?

M: tava deitada e ele... tava deitada e ele, como não corri à conversa dele, logo imediatamente, vai la tratar tu disso, que era uma coisa que eu faria normalmente com a minha mãe, não o iria chatear a ele.... Mas.... Eu tinha que lhe tratar de tudo, no dia

seguinte fui pedir a uma vizinha minha que era medica para lhe arranjar medicação, que ela não conseguia fazer nada.

Eu: então as pessoas estavam la na sua casa quando isso aconteceu. Elas deram por isso?

M: não, não, porque isto foi na noite anterior à véspera de natal. Estava em minha casa, eu, o meu marido, o meu filho, a minha sogra e eu. Ah, para a minha sogra isso era tudo natural...

Eu: ah, ela soube.

M: soube! Não se deve ter apercebido logo naquele instante, mas depois veio a saber isso. Aquilo para ela era normal. Ela dizia-me que com o marido dela que ela se calava muito caladinha, não abria a boca. E eu dizia: “pois é D^a V. mas eu abro a boca e digo o que tenho que dizer!” um filho é para toda a vida e um marido não para toda a vida... mas foi muito difícil...

Eu: então nessa situação depois, que é que a ajudou? Foi o seu filho?

M: bem, quer dizer, agora nesta segunda fase, praticamente fui eu sozinha. A minha irmã deu-me apoio logístico, os meus irmãos sempre me apoiaram... a minha família sempre foi impecável comigo, o meu irmão sempre disse “eu não percebo porque é que continuas a viver com esse gajo!”

Eu: e porquê? Porque é que continuava?

M: eu não sei... porque é que continuava... durante muito tempo foi por causa do meu filho, porque eu sempre tive um carinho muito especial, sempre quis, proteger muito as crianças, porque eu própria sempre fui uma criança que precisou de muita proteção.... Já as minhas irmãs também são todas assim com os filhos... muito protetoras. E eu não queria magoar o meu filho. Esperei o máximo possível. Depois não conseguia.... São muitos anos! Para dar a volta... mas sabe, depois há uma coisa que é impressionante... eu apesar de ser financeiramente independente, o meu marido ganhava muito mais... e ele comprava-me, de certa forma. Eu não queria, eu não queria, mas ele comprava-me. Íamos aos melhores restaurantes, íamos... eu não ligava nenhuma... eu não uma grande consumidora, não andava sempre a comprar roupa, ele comprava-me as coisas. Colares espetaculares... tudo, percebe? Eu, há um romance que eu li, que é “A escolha de Sofia”, do William Star, há muitos anos, estava na faculdade ainda, em 1980, que ate deu o filme “Sofia”, em que ela também tá metida com um gajo que é psicopata, ou... em que ele

simultaneamente lhe dava tudo, era uma alegria, e depois de repente... pronto. E o meu marido é um bocado assim. Nós chegávamos a acabar de almoçar, felicidade e não sei que... e não sei se o efeito do vinho lhe fazia aquilo, era uma brutalidade nem sei contar como...

Eu: ele transforma-se assim de repente. Qualquer coisa que não esteja ao gosto dele...

M: transforma-se! E eu chorava que nem uma louca...

Eu: pensava: “estávamos aqui tão bem e agora...”

M: era a loucura. Era sair do carro e deixar-me numa rua qualquer...

Eu: acha que ele tem alguma patologia? Algum problema?

M: eu acho que tem! Se ele não consegue resolver aquilo, ninguém consegue. Ninguém lhe consegue resolver aquilo. As pessoas a quem foi... a muito bons psicólogos e muito bons médicos psiquiatras... ninguém consegue.

Eu: acha que ele tem vontade de resolver?

M: eu acho que ele não tem vontade nenhuma. Assim como não tem de fumar. Ele é um fumador compulsivo. Fuma mais de 2 maços de tabaco por dia, ou mais...

Eu: pois...

M: com uma mãe completamente senil.... Agora com 80 e tal anos...

Eu: ela esta ao pe dele agora, a mãe dele?

M: agora foi tratar dos miúdos, por acaso foi um azar... a mãe dele tem um comercio fora de Lisboa, que ela levou para a frente, quando o marido dela se suicidou e que achou que, no fundo.... Ahhhh, foi ela que levou para afrente com problemas que tinha, por isso é que... o marido se suicidou, não é...

Eu: dividas e coisas assim? Era?

M: era. Era. Há muitos anos. Há 40... 50 anos atras. Sustentou a família, ela, uma simples modista...e nunca, nunca conseguiu assumir que o comercio acabara a partir de uma certa altura.... Uma teimosia, uma personalidade forte, eu acho no sentido de toda a gente dizer “temos que vender, temos que vender isto” e ela...

Eu: mas porque é que acha que ela fazia isso, por ser o negocio do marido dela? Queria manter aquilo vivo...

M: sei la... aquelas pancadas nas pessoas, não conseguem ver a realidade à frente...

Eu: ele suicidou-se por causa de quê, sabe?

M: foi por causa disso. Ele comprou uma loja, na altura havia sempre... ele comprou uma loja para montar, com dividas já. Comprou a loja e as dividas. E ele deve ter-se passado e coiso. Já tinha muitos problemas desses. A minha sogra conta... já me contou, a minha sogra contava-me que ele se metia no quarto todo às escuras... ate jornais tinha de por nas portas para não ver luz. E o meu marido esta montes, montes de dias sem ir trabalhar. E a minha preocupação foi sempre... porque para alem de tratarem de mim, eu tratava dos meus irmãos mais novos. Eu tinha uma grande responsabilidade pelos meus irmãos mais novos. Eu tinha imensa responsabilidade pelo meu marido.

Eu: voltou a fazer a mesma coisa já viu, em nova e agora outra vez.

M: exato. E ele dizia-me que eu muitas vezes dizia: “tu só tas aqui por causa do meu dinheirinho!”

eu: dava-lhe as coisas e depois mandava-as à cara...

M: exato. E eu não queria nada. “não, é por ti! Eu não quero o teu dinheiro para nada!” recusava-lhe coisas. Eu entrava em lojas e dizia: “eu não visto aquilo, eu não quero aquilo!” depois ele gosta de se mostrar à frente das outras pessoas...

Eu: para mostrar que esta tudo bem?

M: e não é só pelas aparências... ele gosta de ser uma pessoa superior...

Eu: mostrar o status...

M: ele ia às lojas, ele ia às lojas... e as empregadas... ele a querer comprar coisas para mim... e elas “ai, muitas poucas mulheres têm assim um marido”...

Eu: pois...

M: e ele não dizia dessa maneira mas dava a entender.

Eu: hum hum

M: e eu detestava. Não quer dizer que eu não gostasse das coisas. Agora, em relação à casa, ele também é muito bom a..... muito bom a... gosta de arquitetura... ele foi comprar aquela ali no Parque das Nações, foi comprar em bruto, eu não me importo nada, lá por ser no Parque das Nações... eu ia para um lugar qualquer...

Eu: mas para ele tinha que ser no Parque das Nações, não era?

M: pronto. Tanto que ele quis a casa em bruto, só tinha as paredes... ele com o arquiteto, montou o esquema todo na casa. A casa é dele. Ele sente um apego àquela casa enorme... e depois, eu nunca podia... na parte da decoração foi ele que fez tudo, porque eu... não valia a pena estar a dizer “é sito, é aquilo”, porque ele era sempre outra coisa. Tanto que eu na minha casa nem o deixei la entrar. Ao principio ainda foi la comigo, ainda deu umas opiniões e não sei quê, montou-me... fez-me o esquema todo da casa e tudo o que é que eu havia de pôr a havia de não pôr. Ainda lhe pedi no outro dia, que eu vou-me dando com ele... “não queres ir ver uns cortinados comigo e tal?” mas depois ele não pode vir,... resolvi o problema. Por isso é que ele sabe. Ele sabe que eu sou uma pessoa que não me fico, eu sou uma pessoa que faço...

Eu: só que ele ainda vai tentando entrar na sua vida.... Dando a opinião dele, ir as compras consigo... no fundo estar sempre presente...

M: é, é, é... estar sempre presente. E o curioso é que ele me influenciou tanto que eu agora dou por mim a pensar, quando coloquei os cortinados, se ele gostaria daquilo... é uma coisa horrível, não é?

Eu: foram muitos anos.

M: muitos anos, muitos anos.

Eu: o esquema mental já estava feito dessa maneira...

M: muitos anos... mas o meu filho tem-me ajudado... vai la dormir... tenta entusiasmar-me...

Eu: acha que a parte emocional dele ficou afetada com a dinâmica familiar que ele tinha? Quando era mais pequeno?

M: eu acho que a maneira de ser dele é fundamentalmente da....

Eu: do resultado?

M: e não só. Eu acho que ele a nível psíquico ele deve ter algumas problemas... ahhh... de genes... que o pai dele...

Eu: também era assim?

M: também era assim....

Eu: e ele também fica assim com vontade de fazer nada... de ficar sozinho...

M: eu ouvi contar certas coisas... que o pai dele mandava com os pratos, e o meu marido muitas vezes atirou a comida para chão...

Eu: o pai dele também atirava as coisas?

M: atirava a comida para o chão... entrava em casa... a comida é do micro-ondas. “não como comida do micro-ondas!” fiz bifés de peru porque o M. gosta. Como ele não gosta, “não tens respeito nenhum por mim!”. **Ia-se embora.... Depois voltava. Depois voltava a maior parte da vezes. Quantas e quantas vezes não saí de minha casa, andava sozinha pelas ruas a chorar... quantas e quantas vezes... isto foi uma vida muito sofrida (voz muito tremula), muito, muito, muito.** O que vale é que apesar de tudo sou uma pessoa muito forte, tinha o meu emprego... e sempre lutei pelo meu emprego. Porque na área em que eu trabalho, se me tivesse portado mal, já tava no olho da rua...

Eu: o seu escape no fundo, é o seu emprego, já viu? A sua parte profissional é a sua parte forte, extremamente forte, mesmo.

M: (silêncio) eu por outro lado, podia ter tido uma posição melhor no meu emprego, se não fosse muitas vezes esta parte afetiva que estava muitas vezes condicionada. Que eu às vezes, disparatava...

Eu: é que nós somos um todo, nós não temos só uma parte...

M: e apesar das pessoas considerarem que eu ate era muito boa profissional e não sei que... do ponto de vista de eu poder subir na carreira, por causa desta parte, mas eu agora estou muito melhor... as pessoas tinham reservas... e naturalmente tinham... mas eu não conseguia, eu disparatava às vezes...

Eu: uma parte afetava a outra, não era?

M: era. Infelizmente isto não ajudou nada. A minha infância juntamente com o meu casamento... eu gostaria de ser uma pessoa, eu podia estar a um nível... podia se calhar ter um nível económico e financeiro tão bom como ele se não fossem estas circunstâncias...

Eu: pois...

M: nem era chefiar nem nada, que eu não tenho essa visão, mas uma carreira diferente.

Eu: melhor.

M: não tive por isso. Também sou muito exigente com o meu trabalho, e não tive por isso... mas não pense que isso para mim é uma grande... pra mim eu já ter saído disto já é... é claro que ele quando arranja outra pessoa eu sinto-me muito em baixo.

Eu: como é que ele esta agora com essa moça?

M: aquilo tem altos e baixos. Quando fala comigo esta sempre a queixar-se da mãe, que a mãe esta... embora passe muito tempo fora, tem que vir, porque esta completamente xoné. Tem 84 anos mas a mulher não tem nada a ver com o meu pai, com 94 anos, esta ali...

Eu: ela deve ser muito dependente dela, não é?

M: é, é, é... e então passa aqui meses... já perde telemóveis... já esta com aquele problema...

Eu: alzheimer?

M: não sei se é alzheimer... achar que a roubam... ta completamente senil... e ele também não encara bem o fato da senhora estar a envelhecer. Só quer levar a mãe... só quer não sei quê...

Eu: não esta a aceitar...

M: pois. Eu por acaso disse-lhe: “aos 80 anos vais ver o descabro que vai ser”, que eu vi pela minha mãe. O meu pai não, agora ela teve um acidente numa perna... a partir dali, foi um descabro.

Eu: o tipo de relação do seu ex-marido com a mãe parece um bocado invertida. Parece que ele é que tem o papel de pai dela...

M: não sei.... Não é bem pai dela, é marido. Não é pai, é marido.

Eu: que idade é que ele tinha quando o pai dele fez aquilo?

M: **tinha 10 anos... mas ele é que se responsabilizou, porque estava sempre a dizer: “eu é que tenho que carregar com tudo...”**

Eu: pois. Ele sente-se responsável pela mãe.

M: ele sente-se responsável pela mãe. Sempre foi muito mais ligado à mãe que a irmã. Queixa-se muito que a mãe passou muito tempo a trabalhar e não tomou conta dela, quando a mãe não tinha outra opção na vida. Então como é que ia dar sustento aos filhos? Ela também tirou um curso de psicologia, mas não tem compreensão nenhuma.

Eu: ai é?

M: também tem problemas psíquicos, psicológicos...

Eu: e você como é que se vê a si mesma? Ao longo do percurso da relação toda? Como é que foi e como é que sente agora, há diferenças?

M: (silencio)

Eu: como é que geria?

M: mal. Chorava, pedia ajuda a toda a gente que estava ao pé de mim, depois chateava toda a gente, as pessoas depois não percebiam...

Eu: cansavam-se, se calhar...

M: só a minha família que assistia a muitas coisas, os outros não percebiam... também tenho uma miúda que é psiquiatra, chorava ao telefone... e ela sempre me disse “tu ou deixa-lo, ou... “ essa percebia. Saía de casa as vezes para a casa da minha irmã, mas depois voltava, por causa do meu filho... sei la... tanto que eu... deixei sempre o meu filho, e desta ultima vez disse: “M., se queres, desta vez vens comigo, que eu arranjo maneira de te ter comigo”.

Eu: e ele?

M: mãe, mas tu és muito mais forte que o pai e o pai precisa muito mais de mim, mãe. “eu gosto muito de ti, mas o pai precisa muito mais e mim”. Ele já sabe, já tem 23 anos. E é espetacular comigo.

Eu: de vez em quando vem para ao pé de si, esta um bocadinho consigo...

M: sim, sim, então para não haver chatices, combinamos, terças, quintas e sextas, ele vem jantar comigo, e depois no fim de semana, ainda foi no domingo... para não haver esta chatice do pai. Ele quando se zanga com a rapariga, eu percebo perfeitamente que ele vem outra vez ter comigo... ah e depois eu fui para o Algarve, organizei as férias com os meus irmãos, fui 15 dias para o Algarve, levei o meu filho... e ele ia com a rapariga, a tal, para o Algarve também. Só que se zangaram.

Eu: mas você alguma vez chegou a vê-los juntos?

M: não, não, eu não cheguei a vê-los, mas a estúpida fez o favor de um dia eu estar no Vasco da Gama com ele, porque eu fui fazer umas compras com ele, porque eu depois sou muito mole... sou boazinha... tava a fazer compras com ele na Casa e a gaja viu-nos e

veio ter conosco. Cumprimentar-nos. Esta gaja é maluca! Completamente afetada. Aquilo, ele deu-lhe a volta à cabeça. Ela já estava divorciada à 8 anos, o meu marido ainda por cima, era uma pessoa que ela já conhecia desde a infância, e ela tinha uma paixão por ele...

Eu: hum hum...

M: e foi-lhe logo dizer que já gostava dele, mas nunca tinha dito a ninguém... (silêncio)

Eu: e depois como é que você ficou, quando ela apareceu?

M: eu olhei pra ela, cumprimentei-a e saí. Deixei-a ficar com ela... Ela estava com ar... completamente 10 anos mais velha, completamente... ah, o que é que eu fiz? Achei aquilo tão horripilante... mas depois telefonei-lhe a dizer-lhe. “olha, desculpa la, eu não tinha intenção nenhuma de te magoar, podes ficar com ele à vontade... (risos...)”

Eu: e ela?

M: ai, ainda bem... disfarçou. Vocês são divorciados, eu quando me divorciei, o meu marido deixou-me sozinha e não sei quê... disfarçou... e eu feita parva, sou aquela pessoa muito frontal, digo o que tenho para dizer... mas pronto... ela também não tem culpa. Eu acho que ela esta... Ta disponível e esta ali e ele anda de volta dela...

Eu: quer dizer, ele anda com ela, chateiam-se, vem ter consigo... vai as compras consigo... como é que acha que isto agora vai...

M: ah, eu acho que agora não vai avançar mais.

Eu: como é que você se sente?

M: eu sinto-me muito forte. Muito forte. A única desvantagem... (silêncio), não é desvantagem. Eu senti-me muito mal ao princípio quando ele teve uma pessoa. Ele tem e eu não tenho! Não é... mas não tenho medo. Porque é assim, eu vou-lhe dizer uma coisa... eu da primeira vez, também isso não ajudou muito... eu tinha algumas pessoas, homens interessados em mim. Mas nunca saí por causa dele. Saí por causa do meu marido, saí de casa por causa do meu marido. Pensava que poderia ter o apoio deles, mas nunca tive. Porque eram gajos que nunca conseguiam assumir aquilo, pelo contrário. Tive uma ligação com um, foi só de conversa, com quem tive uma ligação maior. Mas também saí de um divórcio... o outro é solteiro, tem duas namoradas... e aquilo, o tipo do divórcio, nunca consegui também.... Alguma pancada tem. E eu continuei a relacionar-me este tempo todo com ele, mas, agora, desisti completamente dele.

Eu: aquilo não desenvolvia?

M: não, não desenvolve. Vinha ter comigo quando queria... e depois não desenvolve.

Não, não... eu para ter alguém que queira ir para cama comigo, tenho muita gente...

Eu: achava que era só para isso?

M: sim...

Eu: então agora esta completamente livre.

M: ah, eu gajos assim não vale a pena. E o outro que era só conversa e não sei quê, também acho que não vale a pena. Também é uma pessoa muito esquisita, muito estranha, não vale a pena.

Eu: neste momento precisa de pessoas mais saudáveis, digamos...

M: saudáveis, só me aparecem pessoas que parece que não são saudáveis...

Eu: precisa de pessoas que lhe transmitam estabilidade, não é?

M: pois, não me interessa, mas não me sinto mal.

Eu: acha que se sente bem consigo mesma, sente-se diferente?

M: estou diferente.

Eu: para melhor?

M: para melhor. Não estou a dizer que não venha a precisar de uma pessoa...

Eu: também tem muito tempo...

M: eu neste momento não estou preocupada. Também é certo que eu estou com um bocado de receio... tenho de falar com o psiquiatra sobre isso... quando vier a retirar a medicação... desmamar..

Eu: hum hum...

M: que tenha alguma recaída nesse sentido... mas penso que não...

Eu: mas ele arranja logo uma estratégia consigo sobre isso, não se preocupe. Os medicamentos não são retirados assim de repente.

M: neste momento eu não me preocupo nada....

Eu: claro, tens outras prioridades, não é?

M: se fosse aqui há uns tempos atras, ainda sentia muito.... Sentia que os meus amigos não me diziam nada... também tinha amigos comuns com o meu marido, é natural...

Eu: claro...

M: uma vez os meus amigos convidaram-no a ele e à namorada e não me disseram nada e eu fiquei... fiquei tão raivosa... mandei uma mensagem para todos a dizer.. “que raio de amigos é que vocês são?”...

Eu: eles se calhar, queriam protege-la.

M: ah, mas eu não gostei! E depois a que tratou do assunto de convidar toda a gente, porque depois se tornou muito amiga desta, que não era nada amiga... e eu fiquei danada, disse-me: “ah, pensei que.... Era para te proteger...”. “mas quem é que sabe se devo ir ou não devo ir? Es tu que sabes? Por mim podias-me convidar! Olha, vai à merda!” nunca mais falou comigo.

Eu: foi?

M: foi. Quer dizer, acho que no fundo não é minha amiga, porque devia perceber que ele estava num estado assim... só por eu a mandar à merda... o meu marido já a mandou a muitos mais lados e outras coisas....

Eu: qual é que é a sua rede de apoio neste momento?

M: (silencio)

Eu: os seus irmãos?

M: os meus irmãos, a minha família, tenho aqui a minha irmã, tenho o meu filho, tenho uma sobrinha minha que é de lá de cima do norte, que esta ca a estudar e vem passar os fins de semana comigo, vamos à feira, ajuda-me nas compras para a minha casa, vamos à feira da Ladra, sou muito independente... eu não tenho tido é tempo, porque eu ando sempre de volta da casa, sempre entusiasmada com a casa... porque saio ali no Rossio e vou ao teatro, sozinha....

Eu: então...

M: e vou ao cinema sozinha, e sou capaz de ir a um restaurante à noite sozinha, só não vou a um bar, porque já sei que.... É difícil.....

Eu: Pois... é diferente...

M: posso ser mal interpretada... tenho um bocado de dificuldade, mas a um restaurante vou.... E também agora não vou muito a restaurantes, porque não tenho... muito dinheiro para essas atividades... mas vou! As vezes o meu filho também vai, ou minha sobrinha...

Eu: ou seja, esta a recomeçar....

M: mais pela família aqui, porque a família é muito grande... a minha irmã tem 4 netos...

Eu: e sente-se apoiada?

M: sinto. Também vou aos aniversários todos dos miúdos. Vou agora ao batizado da miúda mais nova do meu sobrinho... tenho bastante família aqui em Lisboa, apesar de tudo...

Eu: sente-se acompanhada...

M: não tenho problema nenhum... E dá-me imenso gozo... vivo numa casa agradável, tenho uma vista sobre o Tejo bestial, toda recuperadinha... num prédio antigo, mas toda recuperadinha...

Eu: e agora, esta a fazer decoração à sua maneira...

M: tou... tou feliz....

Eu: ainda bem...

M: sofri muito, mas agora sinto-me muito bem...

Eu: quando é que chegou aquele momento quando pensou: “já não consigo mais?”

M: sabe que teve muita influência a conversa que tive nesse dia... convosco. Eu já há muito tempo...

Eu: foi em fevereiro, não foi, por aí?

M: foi, foi. Eu já há muito tempo... eu nesse dia saí de casa. Porque eu nesse fim de semana e nos fins de semana anteriores, o meu marido andava super deprimido, metido em casa, não ia trabalhar... e nós resolvemos fazer uma obrazita la em casa, porque tinha havido um pequena infiltração no andar de baixo e então nós fomos mexer na sanita e vimos que a sanita estava estragada... e tivemos que comprar uma sanita nova. Ele deu-me cabo da cabeça para eu ir comprar uma sanita. “mas tu estas em casa, trataas tu da sanita, quantas vezes eu não fiz as coisas sozinha sem ti?”. Fez um escarcéu.... E a minha sobrinha tinha vindo nesse fim de semana... a minha sobrinha tem 19 anos... para passar o fim de semana comigo... e eu fui passear com ela para a expo e ela disse-me: “ó tia tu ficas mesmo nervosa...” opá eu sei, isto é horrível, eu já andei em psicólogos.... Mas eu tenho de resolver isto sozinha!... “mas porque é que não falas para o apoio à vítima? E eu disse: “mas aquilo é para gente que não tem meios.... E não sei quê...” mas foi então nesse dia que resolvi sair. É hoje! Ele tinha que fazer uma operação no dia 10 ao nariz...

eu tinha umas férias marcadas com uns amigos para Marrocos... não, não interessa. É hoje, é hoje, é hoje!

Eu: naquele dia estava mesmo com força, não foi?

M: tinha passado um fim de semana horrível, e no domingo....

Eu: pelo que me lembro, estava a telefonar do trabalho, não foi?

M: tava, tava... naquele domingo as coisas estavam mesmo... eu disfarcei, porque estava com a minha sobrinha, e a maior parte das vezes, disfarçava, para não estar sempre em luta...

Eu: é um grande cansaço, já viu?

M: é um grande cansaço. E ele disse “mas a gente tava-se a dar tão bem...”. Ele foi ao medico, eu fui a casa buscar as coisas, que ele ia fazer a operação... e eu trouxe algumas coisas... depois fui nos fins de semana seguintes e ele chorava baba e ranho... perdeu o telemóvel, deu cabo do carro, retraçou tudo tudo tudo.... E eu pensei “é mesmo desta!” e fui. Ainda agora quando fala comigo só se queixa... “a minha mãe isto...” ah! Uma coisa que ele me fazia muitas vezes... a agressividade das palavras era tanta... que eu acho que não deve haver muitas mulheres que ouvissem isto... eu acho que isto é importante dizer. Eu quando dizia “ a tua mãe esta sempre aqui!”, ele dizia “eu entre ti e a minha mãe, escolho a minha mãe!” dizia-me isto. Era uma agressividade tal.... E eu depois dizia-lhe “ai é? Então depois fazes amor com a tua mãe!” (silencio) montes de vezes lhe dizia... e ele dizia “és uma vaca, és uma puta... era tudo! Tudo!...

Eu: quer dizer, quando havia problemas la em casa, ele ficava do lado da mãe.

M: pois, pois.... (silencio)

Eu: ficava do lado da mãe em vez de ficar do lado da esposa.

M: ele as vezes também ficava do meu lado... até porque a mãe ate é uma pessoa... chateia muito as pessoas... esta sempre a barafustar com ela... sempre aos gritos os dois...

Eu: é aquela dependência, não é?

M: é uma coisa horrível, não faz ideia!

Eu: ele deve ter-se sentido mesmo o homem da família, quando aconteceu aquilo com o pai dele... ele ainda era muito pequenino... 10 anos. Ele sentiu logo aquela responsabilidade...

M: ainda por cima o pai marcou-o muito...

Eu: o pai dele também era agressivo?

M: agressivo? Dava-lhe com o cinto! Não foi ele que me contou... mas eu sei.

Eu: será que também era assim para a mãe? Ou era só para eles?

M: não, não... acho que era só para ele. E para a filha também não. Era só para ele, para o rapaz. Tinha era que ter os filhos ali, as 6 da tarde, quando ele chegava... e todos impecáveis, ali...

Eu: como se fosse a tropa?

M: era. Ele devia ser todo apanhado. Prejudicou uma família inteira. E depois a minha sogra vive na iminência de poder acontecer ao filho o que aconteceu ao marido, percebe? E um filho é um filho.

Eu: pois...

M: uma ansiedade.... E ele com ela... ela não atende o telefone, ele pega logo no carro, vai logo a correr para Beja.

Eu: tem medo...

M: tem medo. Há muita ansiedade em relação ao imprevisto... uma coisa indescritível...

Eu. Por isso provavelmente é que ele também não se consegue controlar. Como não controla os acontecimentos exteriores, não se controla a si.

M: eu com o meu filho era uma pessoa normal, consegui... tanto que o meu filho conviveu muito mais comigo... mas eu aproximava-me de uma janela com o meu filho e começavam aos gritos. A minha cunhada, então... “tem cuidado!!” com as filhas tem sempre tudo fechado. Num 6º andar sempre tudo fechado. As vezes um calor, as miúdas ali... e tudo fechado. Agora já tem 15 anos, já não vou lá há algum tempo... completamente descontrolada.

Eu: passa essa ansiedade toda para as filhas.

M: uma descontrolada, tanto que.... Ela deixou de trabalhar... porque não tinha o curso completo... então ficou em casa a tomar conta das filhas. O marido também é psicólogo,

ate um nome conhecido aí da praça... Deixou-a, aqui há uns tempos atras, porque já não podia... já não aguentava... deixou-a há 3 anos atras. E ele ate tem um papel importante aí numa área, ele está na toxicodependência. Ele já não devia aguentar mais... o meu cunhado é uma boa pessoa... e desorganizou-se toda. Aquela ansiedade toda com as filhas... e não sei quantos era pedófilo, porque olhava para a miúda... e ia busca-las ao colégio. Em casa, um descuido completo... ela não consegue tratar das miúdas e ter a casa arranjada ao mesmo tempo...

Eu: não se consegue organizar...

M: não se consegue organizar.

Eu: e o fato dele ter ido embora, ela piorou, completamente.

M: ela já era assim. Imagino que era mais para o exterior, o apresentar-se bem... As miúdas sempre todas arranjadas, no ultimo grito, e a casa toda desarrumada.

Eu: foi assim que o pai deles lhes ensinou, já reparou? Quando chegava a casa, não importava que tivessem todos chateados uns com os outros... nem que tivesse havido uma discussão enorme, eles tinham que estar sempre impecáveis.

M: e no natal... eu toda contente de calças de ganga a fazer o jantar... e ela chegava sempre toda vaporosa... e só a falar dos vestidos das miúdas e dos dela... posso dizer, que grande parte da situação, é para me libertar da família dele, porque não suporto.

Eu: eles vivem para as aparências, não é, não para o real, para o que estão a sentir...

M: completamente.

Eu: a família é desestruturada...

M: é, é... o meu marido é muito mais organizado, em casa e tudo... consegue deixar as coisas mais ou menos, mas depois, na vida, não consegue encadear... trabalhar ao mesmo tempo...

Eu: é muita coisa, ele não consegue organizar tudo. Ele deveria ter prioridades, vou começar por ali... isto é mais importante...

M: mas eu pra mim, ele quis tratar do divórcio, tudo bem...

Eu: como foi, ele aceitou bem?

M: ele ao princípio não queria... mas depois conheceu esta rapariga, e a rapariga pelos vistos... apaixonou-se... das primeiras coisas que fez questão, também deve ter alguma pancada... era eu não queria andar com um homem casado.

Eu: ah, pois...

M: que para mim, são coisas que não têm significado. Também deve ser algum problema, trauma de família... e então... só depois de andar com ela, é que se queria divorciar. E também, decidimos que a casa não vai ser partilhada. Ficamos os dois. Mas vamos assinar um papel em que vamos especificar tudo. Se ele se casar com alguém ou eu, é com separação de bens... e se houver união de fato, fica no papel que a casa é para o meu filho, um dia mais tarde. Ele agora paga o empréstimo todo... e pronto, daqui a 10 anos... esta tudo no papel. Porque ele andou, andou, queria vender a casa, mas pronto, assim tou mais descansada.

Eu: pelo menos entenderam-se assim.

M: mas ele não me dá nada lá de casa, acha que a casa é dele. Ele acha que é tudo dele, até o filho é dele... é muito possessivo! Mesmo quando estava doente queria que eu faltasse ao emprego para eu o acompanhar. Mas eu nunca faltei, sou muito responsável.

Eu: o seu emprego tem sido o pilar da sua vida.

M: mesmo muito doente eu vou. E foi isso que me safou sempre. Sempre fui muito responsável em relação a isso e o meu filho sempre viu o meu exemplo e sempre se portou muito bem.

Eu: neste momento tem alguma perspetiva de futuro?

M: não... o meu futuro agora é continuar no meu emprego e continuar nesta casa...

Eu: é o seu presente.

M: não quero comprar uma casa, não vale a pena. Posso ir querer viver para Braga. Tenho neste momento 54 anos... na banca estão a dar reformas a partir dos 58...

Eu: e em relação a ele, acha que vai conseguir ficar amigo dele?

M: é difícil.... Porque ele exige muito... fica muito chateado de eu não lhe telefonar.... Mas em relação ao divórcio, fomos tratar disso na 6ª feira, portanto olha, que se lixe...

Eu: e agora em relação ao seu dia-a-dia? Sente-se bem?

M: sinto-me bem... uma pessoa divorciar-se é um ato de coragem...

Eu: apetece-lhe dizer alguma coisa, dar alguma conselho a alguém que esteja a passar por uma situação desse género?

M: é muito difícil... é preciso muita coragem.. eu só via as outras a divorciarem-se... e a minha mãe também nunca conseguiu fazer isso.... Era de outra geração... e vou-lhe dizer... há mulheres... e eu desejei a morte do meu marido muita vez. Ate cheguei a pensar que essa era a única maneira de me safar dele... não é que pensasse ser assassina...

Eu: o que queria era apenas acabar com a situação...

M: eu costumava ter este sonho: andava num elevador que quando parava, entrava num corredor que nunca mais acabava... e andava ali...

Eu: era como sentia sua vida, andava, andava, mas não saía do mesmo sitio...

M: era....

Eu: mas agora esta tudo diferente não é?

M: é... graças a Deus.

Eu: olhe, eu agradeço-lhe imenso, a sua disponibilidade, a sua simpatia, a sua abertura para me ter falado da sua vida...

M: ok... eu sei que vocês precisam, e eu gosto de ajudar as pessoas... sou muito solidária...

Eu: muito obrigada. Espero que as coisas lhe corram da melhor forma possível.